

A Comunicação Sindical da CGTP-IN

José Rebelo
Rui Brites

Ficha técnica

Título: A Comunicação Sindical da CGTP-IN

Autores: José Rebelo, Rui Brites

Edição: CGTP-IN

Coordenação: Deolinda Machado

Coordenação Executiva: Alexandre Pires

Colaboração Técnica: Ulisses Garrido, Eugénio Rosa

Layout e paginação: Formiga Amarela, Oficina de Textos e Ideias Lda.

Impressão e acabamentos: Fotolitaria – Produção Gráfica e Publicidade, Lda.

ISBN: 978-989-8430-09-0

Deposito Legal:

Tiragem: 500 exemplares

2012

Índice Geral

Apresentação do Projecto	5
Introdução: Uma comunicação eficaz para sindicatos fortes	7
I Metodologia	17
II Caracterização global da amostra	21
Sindicalizados	21
1. Por sectores de actividade e níveis de ocupação	22
2. Por faixas etárias	23
3. Por graus de escolaridade	24
4. Por regiões	25
5. Por género	26
6. Por filiação sindical: CGTP-IN, UGT, sindicatos independentes e outras organizações sindicais	27
Dessindicalizados	28
Nunca sindicalizados	32
III A informação sobre as iniciativas da CGTP-IN	35
1. Avaliação por faixas etárias e graus de escolaridade	35
2. Avaliação de inquiridos sindicalizados e não sindicalizados	36
3. Avaliação de sindicalizados por filiação sindical: CGTP-IN, UGT Sindicatos independentes e outras organizações sindicais	37
3. 1. Variação por temas	38
4. Avaliação de nunca sindicalizados e de dessindicalizados	40
IV Fontes da informação sobre as iniciativas da CGT-IN	43
V Credibilidade da informação sobre iniciativas da CGTP-IN	47
1. Por faixas etárias	50
2. Por graus de escolaridade	51

3. Por tipo de relação com o meio sindical: sindicalizado, nunca sindicalizado e dessindicalizado	52
4. Por filiação sindical: CGTP-IN, UGT, sindicatos independentes e outras organizações sindicais	53
VI Importância das iniciativas da CGTP-IN	55
1. Por faixas etárias	57
2. Por graus de escolaridade	59
3. Por filiação sindical: CGTP-IN, UGT, sindicatos independentes e outras organizações sindicais	61
VII As representações	63
VIII As greves	71
IX Conclusão: Perfis sociais e sindicais	79
Anexos	87
Questionário	125

Apresentação do Projecto

O Departamento de Comunicação Social da CGTP-IN, ao abrigo do POPH - Programa Operacional Potencial Humano, elaborou um estudo que contou com a colaboração de dois investigadores do ISCTE, Professor Doutor José Rebelo e o Professor Doutor Rui Brites, com o objectivo de determinar a forma como os portugueses, em geral, e os trabalhadores sindicalizados nos sindicatos filiados da CGTP-IN, em particular, recebem as informações e as comunicações da Central, como as interpretam e o que delas retêm.

A obtenção de informações que permitam identificar que práticas favorecem a difusão, interpretação e retenção da informação da CGTP-IN, otimizando fórmulas para futuras estratégias de comunicação, foi outro dos objectivos.

Este estudo intitulado “Estudo sobre a Comunicação Sindical da CGTP-IN” desenvolveu-se ao longo de um ano, entre Outubro de 2010 e Setembro de 2011, encontrando-se agora finalizado.

A comunicação sindical nas suas diversas dimensões – de propaganda junto dos trabalhadores e da população, no relacionamento com os órgãos de comunicação social e com os associados – constitui um elemento essencial e indispensável na organização e acção sindical. Um elemento que cresce de importância, no quadro da acentuação e aprofundamento da ofensiva em curso, também ideológica, e que, neste campo, diversificando e intensificando processos de difusão do pensamento único, procura adormecer consciências, condicionar o pensamento livre e travar a luta consequente e organizada dos trabalhadores e de outras camadas da população.

A concentração dos principais meios de informação nas mãos de um número reduzido de grupos económico-financeiros não é favorável à causa dos trabalhadores. A mediatização da informação sindical é cada vez mais sujeita a formas sofisticadas de manipulação que passam pela tentativa de silenciamento total ou parcial. Os media que trabalham na reconstrução da realidade social têm como objectivo a ocultação dos problemas reais da sociedade, das populações e em particular dos trabalhadores. A informação espectáculo ou a informação negócio, substitui cada vez mais uma informação rigorosa orientada por princípios éticos e democráticos.

A CGTP-IN, como organização que representa as/os trabalhadoras/es portuguesas/

es bem como aqueles que vivem e trabalham em Portugal, é claramente solicitada a apreciar, a actuar e a pronunciar-se sobre os mais diversos temas da actualidade política, económica e social, tendo presentes os mais prementes e diversos contextos laborais.

Dada a dimensão e representação social da CGTP-IN, a sua intervenção é, em larga medida, exposta e veiculada através dos órgãos de comunicação social. Importa analisar, medir e avaliar a sua comunicação para se saber da eficácia e sucesso da mensagem emitida, extremamente importante na defesa dos direitos e dos interesses dos trabalhadores.

Rentabilizar a presença da organização sindical através dos diferentes meios de comunicação, de forma clara, precisa e concisa, colocando no centro a pessoa, a humanização nas relações de trabalho, continua a ser a prioridade.

O aprofundamento de conhecimentos através da realização de estudos e de formação específica sobre a realidade comunicacional, munirá o movimento sindical de melhor preparação para os desafios que se colocam no dia-a-dia.

Urge continuar a defesa de valores como a liberdade de expressão e de informação constitucionalmente consagrados. Rejeitar atitudes conducentes à governamentalização de órgãos de comunicação social; insistir na exigência de separação dos poderes económico, político e da comunicação social; repudiar tentativas de silenciamento de cidadãos e das forças políticas democráticas; pugnar por uma informação livre, isenta e plural que respeite os princípios éticos e deontológicos dos jornalistas, que informe com verdade e incentive uma verdadeira cidadania democrática.

Na área da comunicação social e no Conselho de Opinião da RTP, a CGTP-IN continuará a defender um serviço público de rádio e de televisão assegurado por uma empresa pública que garanta informação rigorosa, isenta, plural e objectiva; um serviço público que contribua para o aprofundamento e consolidação da democracia nas suas múltiplas vertentes, que estimule a participação cívica no país e na diáspora, e que, nos conteúdos que difunde, assegure uma informação que reflecta a realidade laboral, social, económica, política e cultural de Portugal e do mundo.

Uma palavra de agradecimento aos autores e a todos aqueles que se disponibilizaram a colaborar connosco, nas várias fases do processo, para que este trabalho fosse possível.

Deolinda Machado
Comissão Executiva do Conselho Nacional

Introdução: Uma comunicação eficaz para sindicatos fortes

I

O estudo que agora se apresenta resulta de um projecto iniciado em 2007 com um duplo objectivo:

1. dar continuidade à reflexão desenvolvida no âmbito do Centro de Estudos de Antropologia Social e cujos aspectos essenciais foram publicados, em 1994, com o título «Visões do Sindicalismo. Trabalhadores e Dirigentes»¹;
2. lançar as bases de um «Observatório da Comunicação Sindical» susceptível de medir a eficácia dos elementos de informação produzidos pela CGTP-IN.

Projecto vasto, este, o da criação do referido Observatório cuja concretização implicará diversos níveis de actuação. Tratar-se-á, em primeiro lugar, de compilar e de sistematizar, recorrendo a técnicas de análise documental, todo o material informativo produzido pela CGTP-IN, quer no plano nacional, quer nos planos regionais e locais. Tratar-se-á, em segundo lugar, de identificar, através de análises de conteúdo e de discurso, a forma como os meios de comunicação social – jornais, estações de rádio, canais de televisão – utilizam esse material informativo: o que é que aproveitam, de que modo e com que objectivos, explícitos ou implícitos? O que é que recusam/omitem? Enfim, tratar-se-á de avaliar, mediante sondagens de opinião, o impacto, junto das populações sindicalizadas e/ou não sindicalizadas, dos conteúdos mediatizados com origem na informação de fonte sindical.

As constantes mutações que se verificam nas relações de trabalho, a multiplicação dos actores que nelas intervêm e a reconfiguração dos respectivos estatutos e papéis obriga, de facto, as estruturas sindicais a repensar os seus instrumentos de intervenção, sob pena de se eclipsarem enquanto instâncias decisivas na defesa e na promoção de direitos sempre ameaçados.

Num artigo intitulado «Do enquadramento teórico do sindicalismo às respostas

¹ RIBEIRO, Joana, LEITÃO, Nuno, GRANJO, Paulo, Lisboa: Edições Cosmos

² ESTANQUE, Elísio, COSTA, Hermes Augusto (Orgs.), (2011), O Sindicalismo Português e a Nova Questão Sindical. Crise ou Renovação?, Coimbra: Almedina/CES, pp. 13-48.

pragmáticas»², Hermes Augusto Costa passa em revista as teorias explicativas do sindicalismo: da teoria do mercado, segundo a qual os sindicatos se afirmariam, sobretudo, como instituições económicas às quais competiria regular, em conjunto com as organizações patronais, o mercado da oferta e da procura de trabalho, à perspectiva pluralista que destaca os aspectos democráticos e políticos da actividade sindical, passando pela perspectiva marxista que inscreve os sindicatos num contexto de luta de classes. Segundo Hermes Costa, a precariedade, a insegurança e a exploração que caracterizam, hoje, as relações laborais constituem factores que actualizam e, até, reforçam o paradigma marxista de luta de classes. Só que, admite o mesmo autor, esse paradigma é atravessado por tensões contraditórias: entre intervenção política e pragmatismo economicista; entre militância e acomodação; entre solidariedade de classe e sectarismo.

Tensões contraditórias próprias, afinal, de uma sociedade globalizada, como assinala Guy Caire num texto intitulado «Syndicalisme Ouvrier et Mondialisation»³, pela emergência das novas tecnologias de informação e conseqüente influência no sistema produtivo; pela adopção de novas estruturas empresariais, através de fusões e deslocalizações; pela crescente volatilidade dos mercados e diferenciação dos produtos; pela imposição de novos modelos de organização social, económica e política baseados na liberalização/desregulamentação; pela hegemonia, cada vez mais vinculada, dos interesses financeiros.

Como conciliar intervenção política e pragmatismo economicista? Militância e acomodação? Solidariedade de classe e satisfação de interesses individuais ou de grupo? Pensar global e agir local? Sindicalismo internacional de empresa e luta contra a concorrência internacional dos trabalhadores?

Eis um conjunto de interrogações pertinentes. De resposta urgente. Até porque afloram em muitas das críticas e em muitas das representações manifestadas neste estudo.

II

Às tensões contraditórias que agitam as relações de trabalho, correspondem, no campo dos media, outras tensões contraditórias não menos determinantes de uma mutação aparentemente inexorável que põe em causa princípios elementares do

³ In FOUQUET, Annie, REHFELDT, Udo, ROUX, Serge Le (Orgs), (2000), *Le syndicalisme dans la mondialisation*, Paris: Les Éditions de l'Atelier/Les Éditions Ouvrières, pp. 21-30.

direito de informar e de ser informado. No caso específico de Portugal assiste-se, de há três décadas para cá, ao desenvolvimento de processos de concentração mediática no sentido, aliás, do que já se vinha observando além fronteiras. Tal processo conheceu uma primeira fase, nos anos noventa, de agrupamento, sob a mesma tutela financeira, essencialmente nacional, de jornais e revistas, estações de rádio e canais de televisão. Seguiu-se, com o dobrar do século e do milénio, a emergência de novas dinâmicas assentes na transnacionalização e na transsectorização dos grupos multimédia, progressivamente incluídos em complexas redes de sociedades com capitais cada vez mais disseminados e virados para os mais diversificados sectores de actividade. Vejam-se, por exemplo, as ligações estabelecidas entre empresas de comunicação social e empresas de telecomunicações, de energia, de distribuição de produtos alimentares. Veja-se, também, a afluência, ao campo dos media português, de capitais espanhóis, brasileiros e, mais recentemente, angolanos.

Diluem-se, assim, os centros do poder. Ao antigo proprietário, ao patrão de imprensa incensado por antigos jornalistas com os quais ele alimentava laços de indisfarçável paternalismo⁴, sucede um poder desmaterializado, perceptível apenas através daquela escala hierárquica cujo ponto culminante é, no entanto, inacessível. Inseridas numa malha fluida, de interesses imbricados, as empresas multimédia entrelaçam-se, combinam-se com outras de outra natureza e tendem a refinar os seus objectivos: gerar novas necessidades, como condição de escoamento de novos produtos incessantemente lançados no mercado; preparar a opinião pública para projectos financeiros ou políticos de contornos, por vezes, mal definidos.

E os reflexos nas redacções são imediatos. Porque a qualidade e o rigor dos conteúdos mediáticos perdem importância em favor de imperativos de ordem comercial, reduzem-se os efectivos. Dá-se prioridade à contratação, a título precário, de jovens jornalistas. Recorre-se, abundantemente, à figura do estagiário atropelando, se necessário, as disposições legais existentes sobre a matéria. Os dados fornecidos pela Comissão da Carteira Profissional dos Jornalistas são elucidativos: entre 2004 e 2009, o número de jornalistas profissionais passou de 6880 a 6216, o que corresponde a uma baixa de 9,7%. Em contrapartida, e durante o mesmo período, o número de estagiários passou de 395 a 638, isto é, registou um aumento de 62%⁵.

⁴ A propósito, consultar REBELO, José (Coord.), (2011), *Ser Jornalista em Portugal*, Lisboa: Gradiva; CORREIA, Fernando, BAPTISTA, Carla (2007), *Jornalistas, do ofício à profissão: mudanças no jornalismo português (1956-1968)*, Lisboa: Caminho; CORREIA, Fernando, BAPTISTA, Carla, (2009), *Memórias Vivas do Jornalismo*, Lisboa: Caminho.

⁵ *Ser Jornalista em Portugal*, op. cit, p. 57.

Dupla vantagem: redacções mais baratas e mais dóceis. Todos os estudos o comprovam: na mira de obter um lugar, por mais incerto que ele seja, estagiários e jovens jornalistas tendem a secundarizar as normas éticas e deontológicas que regem a profissão⁶.

Mas, se o desinvestimento nas redacções constitui obstáculo à inovação, à irreverência, à contestação no interior dessas mesmas redacções, ele pode, por outro lado, abrir brechas pelas quais se infiltram conteúdos não conformes aos padrões dominantes. É o efeito de inércia: um texto proveniente do exterior da redacção, de fonte minimamente idónea, bem redigido, com um título adequado e acompanhado de ilustrações suficientemente expressivas, tem possibilidade de, automaticamente, ser paginado ou colocado no ar sem grandes preocupações de controle. Eis um efeito perverso. Que pode ser explorado nos mais diversos sentidos. Com as mais diversas intenções. Positivas ou negativas, segundo os pressupostos de quem as avalia.

E depois há as consequências das novas tecnologias. É verdade que as estratégias de concentração reduzem o número de órgãos de comunicação social disponíveis. É verdade que as lógicas subjacentes a essa concentração apontam para uma «domesticação» das redacções. Mas também é verdade que nunca, como hoje, foi tão fácil fazer um jornal, criar uma estação de rádio e, até, um canal de televisão. A que distância nos encontramos da impressão a chumbo, da fita Klang que equipava os velhos gravadores de som, da película em que se captavam as imagens...

E depois há a Internet. E há a blogosfera. Pesem embora medidas político-administrativas que, em diferentes tempos e lugares, procuram condicioná-las, as esferas de produção e de distribuição de conteúdos estão, praticamente, ao alcance de todos. Banalizaram-se.

III

A publicação de «A Comunicação Sindical da CGTP-IN», não é um ponto de chegada. É, como se sublinhou no início deste texto, um ponto de partida para o tão almejado Observatório. O livro situa-se, exclusivamente, ao nível da recepção e analisa as 1004 respostas ao questionário lançado entre os dias 4 e 22 de Dezembro de 2010, ou

⁶ Conferir, nomeadamente, dois inquéritos à classe realizados, sob a égide do Sindicato dos Jornalistas, em 1987 e em 1997 e cujas conclusões a cargo, respectivamente, dos sociólogos José Manuel Paquete de Oliveira e José Luís Garcia, foram apresentadas no I Encontro Nacional de Jornalistas e no III Congresso dos Jornalistas Portugueses. Uma investigação em curso, sobre as «Novas Gerações de Jornalistas Portugueses», coordenada por José Rebelo, corrobora a referida tendência.

seja, logo após a greve geral de 24 de Novembro. Da totalidade dos inquiridos, 753 eram trabalhadores assalariados e 126 encontravam-se noutra situação, sobretudo em situação de trabalho precário. Quase 24% dos entrevistados estavam sindicalizados, sendo a percentagem de sindicalizados na CGTP-IN claramente dominante, na linha, aliás, do que acontece na realidade. Mais de 15% dos inquiridos já tinham sido sindicalizados. Dessindicalizaram-se, por razões que, grande parte, preferiu não explicitar. Cerca de 12,5% estavam no desemprego.

Desagregaram-se - por faixas etárias, por habilitações académicas e por região - as respostas sobre o grau de informação relativa às iniciativas da CGTP-IN, sobre a credibilidade atribuída a essa informação e sobre o interesse das iniciativas referidas. Compararam-se as posições assumidas por não sindicalizados, ex-sindicalizados, sindicalizados na CGTP-IN, na UGT assim como noutras organizações. Desenharam-se imagens construídas em torno da CGTP-IN, por aderentes a esta ou a outras organizações sindicais. Elaborou-se um retrato tipo do sindicalizado em cada uma das organizações consideradas.

Numa primeira abordagem é possível enunciar, desde já, algumas conclusões, e esboçar linhas de actuação futura no que toca à comunicação entre a CGTP-IN e os seus filiados, directamente ou através dos media.

Sem quaisquer pretensões de exaustividade, note-se:

1. O grande peso da Administração Pública no recrutamento sindical (41% dos inquiridos sindicalizados) e, conseqüentemente, a importância de sindicalizados com formação superior (24,6% dos inquiridos). Ao peso da Administração Pública acresce o peso dos Serviços (34%). Sem pôr de parte alguma distorção na construção da amostra, poder-se-á admitir a existência de uma maior propensão à sindicalização no sector terciário, em detrimento da sindicalização em meio industrial. Esbatimento do paradigma tradicional de sindicalismo operário?
2. A baixa taxa de sindicalização junto da população mais jovem. Já observada por Elísio Estanque e Hermes Augusto Costa⁷, esta dificuldade de aproximação entre jovens e estruturas sindicais admite várias explicações. O acto de sindicalização exprime, não raramente, uma intenção reivindicativa, uma vontade de protesto e, logo, representa um risco, sobretudo para quem se encontra em situação de trabalho precário. Por outro lado, é geralmente admitido que o sindicalismo está mais vocacionado para a defesa dos interesses dos trabalhadores em situação de emprego/desemprego relegando, para plano secundário, aqueles que não con-

⁷ Op. cit, p. 6.

seguiram, ainda, entrar no mercado de trabalho. Um ano após a assinatura do «Plano de Assistência Económica e Financeira» que obriga Portugal ao cumprimento de uma série de medidas de austeridade impostas pela União Europeia, pelo Banco Central Europeu e pelo Fundo Monetário Internacional, o desemprego juvenil atinge as duas centenas de milhar. E o termo desemprego talvez não seja, neste caso, o mais correcto. Na verdade, só está desempregado quem já teve um emprego. Ora a maioria esmagadora dos jovens luta, sim, por um primeiro emprego. Por uma ocupação remunerada. Que nunca teve. A aproximação entre estruturas sindicais e jovens, indispensável à renovação dos próprios sindicatos exige, pois, que estes inscrevam a busca de um primeiro emprego e o combate à precariedade no centro das suas preocupações.

3. A importância, quanto à divulgação das actividades da CGTP-IN, na televisão e nos jornais diários. Tal importância, não faz mais do que reflectir a importância dos grandes meios de comunicação social na formação da opinião pública em geral, como o comprova um estudo sobre o tema, realizado por encomenda da Entidade Reguladora para a Comunicação Social (ERC): aproximam-se dos 100% os que afirmam ver televisão, independentemente da idade, da escolaridade e do género⁸. Só que, uma coisa é ver televisão e ler jornais, outra é confiar naquilo que mostram ou naquilo que escrevem. Comparando os resultados do inquérito realizado para o estudo sobre «A Comunicação Sindical da CGTP-IN», com os resultados do inquérito patrocinado pela ERC, verifica-se que, de acordo com o primeiro dos inquéritos evocados, o grau de desconfiança nas notícias sobre a CGTP-IN, publicadas nos jornais ou transmitidas pela televisão, é superior ao grau de desconfiança que, segundo o inquérito da ERC, jornais e canais de televisão suscitam na população portuguesa, independentemente das questões tratadas. Acresce que essa maior desconfiança, sobre notícias referentes a iniciativas da CGTP-IN, aumenta com a idade dos inquiridos e é ainda maior junto dos inquiridos sindicalizados.

4. A relativa importância das publicações sindicais que surgem em terceiro lugar, logo após a televisão e os jornais e antes da rádio, como fonte de informação sobre as actividades da CGTP-IN. Fonte de informação muito usada e gozando de elevados índices de credibilidade (81,6% dos sindicalizados na CGTP-IN acham-na «credível» e «muito credível»). Trata-se de algo extremamente relevante e que surpreendeu os próprios investigadores. Eis uma via a desbravar: a boa

⁸ REBELO, José (Coord.), (2008), Estudo de Recepção dos Meios de Comunicação Social, Lisboa: ERC.

receptividade das publicações sindicais incita, com efeito, a um melhor aproveitamento deste meio.

5. A deficiente penetração dos conteúdos veiculados pela CGTP-IN via Internet. Um quinto dos inquiridos sindicalizados afirma que nunca consultou o site da CGTP-IN. Percentagem anormal, se considerarmos a elevada percentagem dos que têm formação superior e trabalham no sector terciário, mais familiarizados, portanto, com a Internet. Talvez resida, aqui, uma questão merecedora de ser seguida mais atentamente.

6. Quase dois terços da população estudada considera-se pouco ou nada informada sobre as actividades da CGTP-IN, em particular no que respeita a temas como «saúde», «impostos» e «segurança social». Mas julga-se suficientemente informada quando se trata de «greves», «desemprego» e «direitos dos trabalhadores». Repare-se que esta divisão se mantém quando se passa do total dos inquiridos para os inquiridos sindicalizados. Isto é, também os inquiridos sindicalizados avaliam como insuficiente a informação sobre «saúde», «impostos», «segurança social» e como suficiente a informação sobre «greves», «desemprego», «direitos dos trabalhadores». Ora, a informação recebida é avaliada em função do assunto que trata. Se a informação remete para um assunto entendido como relevante ela será, rapidamente, catalogada como insuficiente. Se, pelo contrário, remete para algo negligenciável, muito facilmente aparecerá como suficiente. No caso presente, é lícito interrogarmo-nos sobre as razões pelas quais é insatisfatória a informação da CGTP-IN sobre «saúde», «impostos» ou «segurança social» e satisfatória a que se refere a «greves», «desemprego», «direitos dos trabalhadores». Exemplo das tensões contraditórias de que nos fala Hermes Costa? Emergência de um pragmatismo economicista, em detrimento de uma atitude de intervenção política? Colocação de interesses individuais ou de grupo acima de princípios de solidariedade de classe?

7. São curiosamente vagas as justificações para a dessindicalização. Quase 20% dos ex-sindicalizados invocaram falta de interesse e 35,6% não estavam satisfeitos ou saíram por «outro motivo» que, todavia, não revelam⁹. É possível que este desinteresse, esta insatisfação ou este «outro motivo» ciosamente guardado se reportem mais a atritos de natureza pessoal ou corporativa do que a divergências de ordem política. Com efeito, eventuais motivos incluídos no questionário como

⁹ Dão matéria para reflectir duas outras razões, estas bem explícitas, igualmente avançadas: desemprego (18,5% dos inquiridos dessindicalizados), mudou de emprego (17,2%), quotas muito altas (7,0%).

«o sindicato envolvia-se demais em política», ou «sentia-se obrigado a fazer greves», ou «discordou de uma decisão sindical» são irrelevantes: cada um deles obteve uma única resposta.

8. Isto não significa, porém, a ausência de críticas quanto a uma demasiada partidarização da actividade sindical, já observada em *Visões do Sindicalismo*, trabalhadores e dirigentes, e realçada pelo sociólogo João Freire no respectivo Prefácio¹⁰. Parece-nos no entanto que, num domínio tão delicado como este, importa aprofundar os estudos já que as respostas obtidas se revelam pouco concludentes. Assim, embora 60% dos 1004 inquiridos ache que «os sindicatos têm em conta a opinião dos trabalhadores nas suas decisões», ascendem a 51,7% os que acusam os sindicatos de estarem «mais interessados em fazer política partidária do que na defesa dos trabalhadores». Opinião, esta, que encontra eco junto dos próprios sindicalizados que a subscrevem à altura de 47,9%. Tal dualidade é reforçada quando se convida o inquirido a manifestar a sua opinião relativamente à frase seguinte: «A CGTP-IN é sempre do contra». Mais de metade (53,1%) discorda total ou parcialmente, situando-se nos 38,5% a percentagem daqueles que a aceitam.

9. A greve não é apanágio exclusivo dos sindicalizados. De facto, um quarto dos inquiridos não sindicalizados já fez greve e um quarto dos sindicalizados nunca a fez. É verdade que, para este quarto que nunca a fez, contam, sobretudo, sindicalizados na UGT...

10. A atitude relativamente à greve reveste-se de características que interessa destacar. Uma nítida maioria dos inquiridos vê-a como útil. Percepção que, naturalmente, aumenta nos sindicalizados. Mas quando se lhes pergunta quais os resultados obtidos na sequência da última greve que terá feito, a resposta é, quase sempre, descoroçoante: para mais de metade a resposta é « nenhuns » e só 6,5% declaram ter obtido satisfação total. A explicação desta aparente disparidade poderá residir na descoincidência dos grupos interrogados. À pergunta sobre a utilidade da greve respondem todos os inquiridos, tenham ou não feito greve. À pergunta sobre os resultados alcançados respondem, apenas, os que fizeram greve. Donde a conclusão: é no próprio acto da greve que os grevistas se apercebem da sua inutilidade. E inutilidade porquê? Uma das hipóteses explicativas está em que, com a preocupação de obterem os maiores índices de mobilização, as estruturas sindicais tendem a apresentar a greve como provável solução para os

¹⁰ Op. cit. p. 12.

problemas imediatos. Aqueles que atormentam o quotidiano. Não havendo solução concreta, de pouco valerá argumentar em torno do valor, da força do protesto, como factor de resolução do problema embora a prazo.

11. Enquanto Confederação sindical, e no cômputo das respostas apuradas, a CGTP-IN beneficia de uma opinião favorável e a sua histórica ligação ao Partido Comunista Português parece declinar. Com efeito, quando se pergunta aos sindicalizados na CGTP-IN qual a principal imagem que associam à Confederação surge, por ordem decrescente: «Defesa dos direitos do trabalhador», «Poder reivindicativo», «Manifestações», «Líder», «Delegado sindical» e, só em sexto lugar, «Partido Comunista». Note-se que a associação a «Partido Comunista» é quase nula nos sindicalizados mais jovens, adquirindo alguma expressão nos mais velhos.

12. A imagem favorável da Confederação não é automaticamente transmitida às organizações sindicais de base: 46% dos inquiridos sindicalizados estimam que os sindicatos do seu sector não sabem o que se passa no seu local de trabalho. É toda uma problemática que, aqui, está em jogo e que aponta para o aperfeiçoamento da relação de comunicação entre delegados sindicais e sindicalizados. Uma relação de comunicação capaz de fazer a síntese entre interesses colectivos, de classe, e necessidades individuais, de resolução urgente.

Independentemente de se estar sindicalizado ou não e, para os sindicalizados, independentemente do sindicato que merece as suas preferências, uma coisa é certa: a esmagadora maioria dos interrogados (91,5%) estima que «os trabalhadores precisam de sindicatos fortes».

*José Rebelo
Rui Brites*

I Metodologia

1. Recolha de informação

A informação foi recolhida através de entrevista telefónica (CATI System), suportada por questionário estruturado, desenvolvido pela Marktest com perguntas abertas e fechadas, com base num questionário concebido pelos investigadores e validado pela CGTP-IN. Decorreu da seguinte forma:

- Numa 1a fase, as entrevistas foram distribuídas pelos concelhos que constituem a amostra, de acordo com o seu peso relativo.
- Os lares foram escolhidos aleatoriamente, pelo processo random digital dialing, a partir de uma base de dados de números de telefone dos concelhos referidos.
- Em cada unidade amostral (residência), seleccionou-se o elemento amostral de acordo com quotas pré-definidas, considerando as variáveis sexo, escolaridade e idade.
- A recolha efectuou-se entre os dias 4/12/2010 e 22/12/2010.
- As entrevistas foram conduzidas por entrevistadores, com 18 ou mais anos, formados e treinados especificamente para este estudo, com briefing específico e simulação de entrevista.
- A duração média da entrevista foi de cerca de 14 minutos.

2. Controlo de qualidade

O controlo de qualidade da informação recolhida efectuou-se em 3 fases:

- 1ª Acompanhamento permanente na sala de CATI por um coordenador de campo.
- 2ª Supervisão telefónica por segundo contacto, tendo sido novamente contactados 12% do trabalho efectivo a 100% dos elementos intervenientes. Neste processo, foram confirmadas algumas das respostas do entrevistado.
- 3ª Validação de consistência de respostas durante o processo de recolha de informação, já que o sistema MTCATI permite efectuar de imediato uma validação lógica no próprio momento da aplicação de um questionário. Sendo a validação lógica aplicada automaticamente e em tempo real, posteriormente, apenas se torna necessário proceder à validação de consistência.

3. Universo

O universo estudado é constituído pelo conjunto de trabalhadores assalariados portugueses, de ambos os sexos, com idade igual ou superior a 16 anos, residentes em Portugal Continental, nas capitais de distrito e respectivos concelhos suburbanos, em lares com telefone de rede fixa.

4. Amostra

A amostra é representativa do universo em estudo, com uma distribuição proporcional à população residente, de acordo com as variáveis sexo, idade e concelho de residência com ponderação dos resultados em função da variável instrução escolar do entrevistado.

A amostra é constituída por 1004 entrevistas, sendo 238 os inquiridos sindicalizados. Para se atingir este número de sindicalizados, foi necessário efectuar uma sobre amostra de cerca de 55 entrevistas, quando estavam realizadas 950 entrevistas.

A margem de erro máxima para o total, para um intervalo de confiança de 95%, é de ± 3.09 p.p.

5. Tratamento e análise da informação

Os dados foram disponibilizados pela Markttest em ficheiro IBM SPSS, validado pelos investigadores.

O tratamento e análise da informação recolhida é da responsabilidade dos investigadores e teve como objectivo fundamental dar resposta cabal aos requisitos enunciados na proposta de candidatura, nomeadamente no que se refere aos seguintes aspectos:

- Caracterização sociográfica dos públicos.
- Caracterização das formas de recepção da informação veiculada pela CGTP .
- Avaliação da credibilidade da informação difundida pela CGTP, em função dos diversos media.
- Atitudes face à CGTP e sindicatos.

Tendo em conta os objectivos enunciados na proposta de candidatura, a análise estatística permitiu uma descrição exhaustiva do objecto de estudo, bem como a sua compreensão e extensão, recorrendo para o efeito, aos seguintes procedimentos estatísticos:

- análise univariada: descrição exhaustiva de resultados através de quadros e gráficos de frequências.
- análise bivariada: quadros e gráficos de cruzamentos simples e percepção da magnitude das diferenças observadas.

▸ análise multivariada: identificação de dimensões latentes, segmentos e perfis de públicos, bem como a compreensão das suas atitudes, crenças e valores sobre o sindicalismo e a CGTP-IN.

6. Apresentação de gráficos e de tabelas

À numeração romana dos gráficos incluídos no texto, corresponde a numeração árabe das tabelas que figuram no anexo

II Caracterização global da amostra

A amostra, de 1004 inquiridos, decompõe-se da seguinte maneira:

- 38 patrões com empregados,
- 87 independentes (sem empregados),
- 753 assalariados
- 126 trabalhadores noutra situação (trabalho precário, etc).

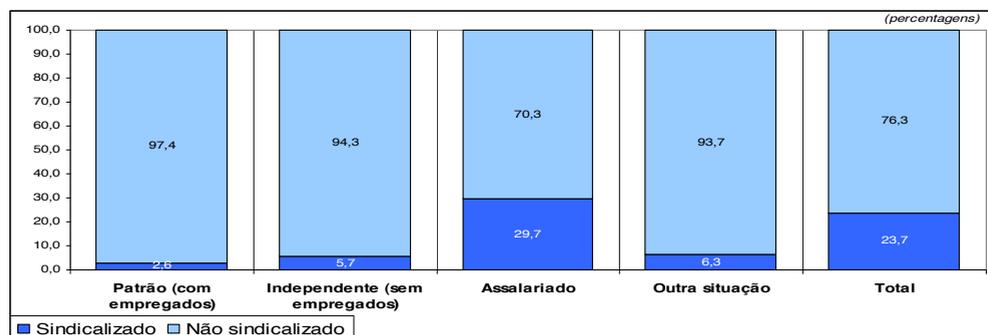
Desagregando por níveis de ocupação, obtêm-se elementos estatísticos reveladores, nomeadamente, do peso dos trabalhadores desempregados: 124, isto é, 12,4%. Se considerarmos os dados relativos ao desemprego no momento do lançamento do questionário - Dezembro de 2010 - concluímos pela pertinência da amostra constituída.

Sindicalizados

Do total de inquiridos, 238 são sindicalizados o que corresponde a uma taxa média de 23,7% que varia, naturalmente, em função dos respectivos estatutos profissionais. Assim, por exemplo, no grupo dos «assalariados», a taxa de sindicalizados que responderam ao questionário atinge os 29,7% enquanto que, no grupo dos «patrões com empregados», apenas um reconhece a sua filiação sindical.

Gráfico I

Sindicalização por situação no emprego (N=1004)



Fonte: Sondagem CGTP-IN|Marktest, Dezembro 2010

Os valores encontrados para a taxa média de sindicalizados permitem concluir que, também deste ponto de vista, a amostra parece pertinente. Com efeito, numa comunicação sobre O sindicalismo europeu: organização, filiação e representatividade, apresentada no colóquio internacional «Por uma nova agenda sindical» que se realizou em Lisboa, em Junho de 2011, Pere J. Beneyto, da Universidade de Valência, estimou em 23,4% a taxa média de sindicalização nos 27 países da União Europeia, com um máximo de 74,7% para o conjunto dos países escandinavos e um mínimo de 18,8 para os países que integram o leste europeu¹.

1. Por sectores de actividade e níveis de ocupação

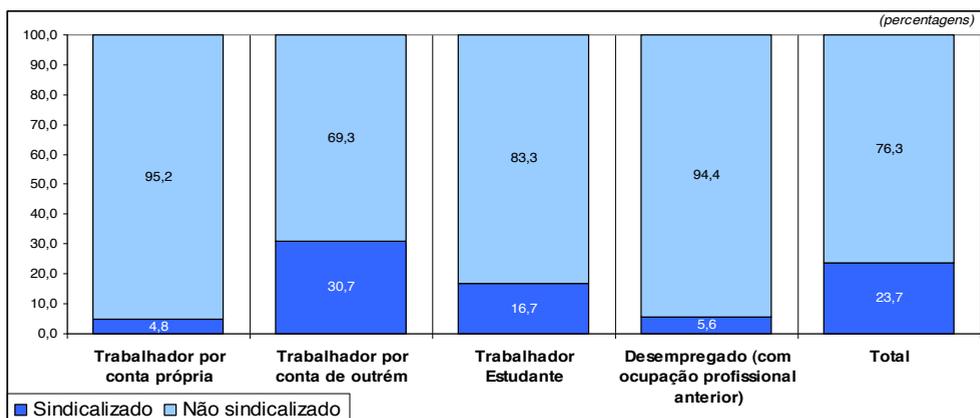
Já a sua distribuição por sector de actividade, suscita alguns problemas. É que, dos 238 sindicalizados, 98 situam-se na administração pública, 80 no sector dos serviços, 23 na indústria e apenas 2 na agricultura.

Haverá, por conseguinte, alguma distorção comparativamente à efectiva distribuição dos sindicalizados, por sector de actividade, no plano nacional.

Saliente-se que a maioria esmagadora dos desempregados, embora com ocupação profissional anterior, não se encontra sindicalizada. Por outro lado, a reduzida dimensão do grupo de trabalhadores estudantes abrangidos pela amostra – 12 – não permite tirar quaisquer conclusões a este respeito.

Gráfico II

Sindicalização por níveis de ocupação (N=1004)



Fonte: Sondagem CGTP-IN/Markttest, Dezembro 2010

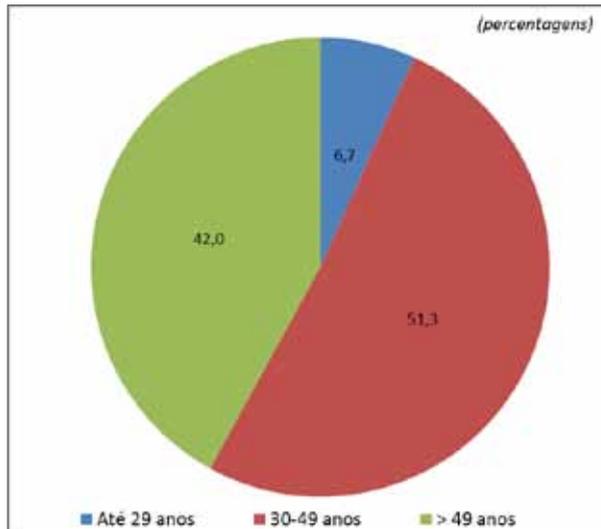
¹ Segundo Pere Beneyto, assiste-se, no decurso dos últimos quinze anos, a uma descida quase generalizada da filiação sindical com particular incidência nos países do leste europeu onde a baixa, no período considerado, atinge os 53,5%. Apenas os países mediterrâneos (Portugal, Espanha, França, Itália e Eslovénia) contrariam a tendência já que, no seu conjunto, registaram um crescimento de 2,4%.

2. Por faixas etárias

Os 238 inquiridos sindicalizados distribuem-se pelas faixas etárias seguintes:

Gráfico III

Desagregação dos sindicalizados por faixas etárias (N=238)



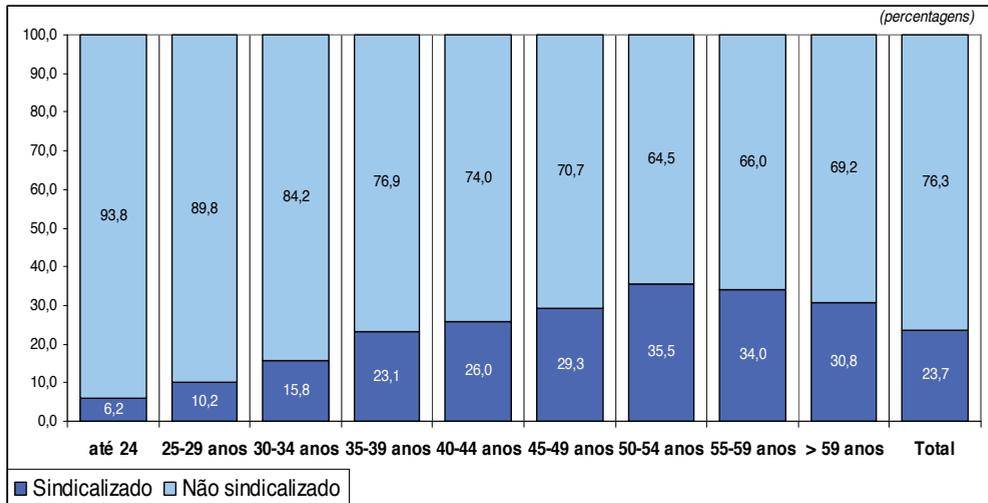
Fonte: Sondagem CGTP-IN/Marktest, Dezembro 2010

Comparando com o total de inquiridos (1004) verifica-se uma subida contínua e regular de sindicalizados até à faixa dos 50-54 anos em que o índice de sindicalização (35,5%) é o mais elevado e uma descida igualmente contínua e igualmente regular a partir daí.

Em termos genéricos, os índices de sindicalização são particularmente relevantes entre os 35 e os 59 anos de idade. São mais baixos nos segmentos da população dos mais jovens e dos mais idosos.

O que não surpreende. Com efeito, a eventual sindicalização só ocorre após a obtenção de um primeiro emprego, tarefa que, sobretudo nos tempos actuais, não é nada fácil. Por outro lado, a sindicalização assume-se, frequentemente, como um acto reivindicativo logo gerador de riscos, sobretudo para quem não beneficia, ainda, de um mínimo de estabilidade na relação laboral. É também provável que a filiação num sindicato, quando avaliada apenas em termos práticos, diminua de interesse com a chegada da idade da reforma. Daí uma progressiva desfiliação, acentuada, ainda, pelo findar de certos mecanismos como o da dedução automática das quotizações sindicais na folha de salário.

Gráfico IV

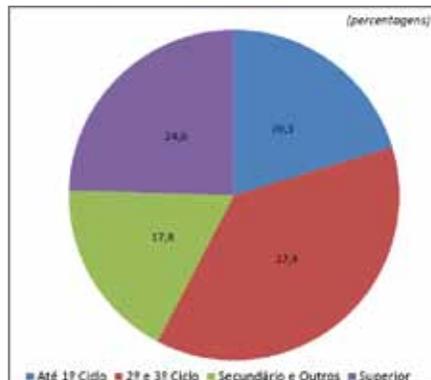
Sindicalização por faixas etárias (N=1004)

Fonte: Sondagem CGTP-IN/Marktest, Dezembro 2010

3. Por graus de escolaridade

No grupo dos sindicalizados, destaca-se a elevada percentagem dos que têm estudos superiores (24,6%) o que não corresponde ao panorama do mundo sindical em Portugal. Este aspecto deve-se, muito provavelmente, ao enviesamento já assinalado da amostra, na qual os sindicalizados na administração pública e no sector dos serviços assumem um peso desproporcionado.

Gráfico V

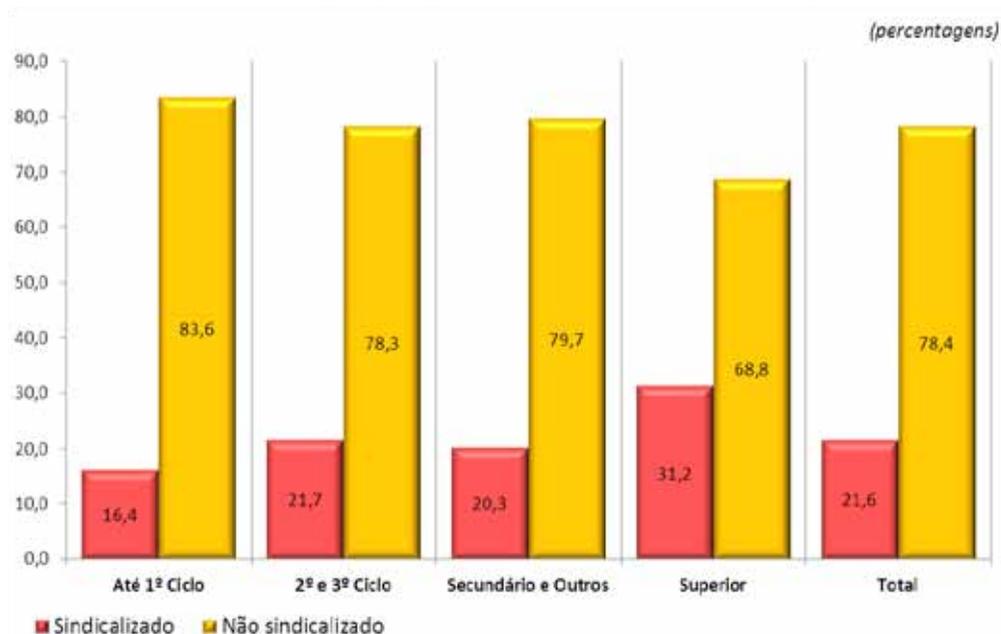
Sindicalização por faixas etárias (N=1004)

Fonte: Sondagem CGTP-IN/Marktest, Dezembro 2010

Comparando com o total de inquiridos, a importância relativa dos sindicalizados com formação superior é ainda mais notória: passa a 31,2%, ou seja, quase um terço dos inquiridos com formação superior estão sindicalizados

Gráfico VI

Sindicalização por graus de escolaridade (N=1004)



Fonte: Sondagem CGTP-IN|Marktest, Dezembro 2010

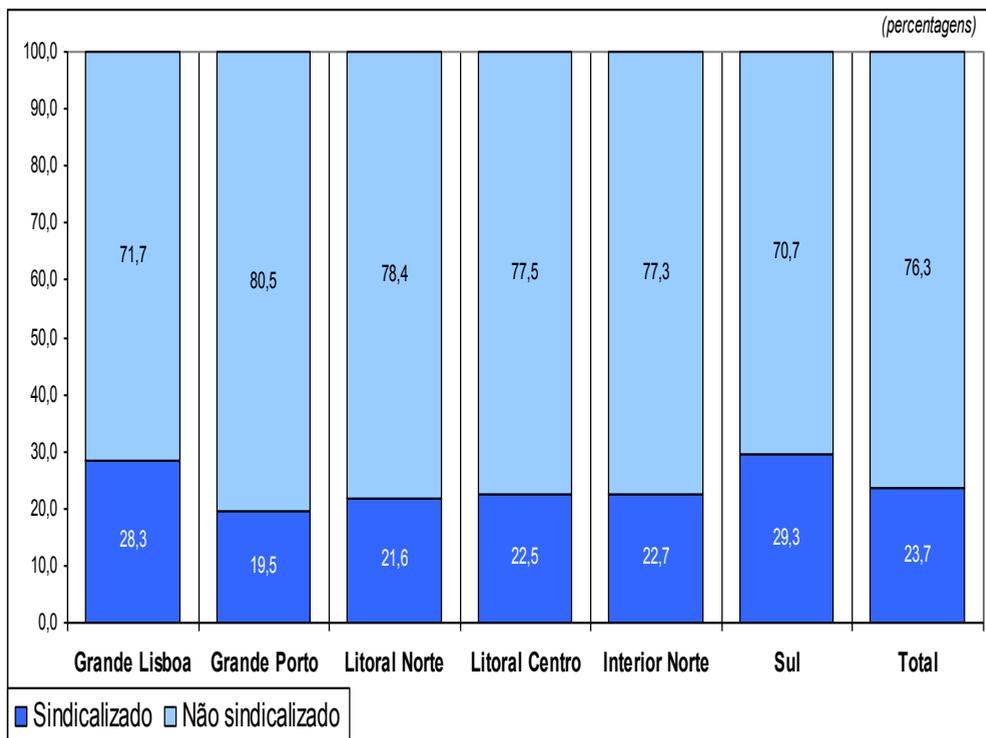
4. Por regiões

Avulta a diferença entre a região de Lisboa com uma forte taxa de sindicalização (28,3%) e a região do Porto onde a sindicalização (19,5%) é claramente inferior à média nacional.

Observa-se a mesma diferença na comparação entre a região sul, com a maior taxa de sindicalização do país (29,3%) e, por outro lado, as regiões do litoral centro e norte, assim como do interior norte que, no seu conjunto, apresentam uma sindicalização a rondar os 22%.

Tais disparidades explicam-se pela estrutura dos aparelhos produtivos que, digamo-lo sumariamente, distinguem a metade sul da metade norte de Portugal. Explicam-se, também, por factores históricos e políticos ligados à própria história do movimento sindical.

Gráfico VII

Sindicalização por regiões

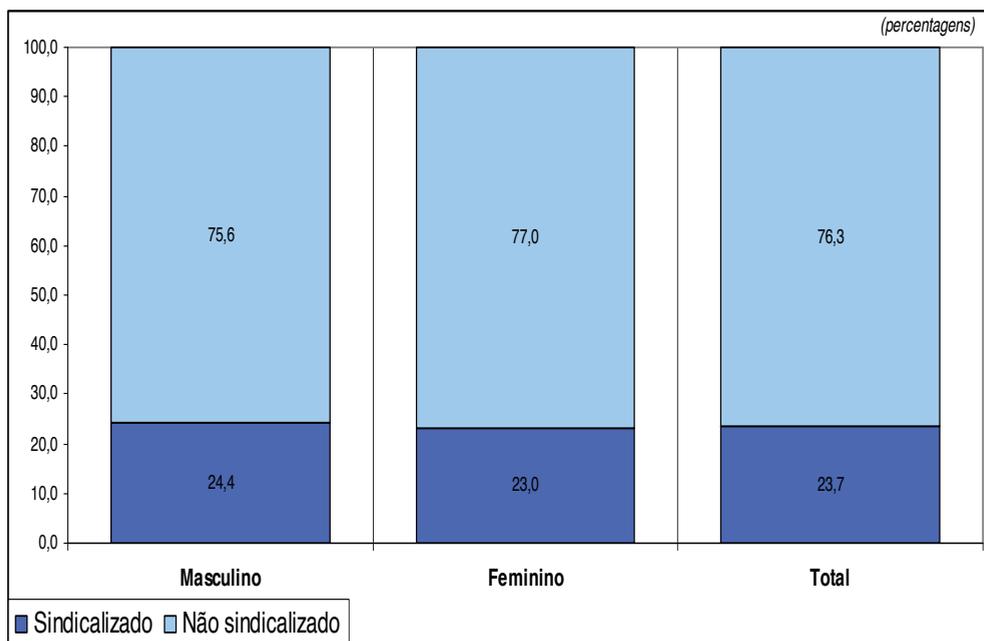
Fonte: Sondagem CGTP-IN/Marktest, Dezembro 2010

5. Por género

Se os indicadores da sindicalização por regiões correspondem à imagem enraizada no espaço público sobre as especificidades económicas, políticas e culturais da metade norte e da metade sul do país, já a distribuição por géneros justifica uma reflexão muito especial.

É que, contrariamente ao que poderia supor-se, o índice de sindicalização das mulheres aproxima-se significativamente do índice de sindicalização dos homens (respectivamente 23 e 24,4%). Uma proximidade já verificada por Pere J. Beneyto no estudo citado e que se afasta, aliás, da tendência reconhecida nos países latinos do sul da Europa, especialmente em Espanha e na Itália onde a distribuição por géneros é, no primeiro caso, de 20% de homens para 12% de mulheres e, no segundo, de 34% para 23%.

Gráfico VIII

Sindicalização por género

Fonte: Sondagem CGTP-IN/Marktest, Dezembro 2010

6. Por filiação sindical: CGTP-IN, UGT, sindicatos independentes e outras organizações sindicais

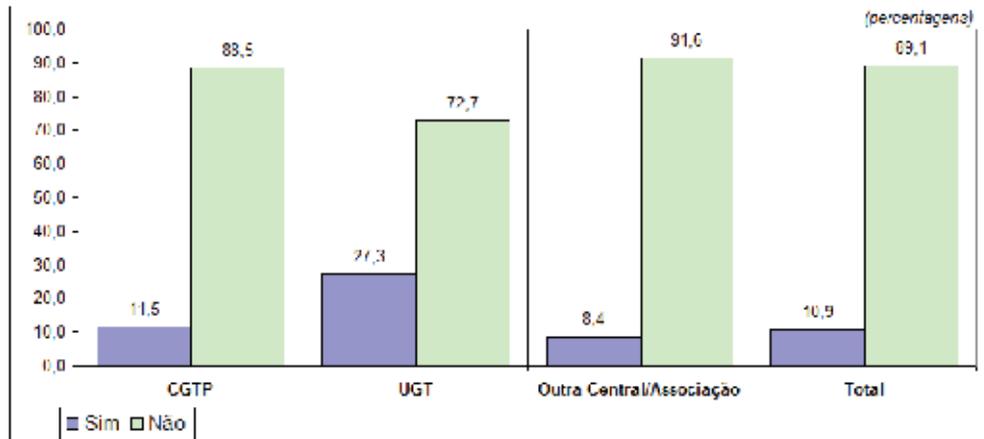
A CGTP-IN é a estrutura sindical mais representada na amostra, com 113 inquiridos pertencentes a sindicatos nela incluídos. Seguem-se sindicatos independentes ou ligados a diversas organizações sindicais com 92 inquiridos e a UGT com 33.

Para se conhecer mais de perto a natureza do conjunto dos sindicalistas englobados na amostra, importa saber qual o grau da sua participação sindical, ou seja, qual a proporção daqueles que exercem funções na central ou na organização sindical a que pertence o sindicato em que estão filiados.

Pareceu-nos que se justificaria adicionar, aos sindicalizados no momento da realização do inquérito, os que já estiveram sindicalizados em tempos anteriores. Chega-se a um total de 395 inquiridos, dos quais 43 já desempenharam cargos de direcção, 33 sindicalizados e 10 dessindicalizados, assim distribuídos quanto à sua filiação sindical:

Gráfico IX

Exerce ou exerceu cargo sindical na central/associação sindical a que pertence o sindicato de que é membro



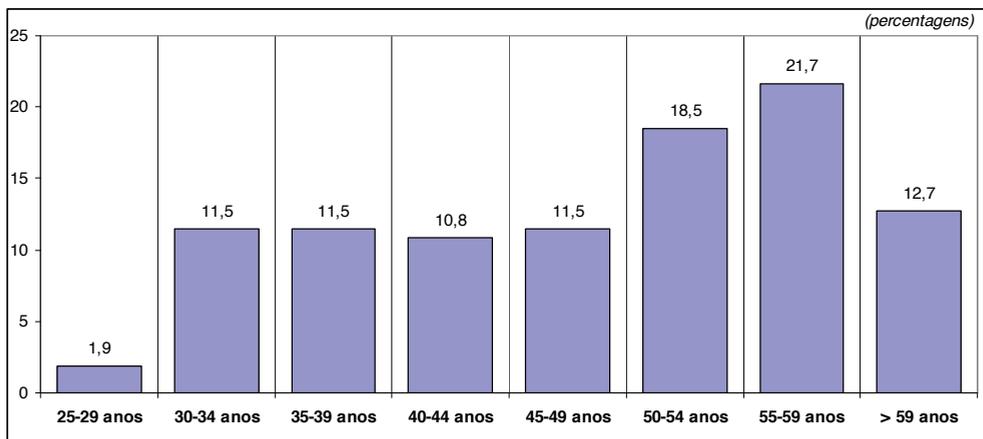
Fonte: Sondagem CGTP-IN|Markttest, Dezembro 2010

Dessindicalizados

Dos 766 inquiridos não sindicalizados, 157, como se viu anteriormente, já o foram. É, sobretudo, nas faixas etárias dos 50 aos 54 e dos 55 aos 59 anos que a frequência de desfiliação sindical é mais elevada. O que não causa admiração: quanto maior é o número de sindicalizados, maior será, também, o número dos que se desvinculam de um sindicato.

Gráfico X

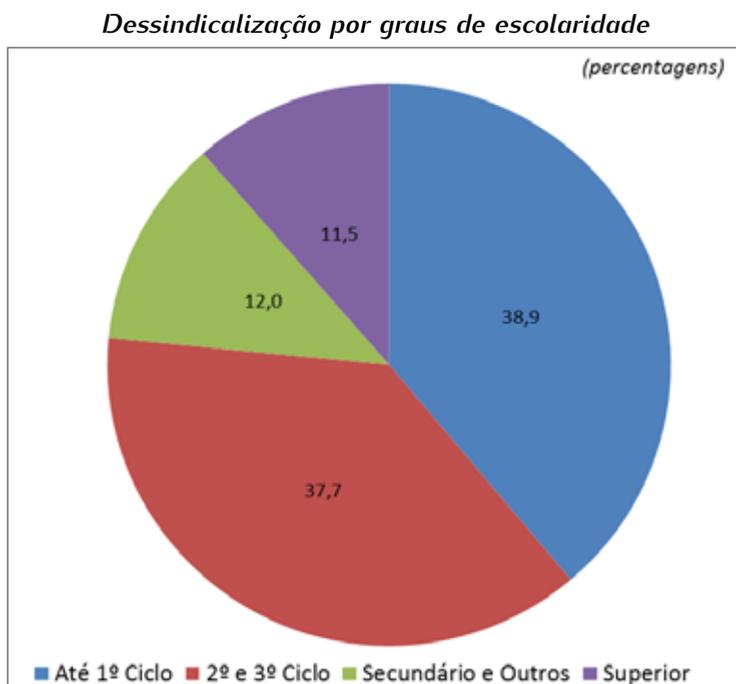
Dessindicalização por faixa etária



Fonte: Sondagem CGTP-IN|Markttest, Dezembro 2010

A mesma explicação aplicar-se-á à desfiliação por sectores de actividade já que, em valores absolutos, o maior volume de desfiliações verifica-se nos serviços (44), na administração pública (35) e, a larga distância, na indústria (12). Justamente os sectores de actividade com mais trabalhadores sindicalizados, como já se viu, aliás. Por outro lado, a desvinculação sindical é maior nos inquiridos com habilitações académicas ao nível do 1o, 2o e 3o ciclos e menor junto dos que têm formação superior. A explicação, para esta diferença, pode encontrar-se, segundo os casos, num maior grau de consciência cívica e política susceptível de conduzir sindicalizados de formação académica superior a manterem a ligação ao seu sindicato, apesar de eventuais divergências, como também no estatuto sócio- profissional do sindicalizado de formação superior, estatuto este gerador de uma visão mais pragmática, mais utilitarista e, eventualmente, mais estável das vantagens que a filiação sindical pode trazer.

Gráfico XI

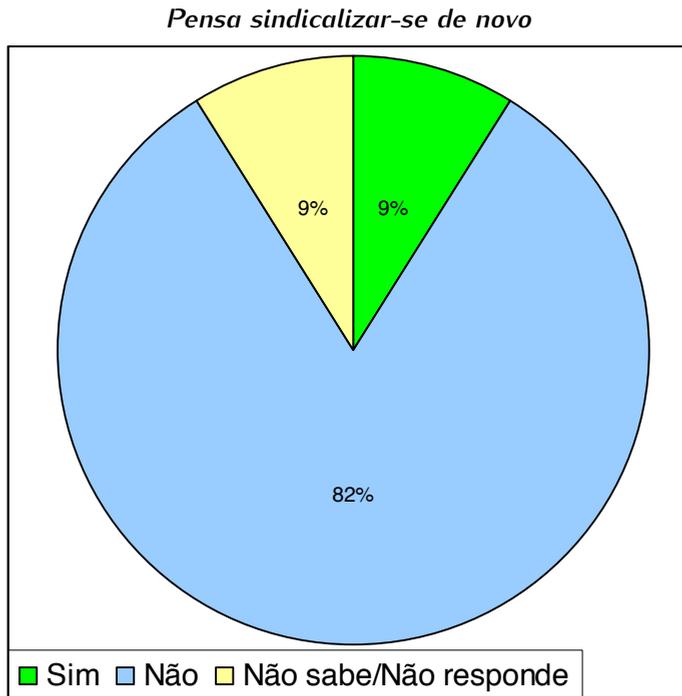


Fonte: Sondagem CGTP-IN/Marktest, Dezembro 2010

Quando a saída ocorre, ela é, praticamente, sem regresso. De facto, a maioria esmagadora dos que saíram não pensa vir a reaproximar-se de uma qualquer estrutura sindical.

Considerando a idade média bastante elevada dos inquiridos ex-sindicalizados (acima dos 50 anos), tal desafecção torna-se mais fácil, ainda, de explicar.

Gráfico XII



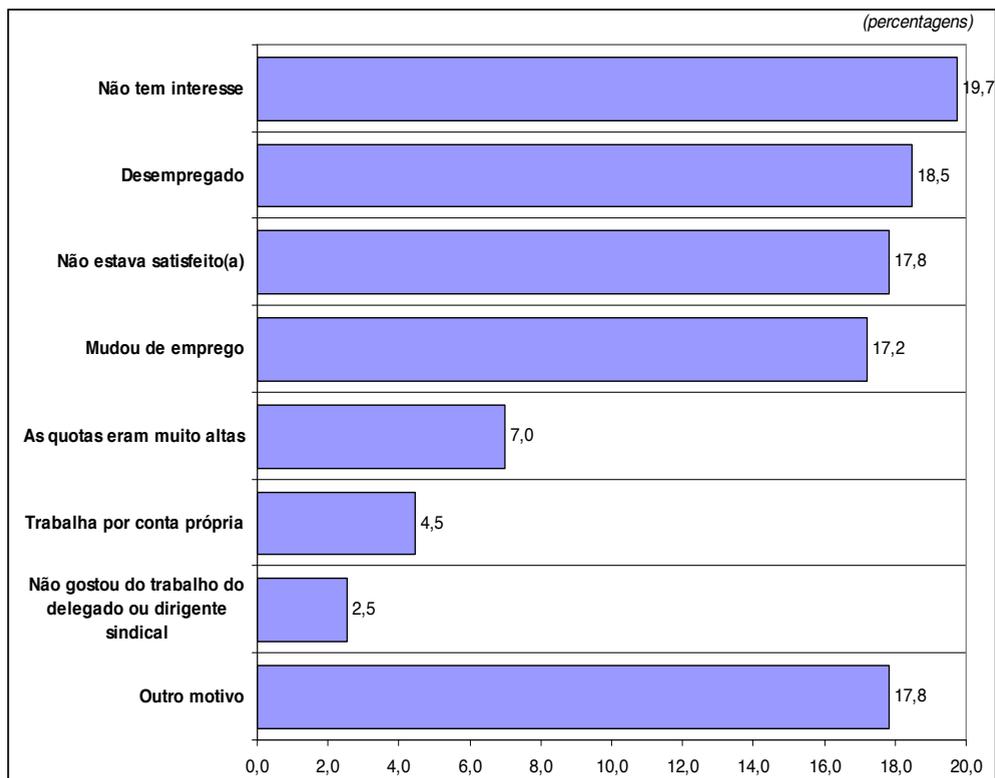
Fonte: Sondagem CGTP-IN|Marktest, Dezembro 2010

Quanto às razões que os levaram a sair, quase 40% invoca desinteresse ou mudança de emprego. Note-se que, para 18,5%, a decisão surge associada à perda do posto de trabalho e, para 7%, ao custo «muito alto» das quotas.

Apesar da percentagem relativamente importante (17,8%) dos que declaram ter saído por não estarem satisfeitos com a actividade do seu sindicato, é de crer que a referida insatisfação se inscreva mais em atritos de natureza pessoal ou corporativa do que em questões de natureza política.

Com efeito, motivos como «o sindicato envolvia-se demais em política», «sentia-se obrigado a fazer greves», ou «discordou de uma decisão sindical» são irrelevantes: cada um deles obteve uma única resposta.

Gráfico XIII

Motivos da dessindicalização (respostas múltiplas)

Fonte: Sondagem CGTP-IN/Marktest, Dezembro 2010

Esta interpretação, atribuindo reduzida importância à vertente política no acto de desfiliação, poderá ser reforçada com dois outros indicadores.

Primeiro indicador: só 10 dos 147 inquiridos dessindicalizados exerceram cargos sindicais.

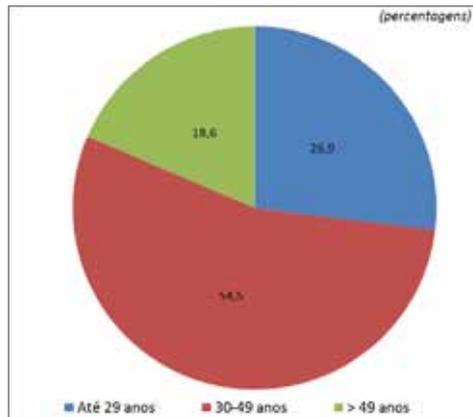
Segundo indicador: apesar de quase metade (73) terem pertencido a sindicatos integrados na CGTP (uma vez mais tal predominância é, pelo menos em parte, explicável pela maior capacidade de recrutamento, em valores absolutos, desta central sindical – maior recrutamento logo maior possibilidade de abandonos), é notável a diversidade das organizações sindicais onde estavam filiados: das 119 respostas apuradas (há 38 interrogados que preferem não responder a esta pergunta) resultam 40 estruturas sindicais citadas, sendo que 13 respostas remetem para «outro sindicato» (conf. Tabela 13a, em Anexo).

Nunca sindicalizados

Os que nunca se sindicalizaram (N=609) distribuem-se por todas as faixas etárias, com particular relevo para os que se situam entre os 25 e os 34 anos (34%) e por todos os níveis de escolaridade.

Gráfico XIV

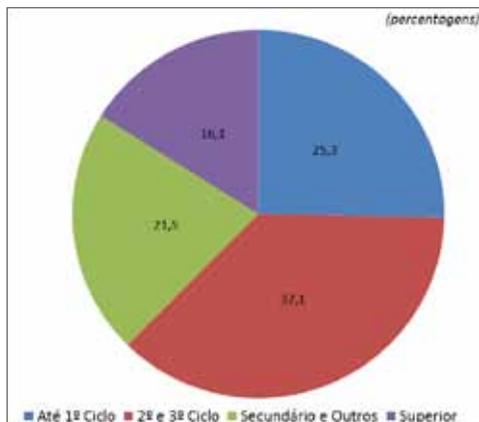
Nunca sindicalizados, por faixa etária



Fonte: Sondagem CGTP-IN/Marktest, Dezembro 2010

Gráfico XV

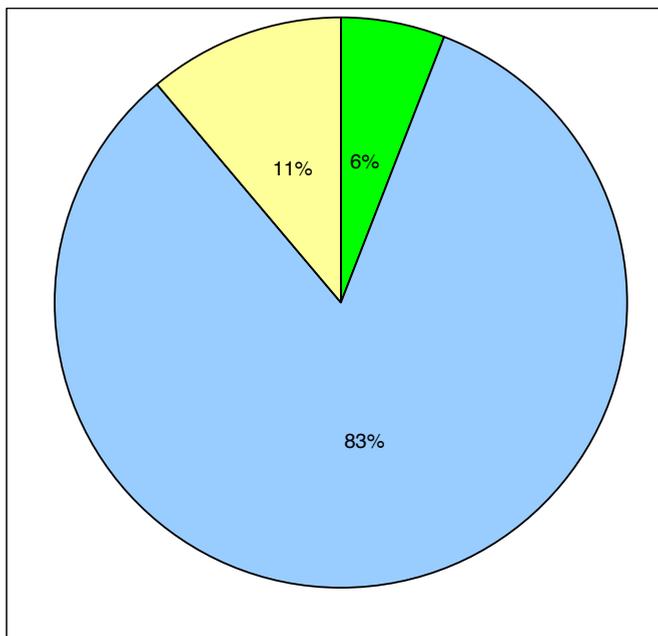
Nunca sindicalizados, por graus de escolaridade



Fonte: Sondagem CGTP-IN/Marktest, Dezembro 2010

Nunca se sindicalizaram e não pensam fazê-lo. São escassos de facto (5,7%) os que admitem vir a sindicalizar-se.

Gráfico XVI

Pensa vir a sindicalizar-se

Fonte: Sondagem CGTP-IN|Marktest, Dezembro 2010

Desagregando por sector de actividade os totais referentes aos que nunca se sindicalizaram e aos que estão sindicalizados, chega-se a conclusões interessantes.

Assim, o peso relativo dos nunca sindicalizados nos sectores da construção civil, do comércio retalhista e da indústria é claramente superior ao peso relativo de sindicalizados, nos mesmos sectores de actividade.

Explicando melhor:

1. dos 609 nunca sindicalizados, 12,5% trabalham na indústria, 8,9% no comércio retalhista e 5,9% na construção civil;
2. dos 238 inscritos num sindicato, a percentagem dos que trabalham nestes três sectores de actividade é, respectivamente, de 9,7, 2,1 e 1,7%.

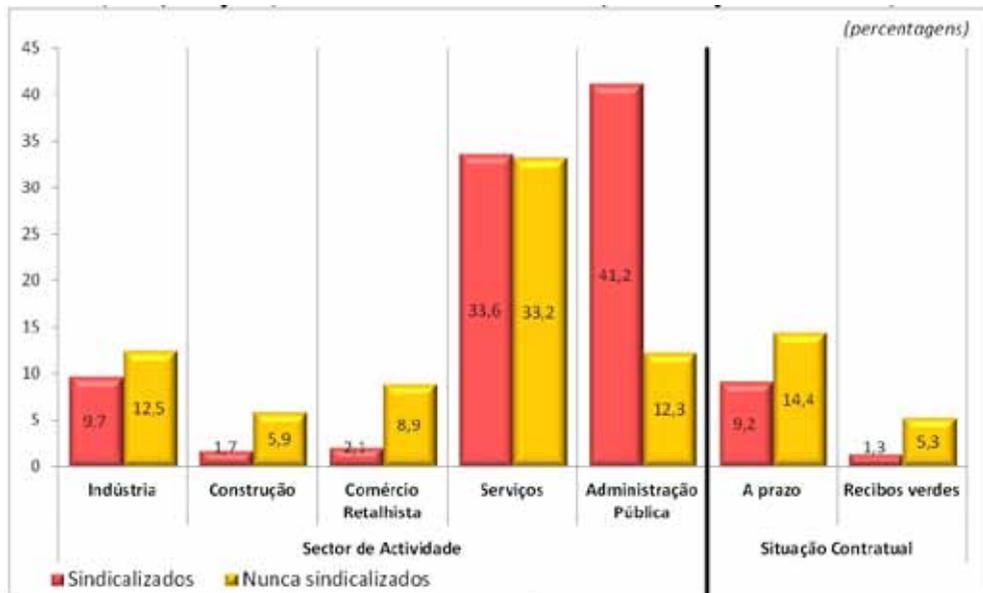
Digamos, portanto, que sectores como o da indústria, do comércio retalhista e da construção civil são menos propensos à sindicalização.

Em contrapartida, dos mesmos 609 inquiridos que nunca se sindicalizaram, 12,3% está na administração pública, taxa muito aquém da que se observa junto dos trabalhadores sindicalizados (41,2% dos 238 que responderam ao inquérito). Daí a conclusão: a administração pública é particularmente propensa à sindicalização.

Fazendo exercício análogo, mas agora no que respeita à situação contratual, os dados recolhidos revelam-se igualmente significativos. Dos 609 que nunca se sindicalizaram, 88, isto é, 14,4%, estão contratados a prazo enquanto que 32, ou seja, 5,3%, se encontram em regime de recibo verde. Para as mesmas situações, as taxas apuradas junto dos 238 trabalhadores sindicalizados são claramente inferiores - 9,2 e 1,3%. Não será, pois, demasiado arriscado dizer-se que a precariedade não facilita a sindicalização... Prevalerá algum receio em sindicalizar-se por parte de trabalhadores com contratos a prazo ou em regime de recibo verde.

Gráfico XVII

***Sindicalizados e nunca sindicalizados
(comparação por sector de actividade e por situação contratual)***



Fonte: Sondagem CGTP-IN/Markttest, Dezembro 2010

III A informação sobre as iniciativas da CGTP-IN

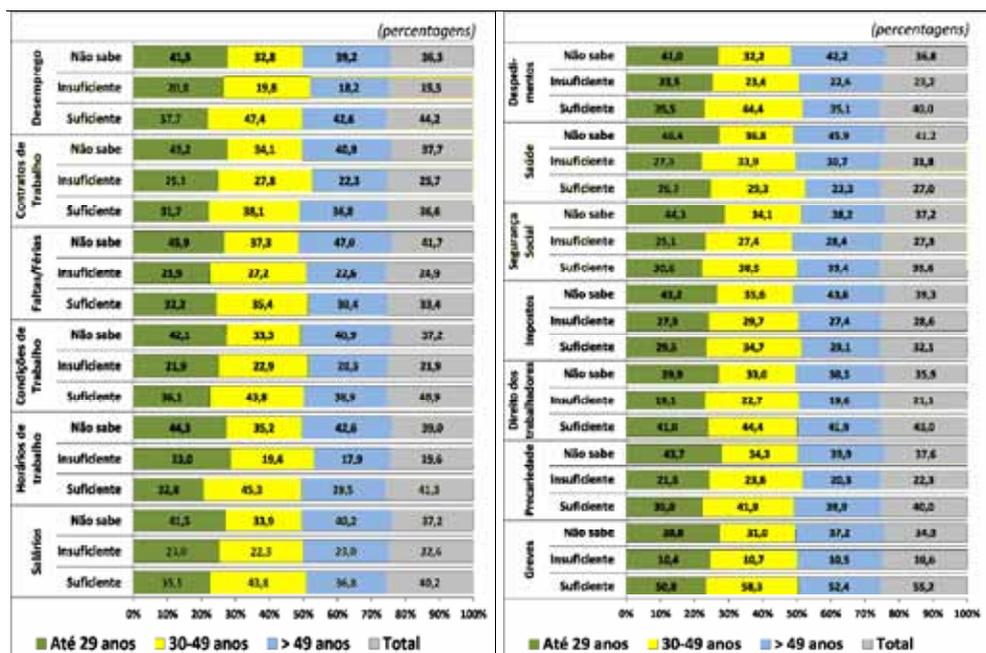
1. Avaliação por faixas etárias e graus de escolaridade

Dos 1004 inquiridos, 62,8% considera-se «nada informado» ou «pouco informado» sobre as iniciativas da CGTP-IN para 29,3% que se julga «suficientemente» informado e 5,6% «muito informado».

Os temas, «greves», «desemprego» e «direitos dos trabalhadores» recolhem as taxas mais elevadas de informação suficiente. No extremo oposto, figuram «saúde», «impostos» e «segurança social», com as mais elevadas taxas de informação insuficiente. Analisando os graus de satisfação/insatisfação por faixas etárias e por graus de escolaridade, não se notam diferenças de grande monta.

Gráfico XVIII

Informação sobre iniciativas da CGTP-IN por faixas etárias

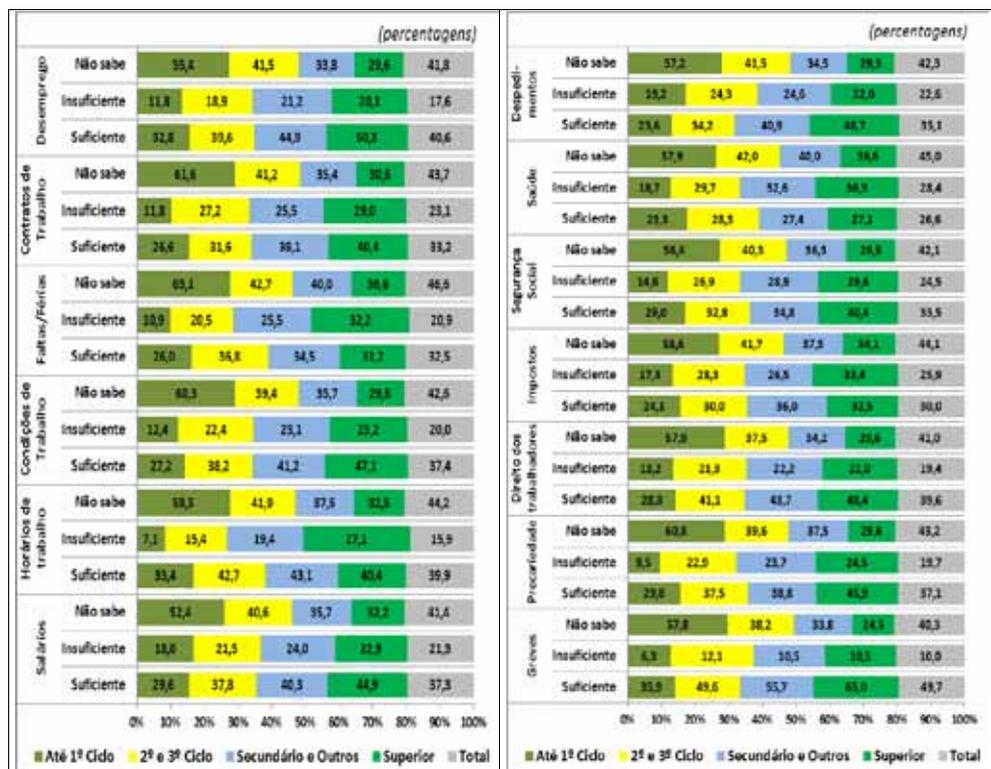


Fonte: Sondagem CGTP-IN/Marktest, Dezembro 2010

Sublinhe-se apenas que, para os inquiridos mais jovens e de formação superior, a informação sobre o tema «greves» é, de longe, a que merece um maior número de avaliações positivas: 50,8% dos inquiridos com menos de 30 anos e 65% dos inquiridos com formação superior consideram-na «suficiente». Em contrapartida «saúde» e «impostos» encontram-se na cauda da classificação.

Gráfico XIX

Informação sobre iniciativas da CGTP-IN por graus de escolaridade



Fonte: Sondagem CGTP-IN/Marktest, Dezembro 2010

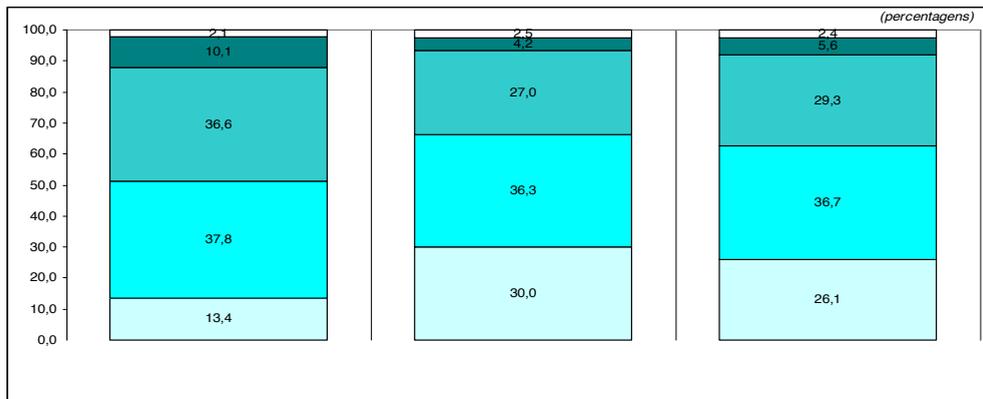
2. Avaliação de inquiridos sindicalizados e não sindicalizados

As avaliações alteram-se, como seria de esperar, quando se desagrega o total dos inquiridos em sindicalizados e não sindicalizados com os primeiros a apresentarem graus de informação superiores aos dos segundos.

Registe-se que mais de metade dos sindicalizados confessa sentir-se pouco ou nada informado.

Gráfico XX

**Grau de informação sobre iniciativas da CGTP-IN
(sindicalizados e não sindicalizados)**



Fonte: Sondagem CGTP-IN|Marktest, Dezembro 2010

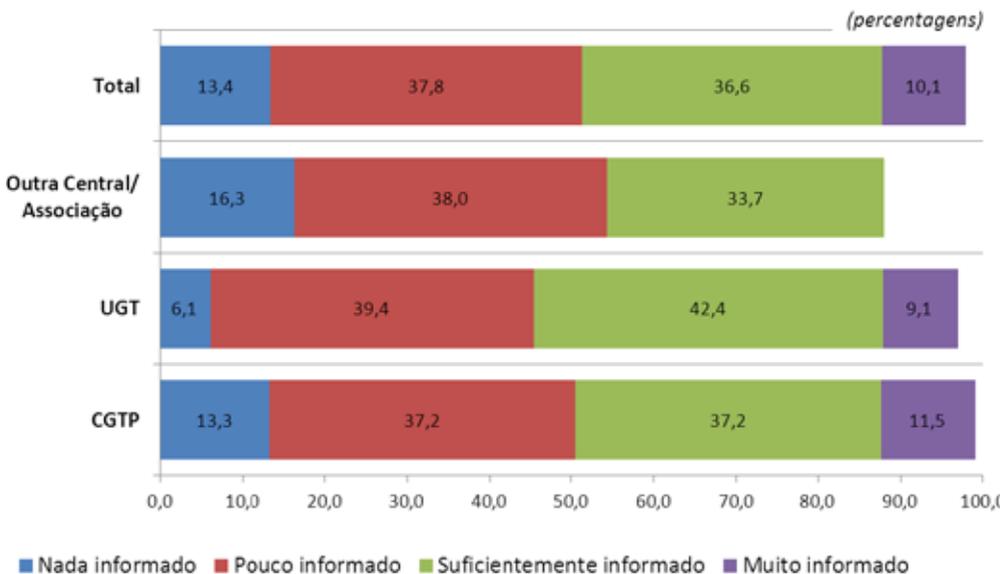
3. Avaliação de sindicalizados por filiação sindical: CGTP-IN, UGT e independentes ou ligados a outras organizações

Mas, tratando-se de uma informação que incide, especificamente, sobre as iniciativas da CGTP-IN, importa distinguir, de entre os sindicalizados pouco ou nada informados, aqueles que pertencem a sindicatos filiados nesta confederação sindical e aqueles que pertencem a sindicatos filiados na UGT, a sindicatos independentes ou integrados noutras organizações. Sucede, no entanto, que, dos 238 inquiridos sindicalizados, uma larga maioria pertence a sindicatos da CGTP-IN (113) ao passo que o número de inquiridos filiados em sindicatos da UGT ou independentes se fica por, respectivamente, 33 e 92. A representatividade destes dois últimos contingentes é, por conseguinte, muito limitada, sobretudo quando se dividem pelas categorias «nada informado», «pouco informado», «suficientemente informado», etc.

Assim, por exemplo, declaram-se «nada informados» sobre as iniciativas da CGTP-IN, 6,1% dos sindicalizados em organizações da UGT. Número estranho, quando comparado com a percentagem dos sindicalizados em organizações da CGTP-IN que se dizem na mesma situação: 13,3%. Constituiria um paradoxo que a ideia de ausência total de informação sobre as iniciativas da CGTP-IN estivesse mais presente em sindicatos da própria CGTP-IN do que em sindicatos da UGT... Tudo se explica, porém, quando se verifica que essa reduzida percentagem de 6,1% dos sindicalizados na UGT «nada informados» sobre as actividades da CGTP-IN correspondem, apenas, a duas respostas. O gráfico seguinte, deve ser lido em função dos condicionalismos acima mencionados.

Gráfico XXI

*Grau de informação sobre iniciativas da CGTP-IN
(por tipo de associação sindical)*



Fonte: Sondagem CGTP-IN/Marktest, Dezembro 2010

Detenhamo-nos, no entanto, nalguns dados merecedores de confiança. A percentagem de sindicalizados em organizações da CGTP-IN que se sentem «nada informados» é praticamente igual à percentagem dos sindicalizados «nada informados», independentemente da organização em que estiverem filiados (13,3% e 13,4%). O mesmo sucede quando se agregam os «nada informados» com os «pouco informados»: 50,5% no caso de filiados em organizações da CGTP-IN e 51,2% para o total de sindicalizados. E o mesmo sucede, ainda, no que toca aos «suficientemente informados» e «muito informados».

Isto significa, portanto, que a filiação em sindicatos da CGTP-IN não confere, só por si, um maior conhecimento das actividades desenvolvidas por esta Confederação. Para além do significado a atribuir ao facto de, metade dos inquiridos sindicalizados em organizações da CGTP-IN, avaliar negativamente o seu grau de informação quanto às actividades da Confederação à qual está ligado.

3. 1. Variação por temas

Para o conjunto dos inquiridos sindicalizados, independentemente da central ou da associação na qual o seu sindicato esteja integrado, questões como as relativas à

saúde, seguidas das que respeitam a impostos, à segurança social e a contratos de trabalho são aquelas onde a carência de informação é mais notada. O caso da saúde é particularmente gritante: a percentagem dos insuficientemente informados (39,5%) ultrapassa a dos que se satisfazem com a informação recebida (30,7%).

Sendo estes os temas mais associados a informação insuficiente, importa agora enunciar aqueles que, pelo contrário, suscitam graus de informação mais elevados.

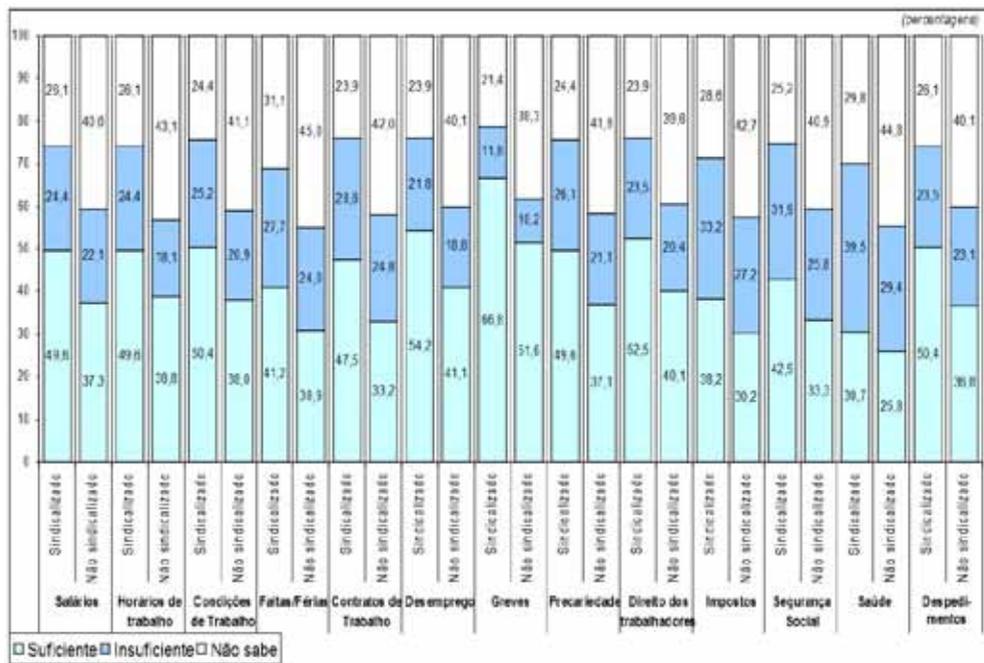
Da análise do gráfico XXII resulta que, para os inquiridos sindicalizados, os temas relativamente aos quais se julgam suficientemente informados são, por ordem decrescente: «greves», «desemprego», «direitos dos trabalhadores», «despedimentos», «condições de trabalho» e «salários». Escala de avaliação muito próxima, aliás, daquela que é feita pelos inquiridos não sindicalizados:

«desemprego», «direitos dos trabalhadores», «horários de trabalho» e «condições de trabalho»

No que toca aos três temas mais referenciados como de informação insuficiente, estes são exactamente os mesmos para inquiridos sindicalizados e não sindicalizados: «saúde», «impostos» e «segurança social». Uma coincidência interessante de registar.

Gráfico XXII

Grau de informação sobre actividades da CGTP-IN, por temas (sindicalizados e não sindicalizados)

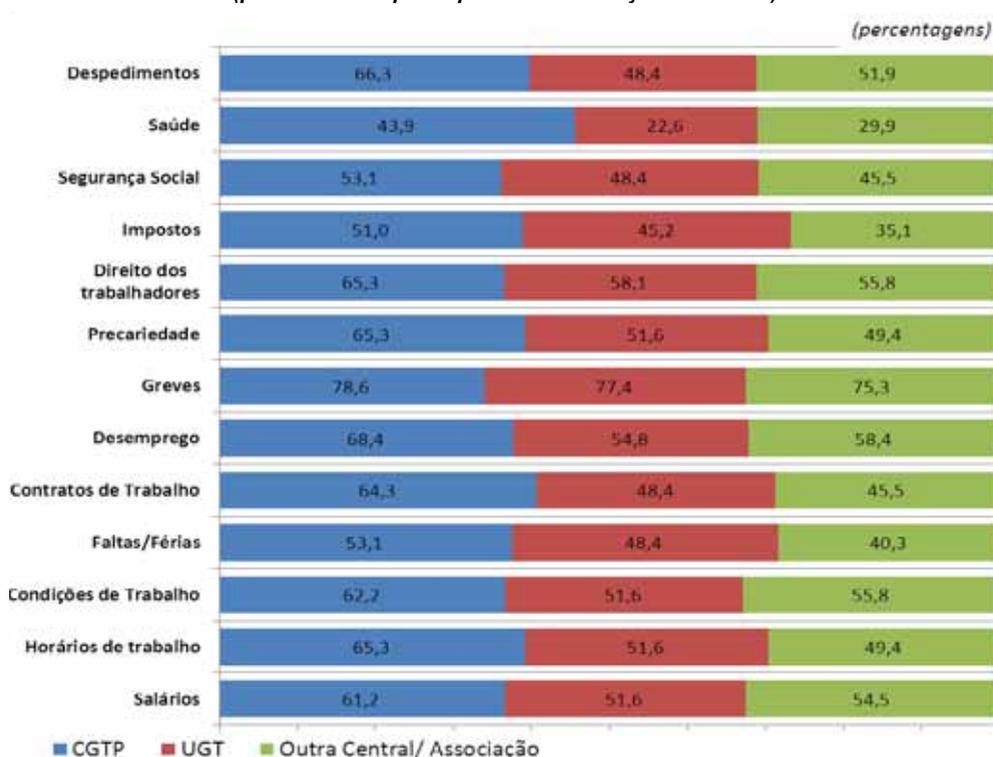


Fonte: Sondagem CGTP-IN/Marktest, Dezembro 2010

Desagregando o grupo dos inquiridos sindicalizados, pelos três subgrupos que temos vindo a considerar - filiados em sindicatos membros da CGTP-IN, em sindicatos membros da UGT, em sindicatos independentes ou membros de outras organizações -, podemos tirar conclusões quanto às actividades da CGTP-IN sobre as quais os membros de sindicatos ligados à CGTP-IN se consideram melhor informados. Temos então que os sindicalizados afectos à CGTP-IN estão mais informados sobre as actividades da CGTP-IN nos domínios seguintes (por ordem decrescente de importância): «greves», «desemprego», «despedimentos».

Gráfico XXIII

**Consideram suficiente a informação difundida pela CGTP
(por temas e por tipo de associação sindical)**



Fonte: Sondagem CGTP-IN/Marktest, Dezembro 2010

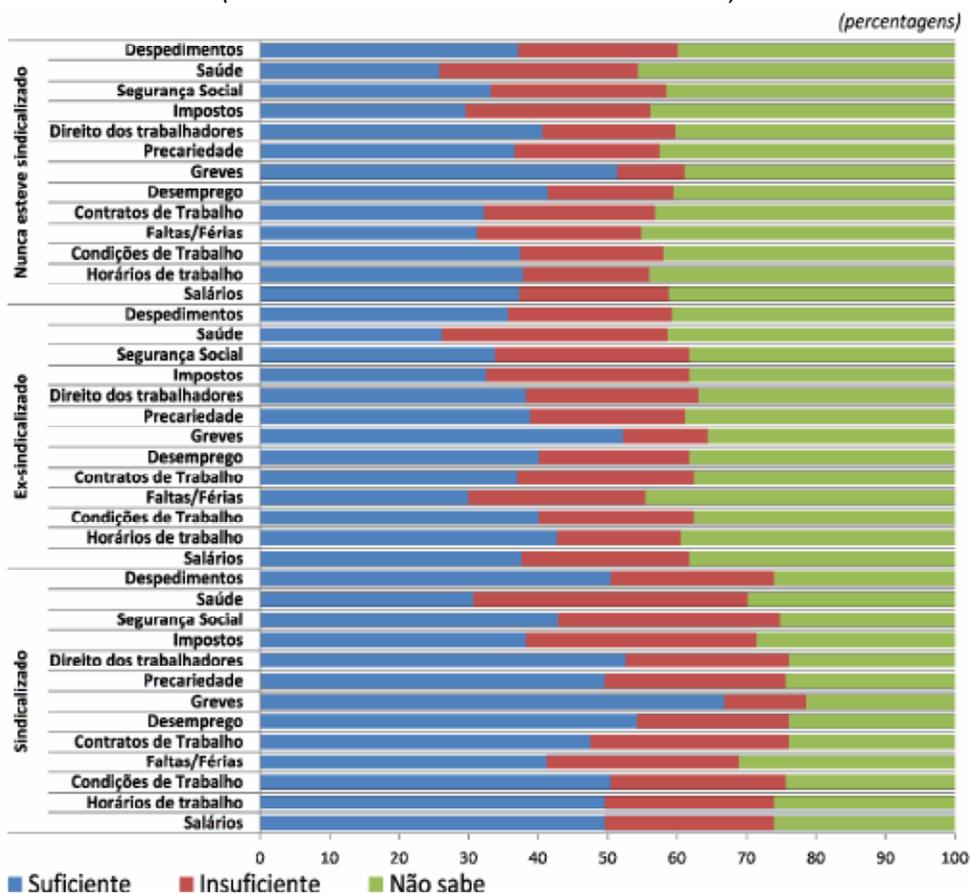
4. Avaliação de nunca sindicalizados e de dessindicalizados

Interessava verificar se as avaliações, quanto ao grau de informação sobre as iniciativas da CGTP-IN, diferem quando se trata de inquiridos que nunca se sindicalizaram.

lizaram ou que se desfilaram do respectivo sindicato. Principal conclusão a tirar: a percentagem dos que não sabem ou não respondem, é sensivelmente maior nestes grupos de inquiridos - entre 38,9 e 45,6%, consoante os temas, nos que nunca se sindicalizaram; entre 35,7 e 44,6%, consoante os temas, nos dessindicalizados. Já nos sindicalizados, essa taxa varia entre os 21,4 e os 31,1%. Uma muito mais forte tendência a não se pronunciar, visível nos nunca sindicalizados e nos dessindicalizados, que revela, muito provavelmente, um maior afastamento quanto às iniciativas levadas a cabo pela CGTP-IN. Corolário da conclusão tirada: a taxa dos que consideram como «suficiente» a informação recebida, é invariavelmente superior nos sindicalizados.

Gráfico XXIV

*Grau de informação sobre iniciativas da CGTP-IN
(nunca sindicalizados e dessindicalizados)*



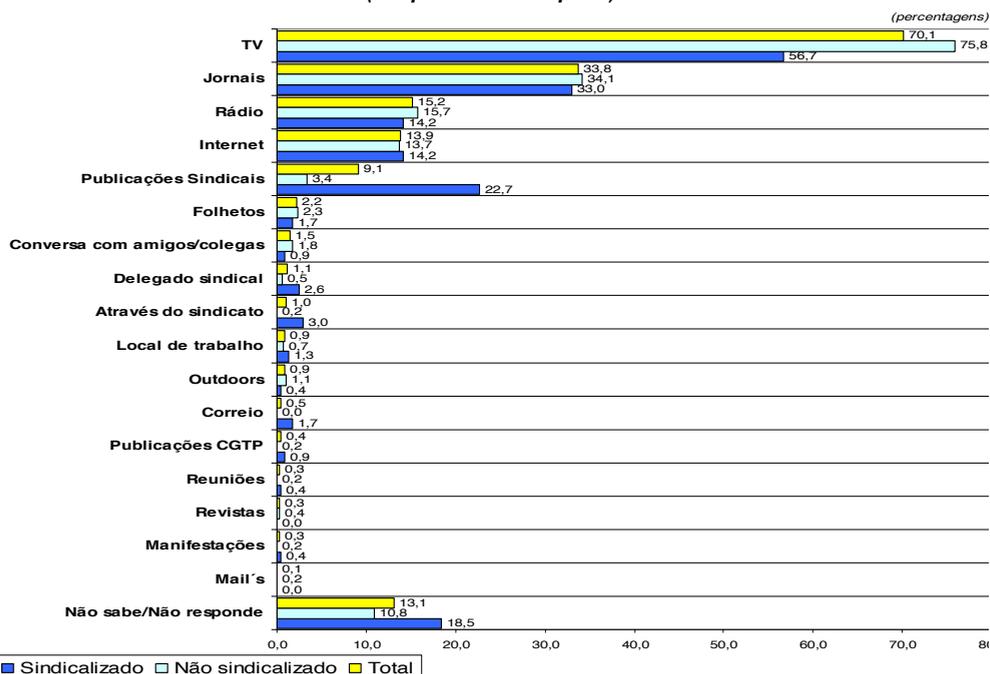
Fonte: Sondagem CGTP-IN/Markttest, Dezembro 2010

IV Fontes da informação sobre as iniciativas da CGTP-IN

A televisão, seguida dos jornais, constitui a principal fonte de informação sobre as iniciativas da CGTP-IN, quer se trate de sindicalizados quer não sindicalizados. As publicações sindicais são citadas, apenas, por 9,1% dos inquiridos o que, em termos absolutos, corresponde a 72 das 742 respostas apuradas (excluem-se, naturalmente, desta análise, os que se declaram «nada informados»). Elas têm, no entanto, alguma importância quando se trata de inquiridos sindicalizados já que figuram em terceiro lugar, no conjunto das fontes citadas, antes mesmo da rádio. Outras fontes como «delegado sindical», «sindicato», «manifestações», «local de trabalho», «conversa com amigos/colegas», assumem uma importância meramente residual.

Gráfico XXIV

*Fontes de informação sobre iniciativas da CGTP-IN
(respostas múltiplas)*

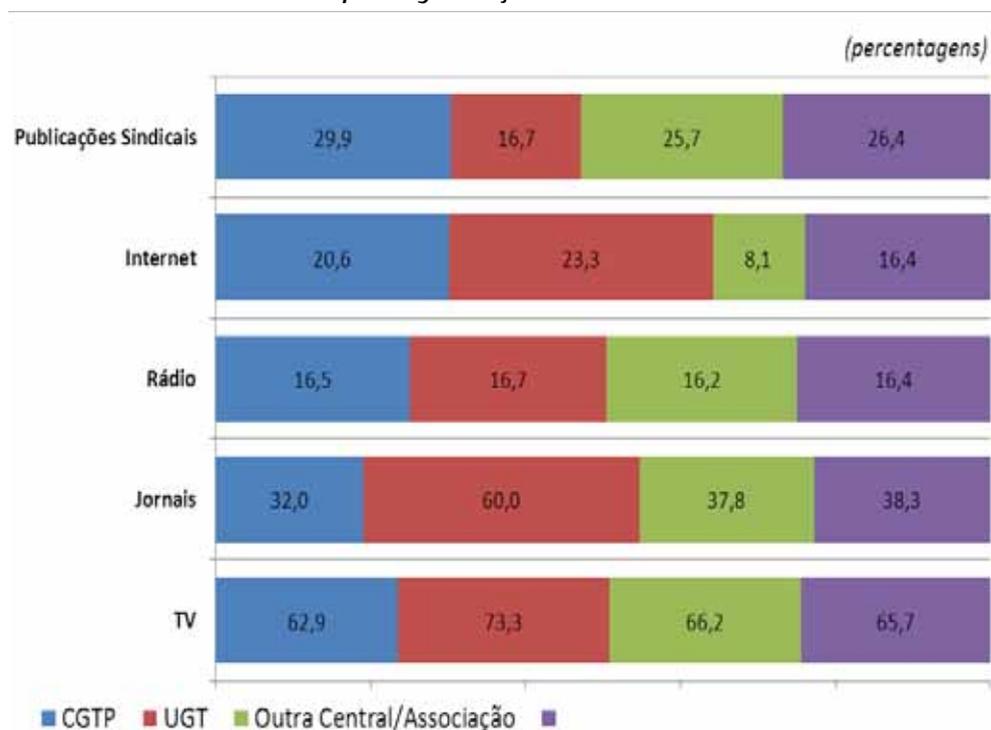


Fonte: Sondagem CGTP-IN|Marktest, Dezembro 2010

Desagregando por tipo de associações sindicais, vê-se que a televisão e os jornais são muito mais usados como fontes de informação sobre iniciativas da CGTP-IN pelos inquiridos ligados à UGT do que pelos inquiridos ligados à CGTP- IN, respectivamente 73,3% contra 62,9% (televisão) e 60% contra 32% (jornais). Pelo contrário, os filiados em sindicatos da CGTP-IN recorrem mais frequentemente às publicações sindicais (29,9% contra 16,7%). Sendo a maioria destas publicações sindicais editadas pela própria CGTP-IN é normal que a sua penetração atinja índices mais elevados no grupo de sindicalizados que lhe são afectos

Gráfico XXVI

*Fontes de informação sobre iniciativas da CGTP-IN,
por organizações sindicais*



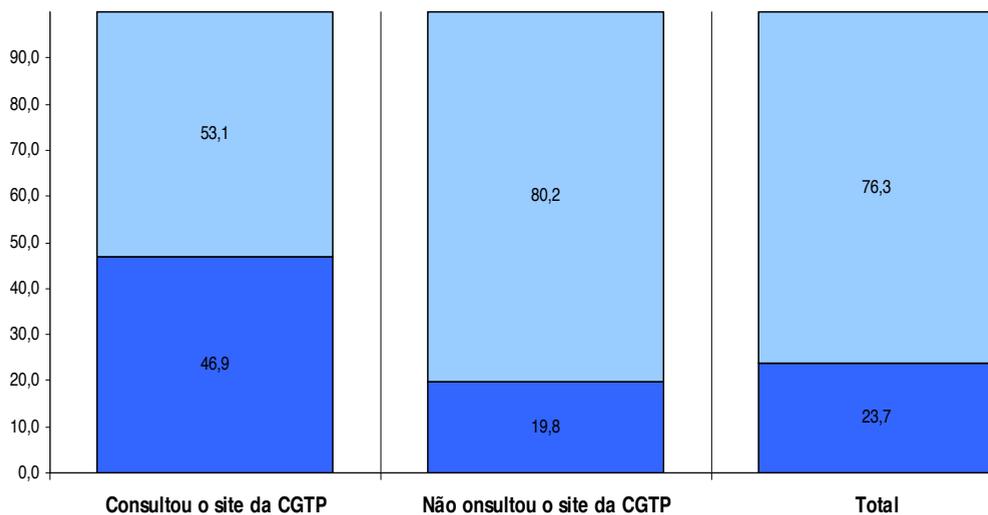
Fonte: Sondagem CGTP-IN/Marktest, Dezembro 2010

A Internet, com 13,9% das respostas, surge em quarto lugar, como fonte regular de informação, atrás, portanto, dos meios de comunicação social tradicionais. À pergunta «já consultou alguma vez o site da CGTP-IN?», respondem positivamente 145 dos 1004 indivíduos que constam da amostra reunida (14,4%), dos quais 68 sindicalizados

e 77 não sindicalizados. Das 859 respostas negativas, 689 (80,2%) são provenientes de não sindicalizados e 170 (19,8%) de sindicalizados. Numa leitura vertical, conclui-se que o número de sindicalizados que nunca consultaram o site da CGTP-IN é duas vezes e meia superior ao número dos que já o fizeram.

Gráfico XXVII

Sindicalizados e não sindicalizados que consultam o site da CGTP-IN



Fonte: Sondagem CGTP-IN/Marktest, Dezembro 2010

V Credibilidade da informação sobre iniciativas da CGTP-ÍN

Uma coisa é o grau de informação que se julga ter sobre as iniciativas da CGTP- IN, outra é a credibilidade que essa informação possa merecer.

Tomemos, por exemplo, os que se dizem suficientemente ou muito informados sobre as iniciativas da CGTP²: 350. Destes, 263 citam a televisão como fonte de informação, 158 citam os jornais, 70 a Internet, 67 a Rádio, 57 as publicações sindicais, etc (conf. TABELA 29a).

Este recurso maciço, sobretudo de não sindicalizados, à televisão e aos jornais como fontes privilegiadas de informação sindical, traduz o elevado grau de credibilidade de que os referidos órgãos de comunicação social gozam junto da população em geral. Demonstra-o um estudo sobre a recepção dos meios de comunicação social, editado pela Entidade Reguladora para a Comunicação Social (ERC), em Outubro de 2008, que aponta para uma taxa de credibilidade da televisão e dos jornais, em termos nacionais, superior a 78%, ficando-se a rádio por uma taxa inferior, de 67,5%. Comparando estes valores com os obtidos através do inquérito que serve de base ao presente estudo, mas agora junto da população sindicalizada, conclui-se que, embora continuando a desfrutar de larga credibilidade, a televisão e os jornais suscitam, nos sindicalizados, uma margem de dúvidas mais acentuada. De facto, a taxa dos que afirmam «acreditar em parte» na informação dos jornais sobe, quando se passa da população em geral para a população sindicalizada, de 21,7% para 25,2%. No caso da televisão, a subida é de 20,5% para 22,2%.

Curiosamente, no que respeita à rádio assiste-se a um fenómeno inverso já que a taxa desce de 30,7%, para 22,5%.

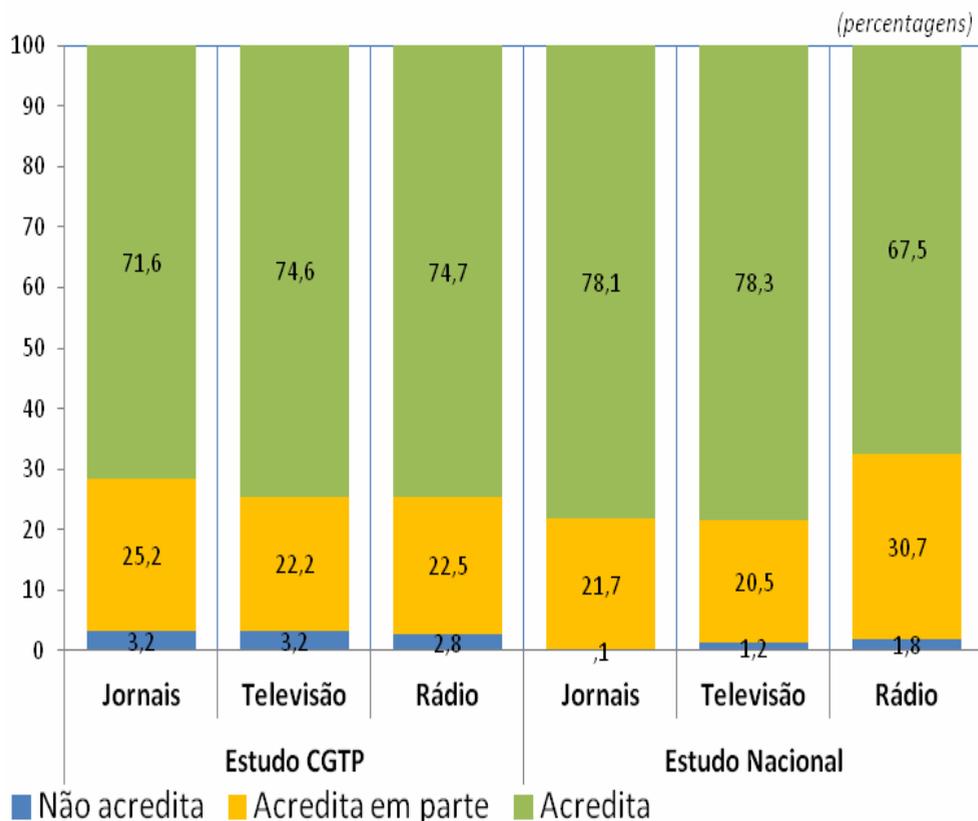
Menor confiança nos jornais e na televisão e maior confiança na rádio: tal é, em resumo, a atitude de sindicalizados³.

² Respostas múltiplas.

³ Daí uma razão possível para explicar a distância considerável que separa não sindicalizados e sindicalizados quanto à importância da televisão como fonte de informação sobre as actividades da CGTP-ÍN, respectivamente, 75,8% e 56,7% (conf. Gráfico XXV).

Gráfico XXVIII

*Credibilidade dos meios de comunicação social
(para sindicalizados e para a população em geral)*



Fonte: Sondagem CGTP-IN/Marktest, Dezembro 2010;

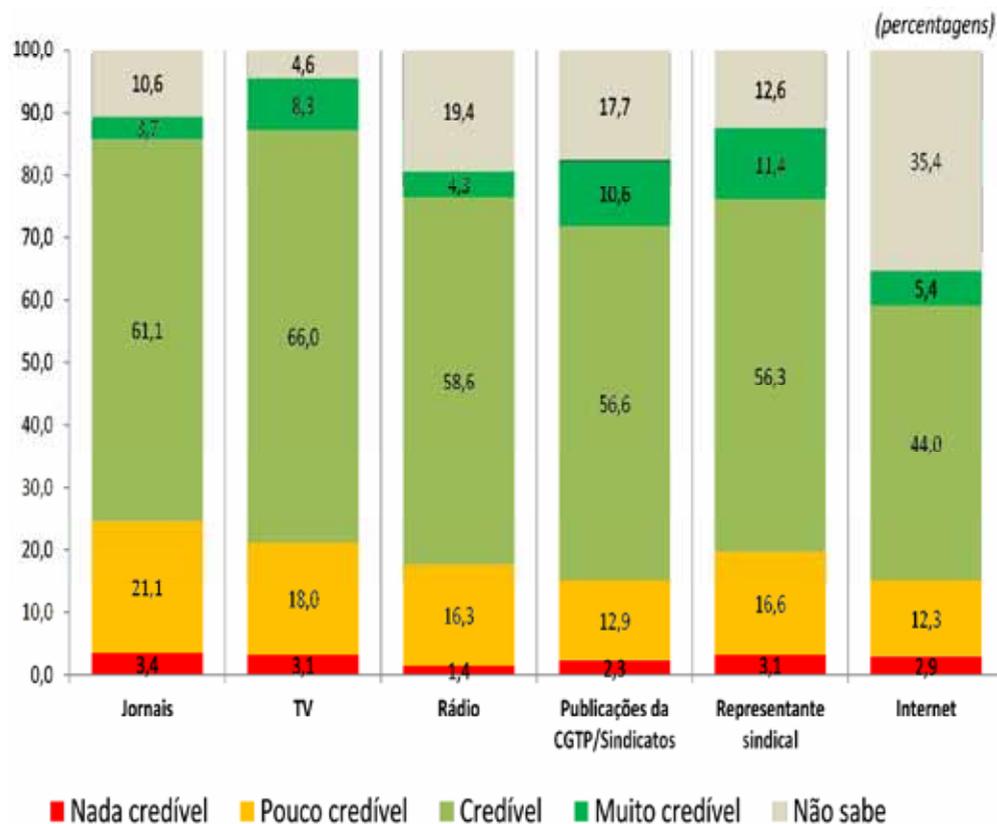
Estudo de Recepção dos Meios de Comunicação Social, ERC, Lisboa, 2008

Mas resta um quinto dos que, recorrendo à televisão como principal fonte de informação, estimam-na como «nada credível» ou «pouco credível». O mesmo se passa com a segunda fonte de informação, os jornais, onde os graus de descredibilidade são ainda maiores: «nada credível» para 3,2% dos leitores e «pouco credível» para 18,4%.

Apenas 5,1% os reconhece como muito credíveis.

Frise-se a apreciação fortemente positiva das publicações sindicais: «credível» para 57,9% dos que as consultam e «muito credível» para 22,8%. Ver-se-á adiante que esta apreciação deve-se, em larga medida, ao merecimento de que beneficiam junto dos inquiridos filiados em sindicatos da CGTP-IN.

Gráfico XXIX

Informação versus credibilidade

Fonte: Sondagem CGTP-IN/Marktest, Dezembro 2010

Em termos globais (conferir TABELA 30a), e tendo em conta as diferentes fontes de informação, a avaliação como «nada credível» ou «pouco credível» da informação recebida, sobre iniciativas da CGTP-IN, varia entre uma taxa mínima de 12,1% atribuída à Internet e uma taxa máxima de 17,6% atribuída aos jornais.

No que respeita às avaliações positivas, e adicionando as respostas que consideram essa informação «credível» e «muito credível», temos que a variação se situa entre um máximo de 50,3%, (televisão) e um mínimo de 30,2% (Internet).

Os jornais seriam, portanto, a fonte sobre a qual recairia a avaliação mais negativa e a televisão a mais positiva.

As publicações da CGTP e dos sindicatos a ela ligados, com taxas de avaliação negativa e positiva de, respectivamente, 13,2% e 43,6% situar-se-iam a meio da escala.

Já a informação fornecida por representantes sindicais mereceria menor confiança, com 17,1% de avaliações negativas.

Estes resultados devem, todavia, ser lidos com precaução. É que a taxa dos que não sabem/não respondem oscila entre os 32,6% e os 43,7%, com excepção da Internet onde atinge os 57,5%. Um elevado número de não-respostas, no caso específico da Internet, que, traduzindo a menor habituação a este meio de comunicação, justifica, também, as baixas taxas de avaliação, tanto positiva como negativa, que a ela estão associadas.

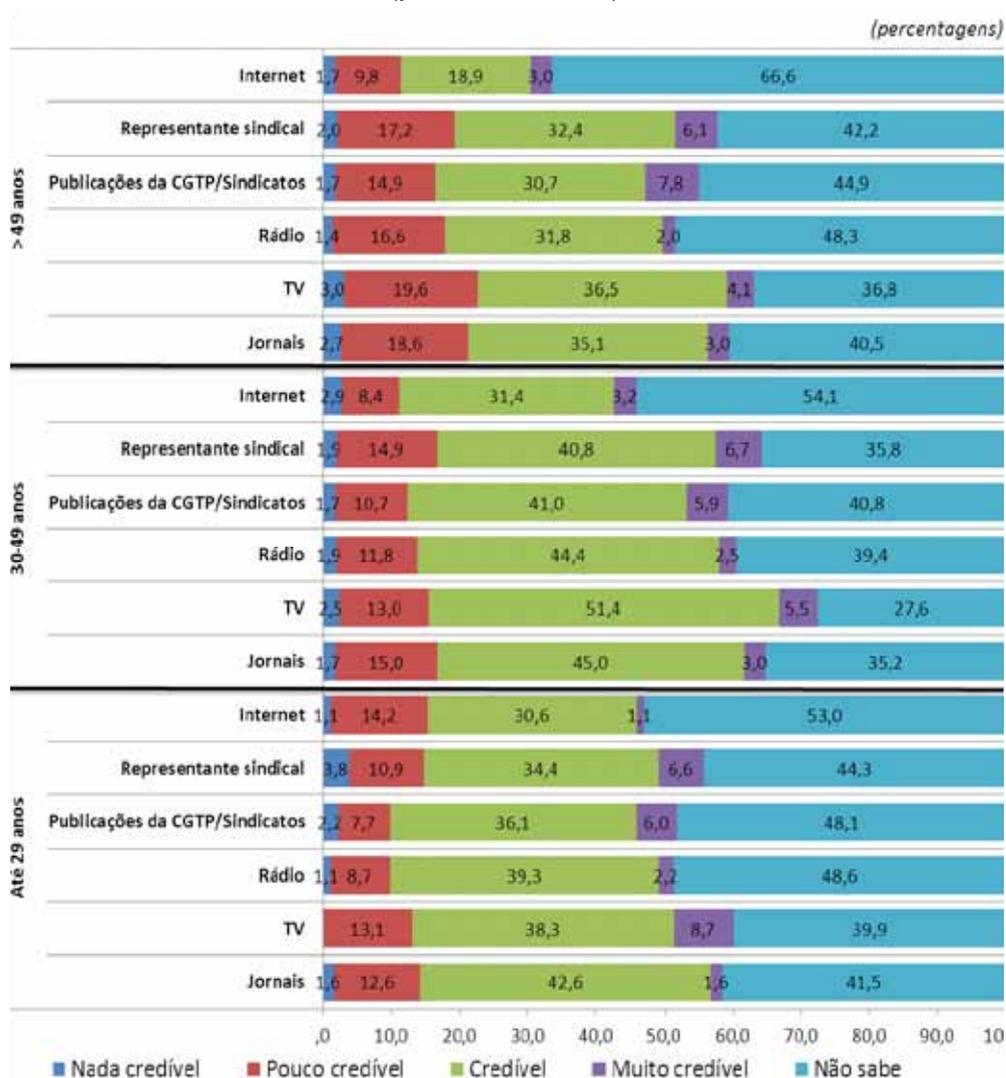
1. Por faixas etárias

Note-se que o volume dos que não sabem/não respondem é mais importante nos inquiridos com mais de 49 anos e com menos de 29. Note-se, igualmente, os elevados índices de não-respostas no que se refere ao uso da Internet o que, se é compreensível para os mais idosos, já não o é para os mais jovens.

É na população mais idosa que a televisão provoca maior desconfiança (3% avaliam-na como «nada credível» e 19,6% como «pouco credível»). Em contrapartida ela regista os mais elevados índices de credibilidade na faixa dos 30 aos 49 anos («credível» para 51,4% e «muito credível» para 5,5% dos interrogados) onde o volume de não-respostas é significativamente menor (27,6%). Aliás, é nesta faixa etária, intermédia, que as diversas fontes, tomadas em conjunto, merecem uma opinião mais positiva. Como se os inquiridos dos 30 aos 49 anos fossem mais moderados na sua avaliação.

Gráfico XXX

*Credibilidade da informação sobre iniciativas da CGTP-IN
(por faixas etárias)*



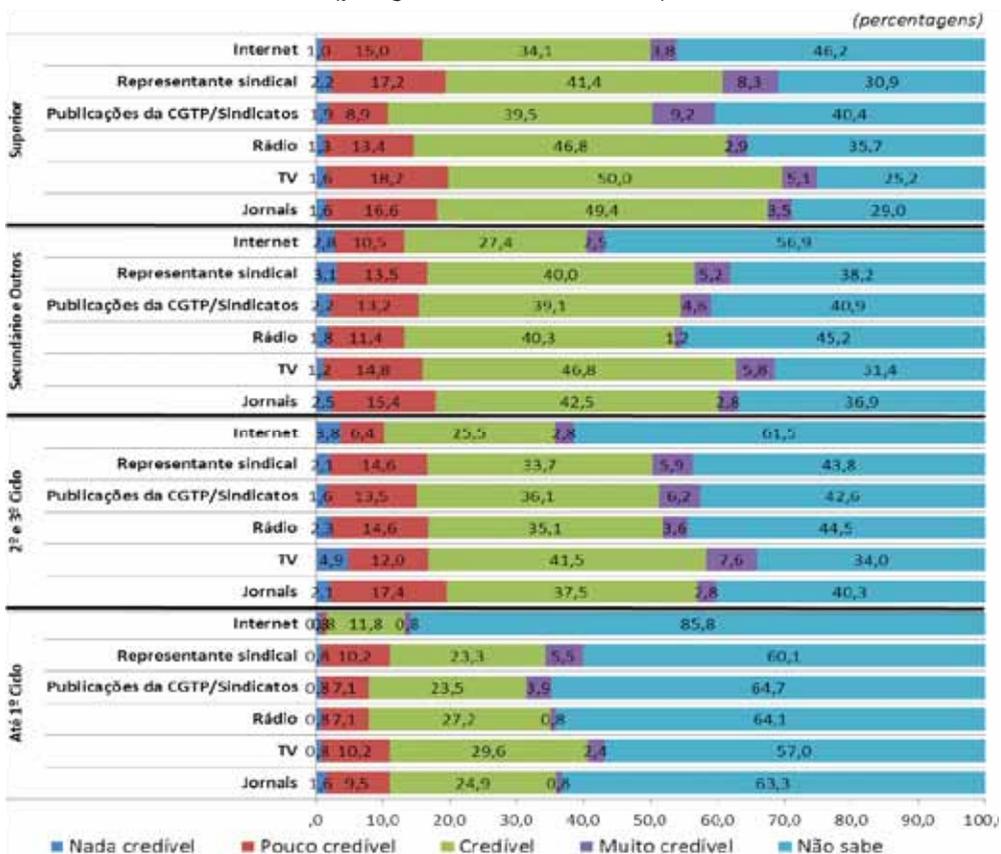
Fonte: Sondagem CGTP-IN/Marktest, Dezembro 2010

2. Por graus de escolaridade

Sobressai, de maneira mais visível ainda, as não-respostas, quanto à utilização da Internet, no grupo de inquiridos com escolaridade até ao 1o ciclo (85,8%). É nos indivíduos com formação superior que se encontram os maiores índices de credibilidade, para o conjunto das fontes de informação.

Gráfico XXXI

*Credibilidade da informação sobre iniciativas da CGTP-IN
(por graus de escolaridade)*



Fonte: Sondagem CGTP-IN/Marktest, Dezembro 2010

3. Por tipo de relação com o meio sindical: sindicalizado, nunca sindicalizado e dessindicalizado

Como é fácil de prever, a confiança nas publicações sindicais é sensivelmente maior nos inquiridos sindicalizados. É igualmente maior, neste mesmo grupo de inquiridos, a credibilidade da informação transmitida por representantes sindicais.

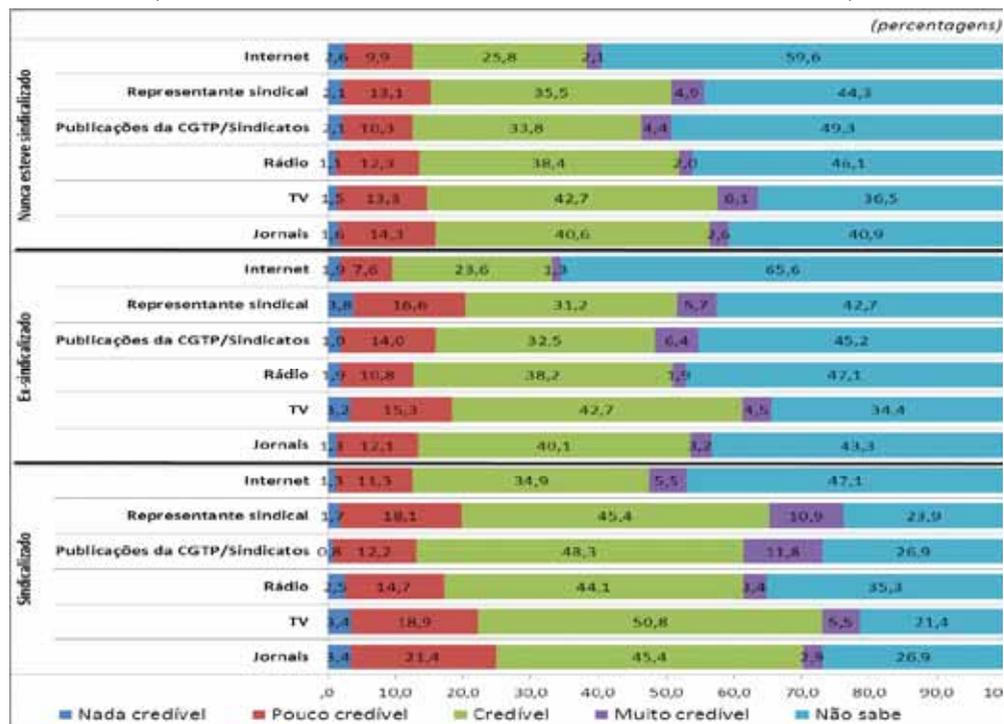
Sublinhe-se, a propósito, que publicações sindicais e representantes sindicais são «muito credíveis» para 11,8% e 10,9% dos inquiridos sindicalizados, respectivamente. Percentagens, estas, nitidamente acima da média. É, ainda, no grupo dos sindicalizados que o volume das não-respostas («não sabe/não responde») é mais baixo.

Tudo se passa como se os sindicalizados estivessem mais firmes nas suas posições. Mais

dispostos a responder. Resultado desta aparente maior firmeza: um extremar de avaliações, designadamente quanto à credibilidade dos jornais, da televisão e, até, da rádio.

Gráfico XXXII

Credibilidade da informação sindical
(nunca sindicalizados, dessindicalizados e sindicalizados)



Fonte: Sondagem CGTP-IN/Marktest, Dezembro 2010

Com efeito, é no grupo dos sindicalizados que estes três meios de comunicação social registam, simultaneamente, as maiores taxas de credibilidade e de incredibilidade. Comparando nunca sindicalizados com dessindicalizados, existe, nestes últimos, uma maior descrença quanto à credibilidade das publicações e dos representantes sindicais, a que não serão alheios problemas ocorridos num passado mais ou menos próximo, mais ou menos distante, provavelmente na origem da desfiliação.

4. Por filiação sindical: CGTP-IN, UGT, sindicatos independentes e outras organizações sindicais

Seja qual for a filiação sindical, o grau de credibilidade na informação distribuída pelas diversas fontes é sempre elevado.

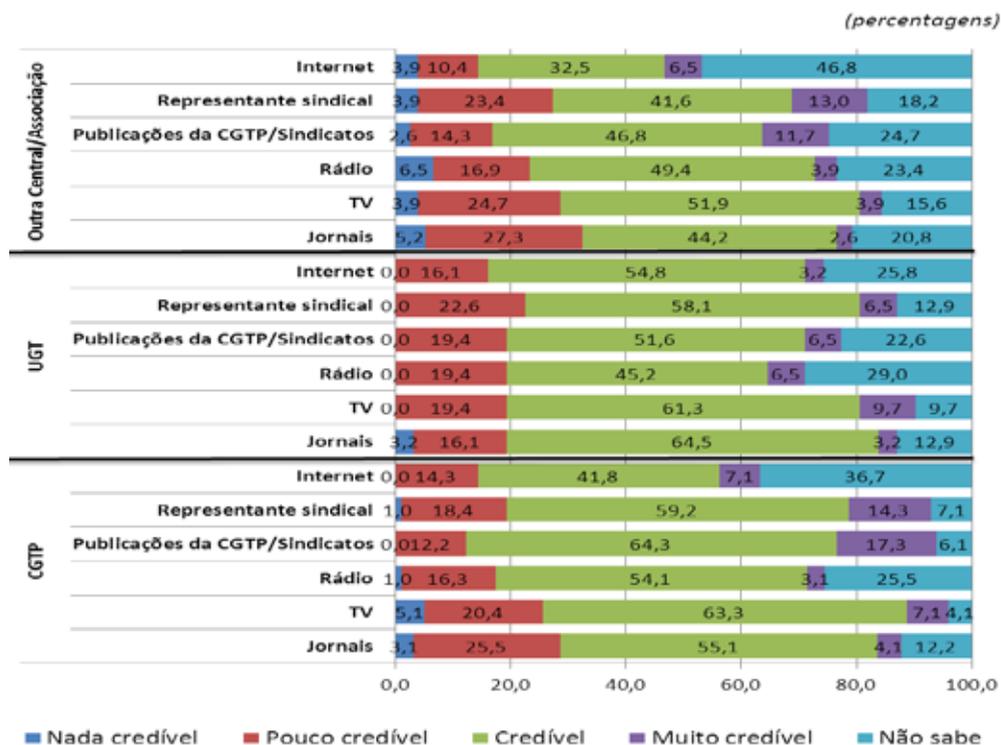
A credibilidade («credível» e «muito credível») das publicações editadas pela CGTP-IN ou pelas sindicatos a ela aderentes é, obviamente, maior junto dos sindicalizados afectos a esta Confederação (81,6%). Não deixa, contudo, de surpreender, o elevado grau de credibilidade que as publicações da CGTP-IN ou dos seus sindicatos têm para os sindicalizados noutras organizações sindicais: 58,1% para os sindicalizados da UGT e 58,5% para os restantes.

Assinale-se, por fim, a quantidade mínima dos sindicalizados da CGTP-IN que não sabem/não respondem quando interrogados sobre a credibilidade dessas publicações, assim como sobre a credibilidade das informações emanadas do representante sindical ou a credibilidade das notícias sobre as actividades da sua Confederação transmitidas pela televisão.

É, talvez, aos sindicalizados da CGTP-IN que se fica a dever a maior firmeza nas respostas, já evocada no ponto anterior.

Gráfico XXXIII

Credibilidade da informação sobre iniciativas da CGTP-IN, por filiação sindical (excluíram-se os «nada informados»)



Fonte: Sondagem CGTP-IN|Marktest, Dezembro 2010

VI Importância das iniciativas da CGTP-IN⁴

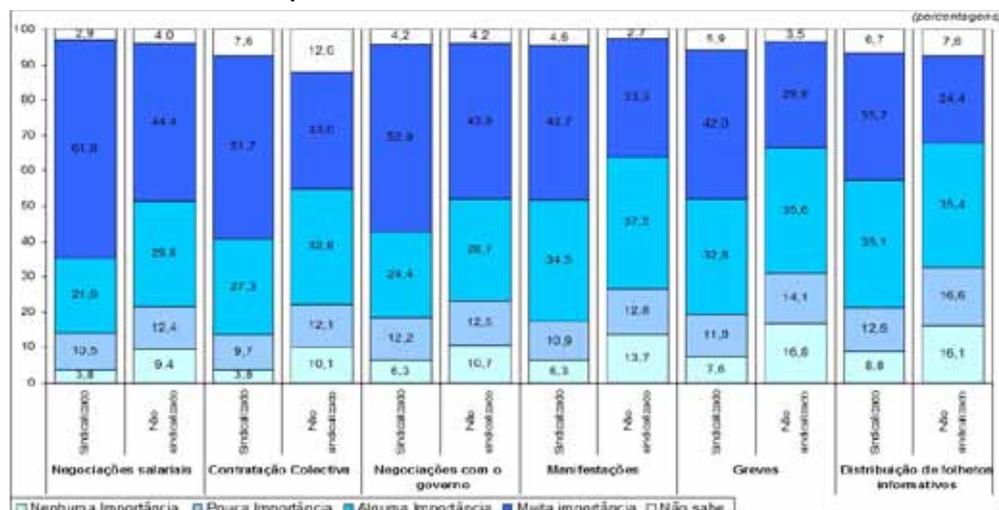
Globalmente, as iniciativas da CGTP-IN reputadas de mais importantes pelos 1004 inquiridos são as relacionadas com negociações salariais e, de uma forma mais genérica, as negociações com o governo. A distribuição de folhetos informativos e as greves figuram nas antípodas, quanto à importância que lhes é atribuída pelos inquiridos: mais de 14%, julga-as de «nenhuma importância».

Desagregando estes totais por sindicalizados e não sindicalizados, os resultados alcançados diferem radicalmente: a percentagem dos que retiram qualquer importância às greves passa, dos primeiros para os segundos, de 7,6% para 16,8% e, para a distribuição de folhetos, de 8,8% para 16,1%.

Embora as negociações salariais se mantenham em primeiro lugar, quanto à importância que lhes é dada, tanto por sindicalizados como por não sindicalizados, os sindicalizados atribuem uma importância muito maior do que os não sindicalizados às manifestações assim como ao papel da CGTP-IN na contratação colectiva: de «muita importância» para 51,7% dos sindicalizados e para 33% dos não sindicalizados.

Gráfico XXXIV

Importância das iniciativas da CGTP-IN



Fonte: Sondagem CGTP-IN/Marktest, Dezembro 2010

⁴ Excluem-se os inquiridos que se declaram «nada informados» sobre as iniciativas da CGTP-IN

A maior ou menor importância das iniciativas da CGTP-IN tem a ver, claro está, com a maior ou menor influência que se lhes reconheça nas decisões tomadas pelo governo ou pelo patronato e, mais concretamente, na celebração de acordos que possam melhorar ou prejudicar as condições de vida dos trabalhadores. Nesta perspectiva, repare-se que 12,5% e 11,3% dos 1004 inquiridos acha que as iniciativas da CGTP-IN não têm tido nenhuma influência no sentido de defender os direitos dos trabalhadores, tanto no que se refere às políticas governamentais como às estratégias do patronato.

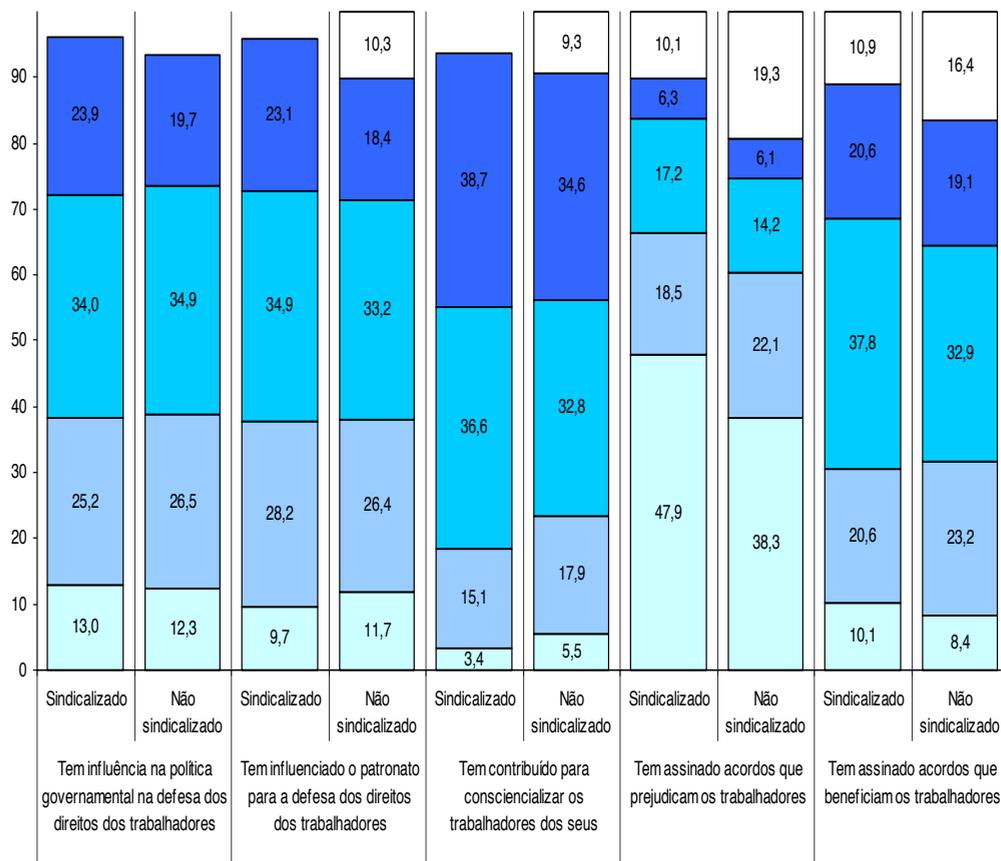
Tal avaliação, profundamente negativa, pode explicar-se, separada ou conjugadamente, pela ideia de uma total ineficácia da confederação sindical cuja existência seria, assim, praticamente inútil, e/ou por um desencanto, senão por um total descrédito, relativamente a governos e a organizações patronais, logo empurrados para o campo das irredutibilidades. De facto, dá que pensar esta percentagem relativamente elevada de descrentes que se manifesta, igualmente, tanto nos sindicalizados como nos não sindicalizados: entre os 12% e os 13%.

Elevada relativamente, insista-se, porque, apesar de dotada de significado, não deixa de exprimir o pensar de uma pequena minoria. Pelo contrário, cerca de 20% dos inquiridos admite que a CGTP-IN tem influenciado «muito» o governo e o patronato quanto à adopção de medidas favoráveis aos trabalhadores; mais de 60% entende que a CGTP-IN não assinou - nunca ou quase nunca - acordos que lhes sejam prejudiciais e, para mais de 53%, a CGTP-IN investiu «algo» ou «muito» na assinatura de acordos favoráveis.

Quando se comparam as respostas de inquiridos sindicalizados com as de inquiridos não sindicalizados saltam à vista diferenças que podemos classificar como inevitáveis:

- é superior, nos sindicalizados, a taxa dos que reconhecem ter a CGTP-IN contribuído «muito» para consciencializar os trabalhadores dos seus direitos;
- é acentuadamente maior a taxa dos não sindicalizados que se ficam por um «não sabe ou não responde» à pergunta sobre a assinatura, pela CGTP-IN, de acordos favoráveis ou desfavoráveis aos trabalhadores.

Gráfico XXXV

Influência da CGTP-IN

Fonte: Sondagem CGTP-IN/Marktest, Dezembro 2010

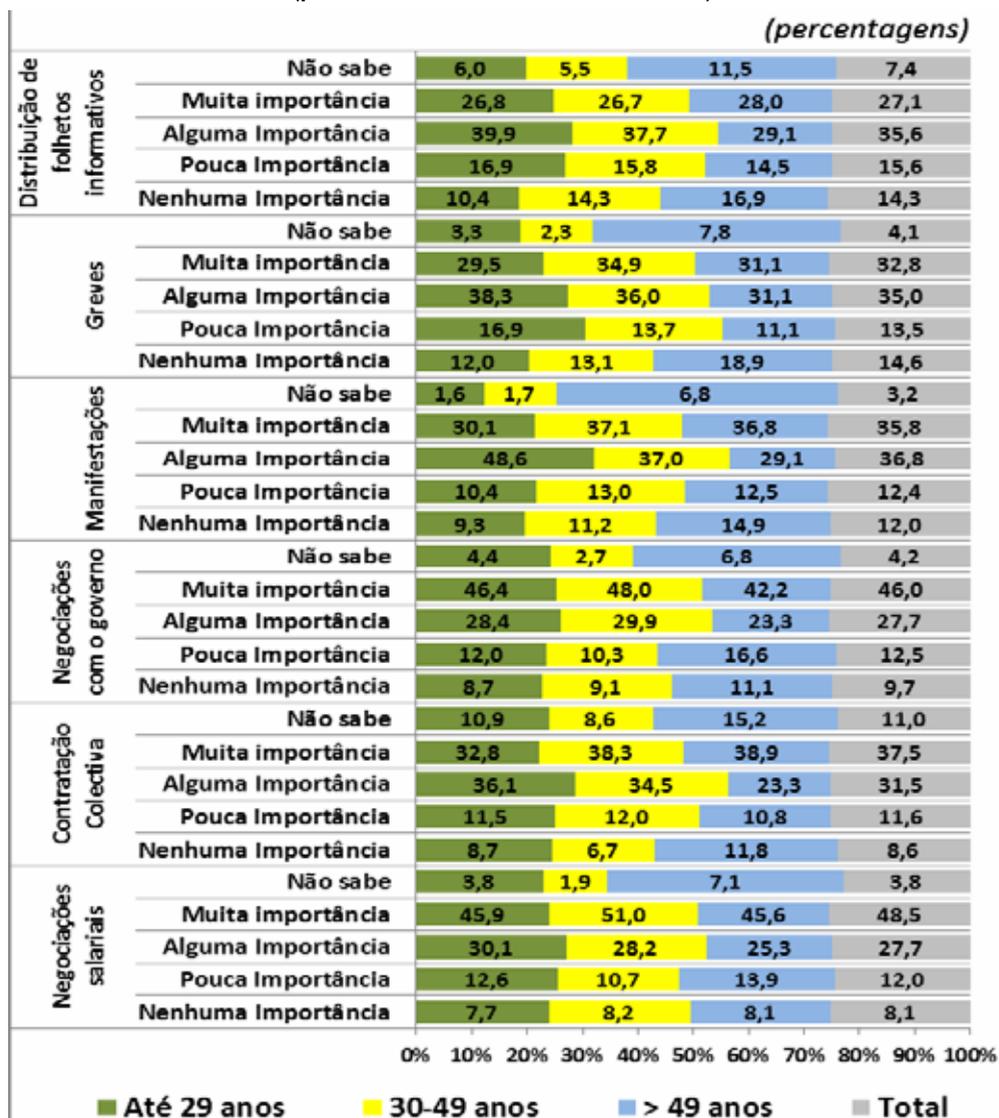
1. Por faixas etárias

Das três faixas etárias – até aos 29 anos, dos 30 aos 49 e mais de 49 – é na faixa intermédia que se regista o menor índice dos que não sabem ou não respondem: mais determinação, menos moderação ou menos receio. É também nesta faixa intermédia – auge da actividade profissional – que as negociações com o governo e as negociações salariais atingem a sua maior expressão. Sobretudo, nos inquiridos mais velhos, a percentagem dos que não atribuem «nenhuma importância» à distribuição de folhetos informativos, a greves e a manifestações. Manifestações que, no grupo dos mais jovens, são objecto de reacções interessantes. É que, adicionando os que dão «alguma importância» e «muito importância» a manifestações, o total daí resultante

alcança os seus valores máximos no escalão mais jovem que, no entanto, é aquele onde a classificação de «muita importância», para as manifestações, é mais reduzido. Em suma, é nos jovens que as manifestações têm, genericamente, mais acolhimento, mas de forma mais modalizada, mais controlada, com menos entusiastas.

Gráfico XXXVI^a

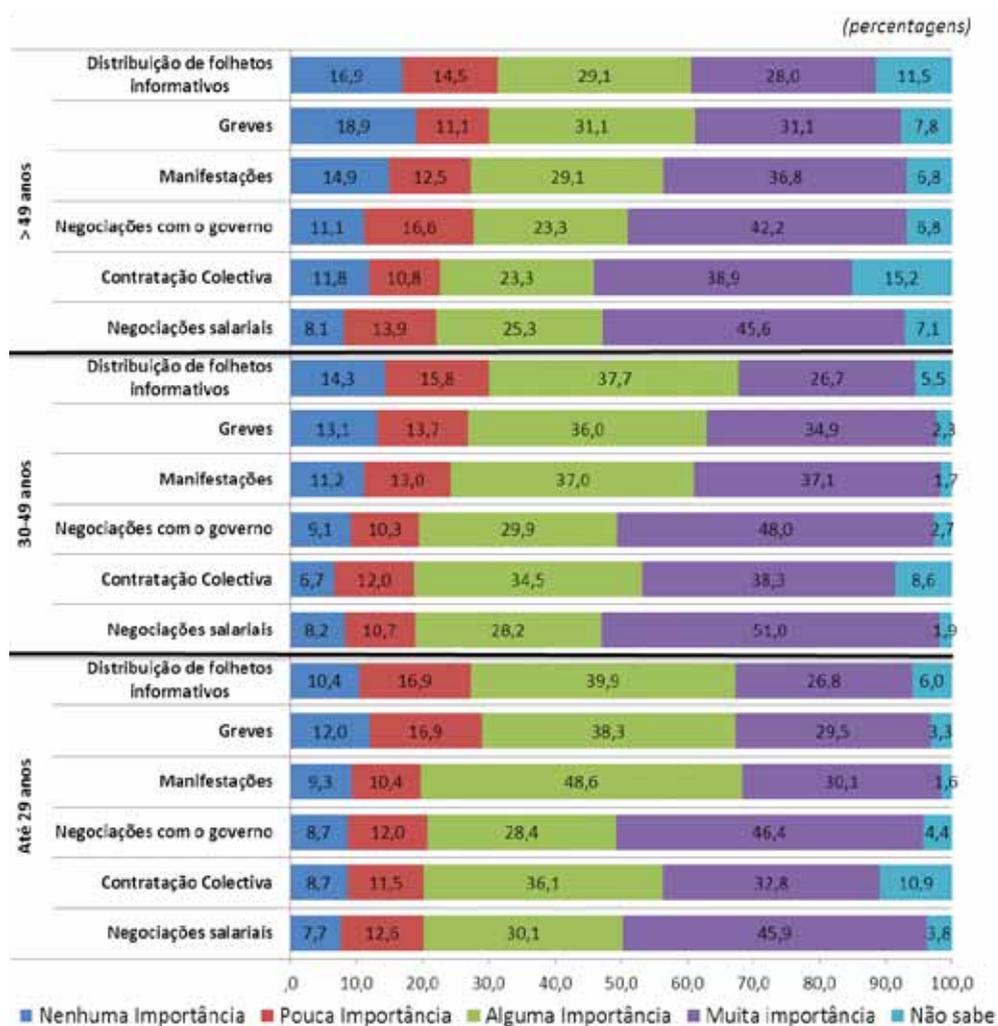
*Importância das iniciativas da CGTP-IN
(por faixas etárias, leitura vertical)*



Fonte: Sondagem CGTP-IN/Marktest, Dezembro 2010

Gráfico XXXVI^b

**Importância das iniciativas da CGTP-IN
(por faixas etárias, leitura horizontal)**



Fonte: Sondagem CGTP-IN/Marktest, Dezembro 2010

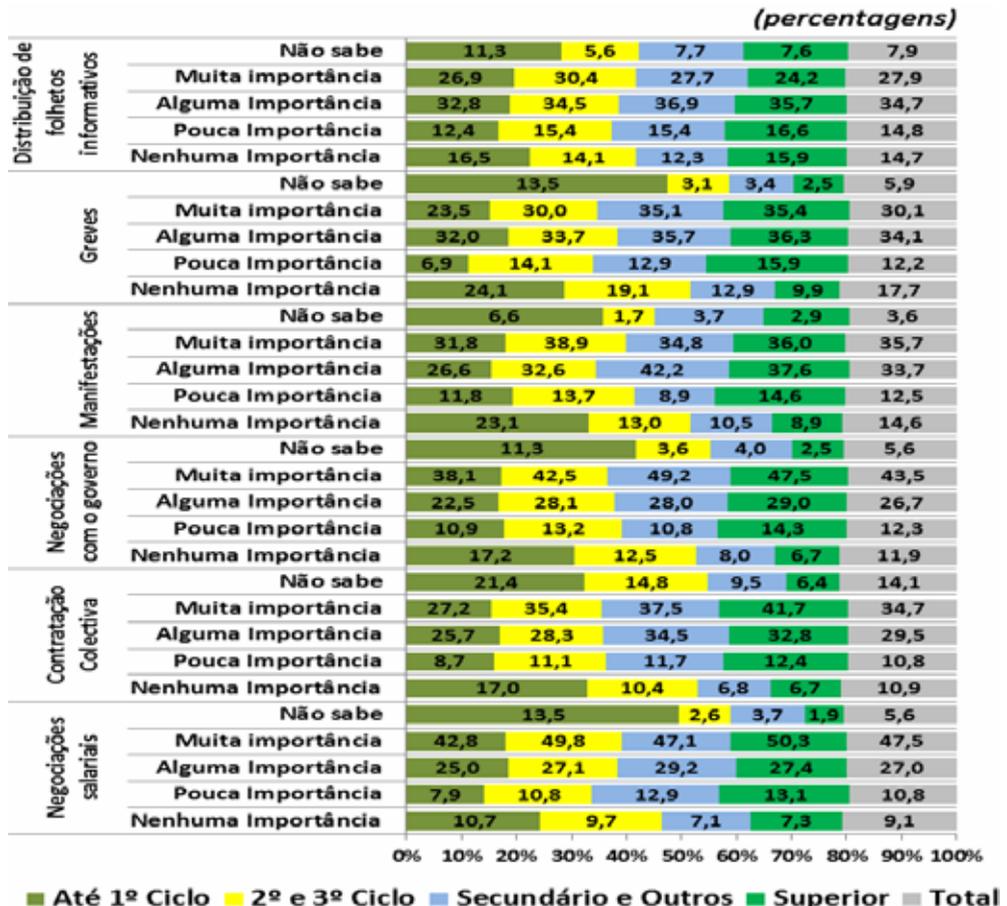
2. Por graus de escolaridade

À medida que aumenta o nível de escolaridade aumenta a importância atribuída às iniciativas da CGTP-IN. Os inquiridos com escolaridade até ao 1o ciclo e os inquiridos com formação superior dispõem-se, assim, nos extremos de um eixo cujas posições centrais são ocupadas pelos titulares de diplomas do 2o e 3o ciclos e por aqueles que terminaram o ensino secundário ou outros cursos de natureza seme-

lhante. Exemplo: a avaliação «nenhuma importância» ganha a sua maior expressão nos inquiridos cuja formação não ultrapassa o 1o ciclo que se mostram, assim, como os mais retrógrados a propósito da importância das iniciativas levadas a cabo pela CGTP-IN, sejam elas quais forem – distribuição de folhetos, convocação e organização de greves e de manifestações, negociações com o governo, negociações salariais, negociação de acordos de contratação colectiva; os inquiridos com cursos superiores são, inversamente, os que menos optam por essa avaliação. Igual discrepância se observa no domínio das não-respostas, isto é, dos que se acantonam na posição de «não sabe/não responde»: maiores percentagens nos que se situam nos mais baixos níveis de escolaridade e menores percentagens nos mais elevados níveis de escolaridade.

Gráfico XXXVII^a

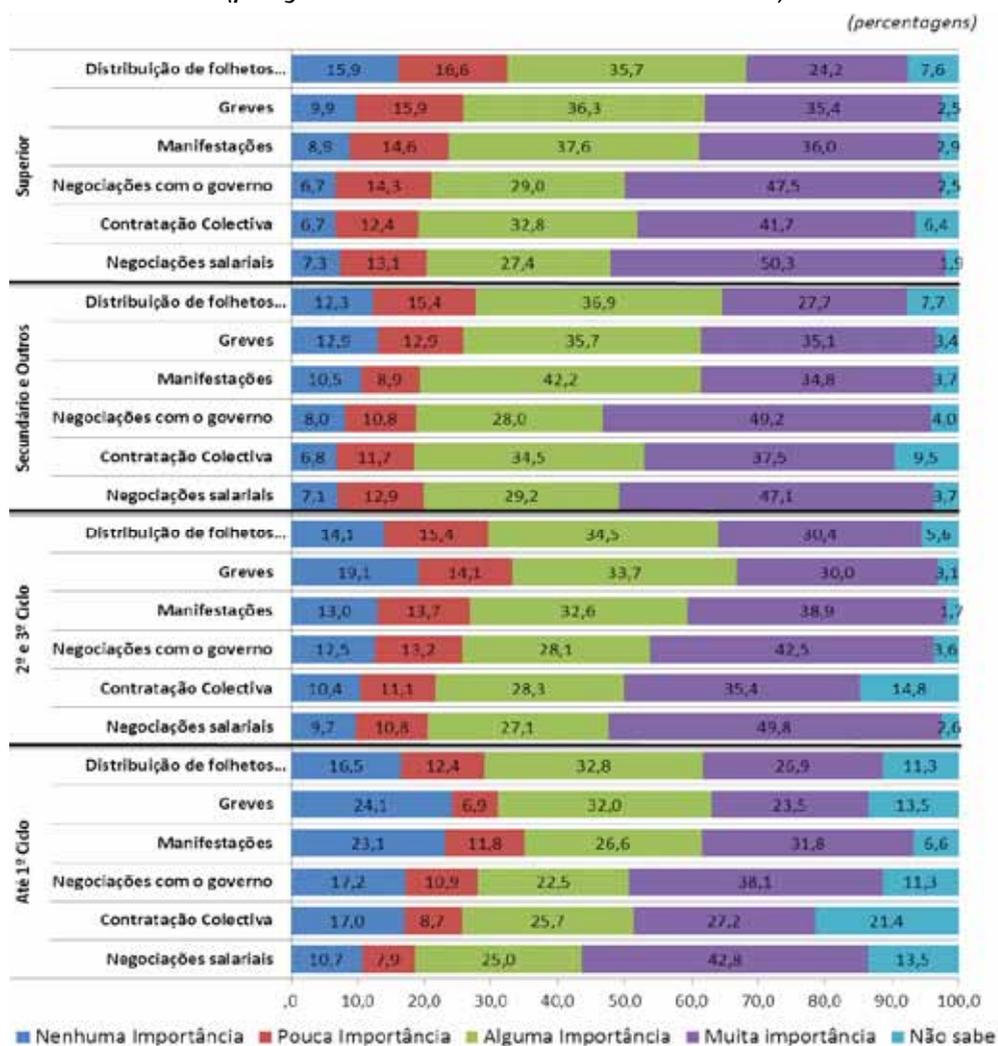
*Importância das iniciativas da CGTP-IN
(por graus de escolaridade, leitura vertical)*



Fonte: Sondagem CGTP-IN|Marktest, Dezembro 2010

Gráfico XXXVII^b

*Importância das iniciativas da CGTP-IN
(por graus de escolaridade, leitura horizontal)*



Fonte: Sondagem CGTP-IN/Marktest, Dezembro 2010

3. Por filiação sindical: CGTP-IN, UGT, sindicatos independentes e outras organizações sindicais

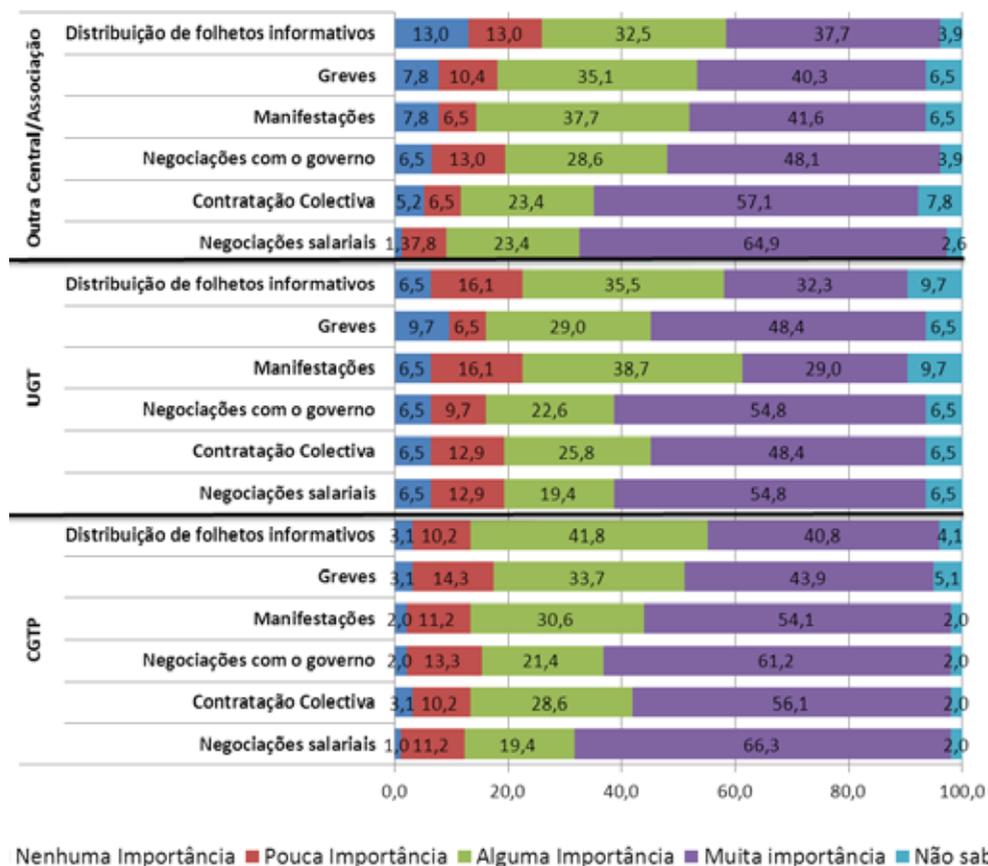
Naturalmente, são os filiados em sindicatos da CGTP-IN que mais qualificam como de «muita importância» as iniciativas desta Confederação. Tal como são esses mesmos filiados que menos lhes atribuem «nenhuma importância». Admira, apesar de tudo, a percentagem dos que as julgam de «pouca importância»: 14,3% no caso da

convocação e organização de greves, 13,3% no que toca a negociações com o governo, etc. Talvez que este núcleo, mais reservado quanto às iniciativas da própria instituição a que pertence, seja movido por um certo radicalismo, já evocado anteriormente, na análise da situação política, económica e financeira do país. Sublinhe-se, por outro lado, a fraca percentagem de sindicalistas da UGT para os quais as manifestações promovidas pela CGTP-IN se revestem de «muita importância»: 29%, muito abaixo da percentagem obtida junto de filiados em sindicatos independentes ou integrados noutras associações.

Gráfico XXXVIII

*Importância das iniciativas da CGTP-IN
(por filiação sindical)*

(percentagens)



Fonte: Sondagem CGTP-IN/Marktest, Dezembro 2010

VII As representações

No sentido de apurar as representações geradas pela actividade dos sindicatos, em geral, e da CGTP-IN, em particular, foram propostas, aos 1004 inquiridos, oito expressões às quais deveriam responder por «não concorda nada», «concorda pouco», «concorda», e «concorda muito». Conjugadas, as duas últimas respostas significariam concordância enquanto as duas primeiras significariam discordância total ou parcial. Aceitou-se, igualmente, que os indivíduos sujeitos ao questionário optassem por não reagir a qualquer uma das expressões.

A primeira grande conclusão, é que a maioria esmagadora dos interrogados, sindicalizados ou não sindicalizados, estima que «os trabalhadores precisam de sindicatos fortes». Apenas 85 (8,5%) manifestaram discordância relativamente à expressão sugerida, dos quais 39 discordância total e 46 discordância parcial. Desagregando, a taxa de discordância desceu para 2,1% no que se refere a inquiridos sindicalizados – um valor praticamente residual.

A segunda conclusão envolve uma aparente contradição no que se refere à análise dos objectivos e práticas sindicais. É que, embora 60% ache que «os sindicatos têm em conta a opinião dos trabalhadores nas suas decisões», ascendem a 51,7% os que acusam os sindicatos de estarem «mais interessados em fazer política partidária do que na defesa dos trabalhadores». E note-se que esta opinião encontra eco junto dos próprios sindicalizados que a subscrevem à altura de 47,9%.

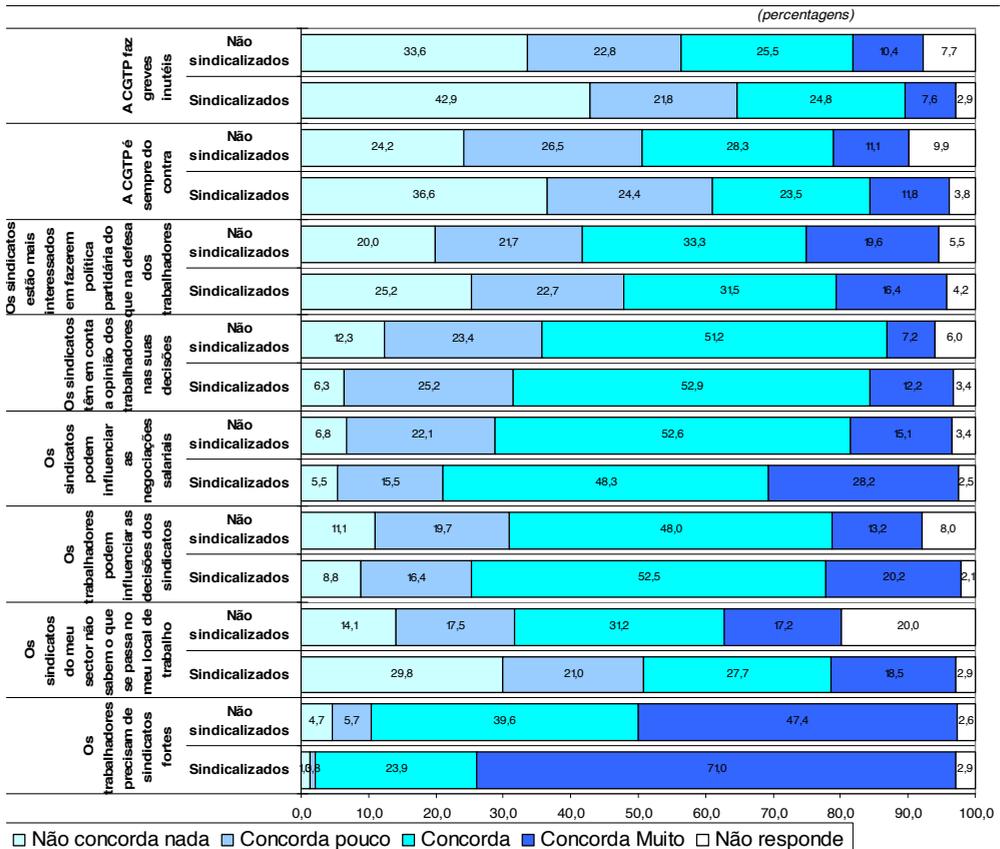
Tanto a primeira como a segunda conclusão remetem para uma representação da actividade sindical tomada globalmente, isto é, excluindo apreciações de situações reais. Já as conclusões seguintes afiguram-se menos genéricas e mais baseadas em apreciações concretas.

A terceira conclusão aponta, directamente, para o comportamento da CGTP-IN: será ela «sempre do contra»? Mais de metade (53,1%) dos inquiridos não aceita ou aceita pouco este parecer que merece o assentimento de 38,5%. Tratando-se de sindicalizados, a discordância total ou parcial sobe para 61%.

Incide igualmente sobre a CGTP-IN, mas a propósito de uma das suas actividades

de maior incidência na vida quotidiana – a convocação e organização de greves – a conclusão seguinte. Confrontados com a expressão «A CGTP-IN faz greves inúteis?», uma clara maioria de interrogados (58,4%) afirma a sua discordância. Discordância que é ainda maior junto dos sindicalizados: 64,7%.

Gráfico XXXIX

Representações da actividade sindical

Fonte: Sondagem CGTP-IN/Marktest, Dezembro 2010

Mas se a imagem da CGTP-IN, enquanto confederação, tem contornos favoráveis, já o mesmo não se poderá dizer da imagem dos sindicatos tomados de per si. Com efeito são mais numerosos os inquiridos que concordam com a expressão «os sindicatos do meu sector não sabem o que se passa no meu local de trabalho» (47,9%), do que os que dela discordam (36,1%). E este relativo desapareço, quanto à actividade dos sindicatos nos locais de trabalho, é extensível aos próprios inquiridos sindicalizados

já que 46,2% destes partilham da mesma opinião.

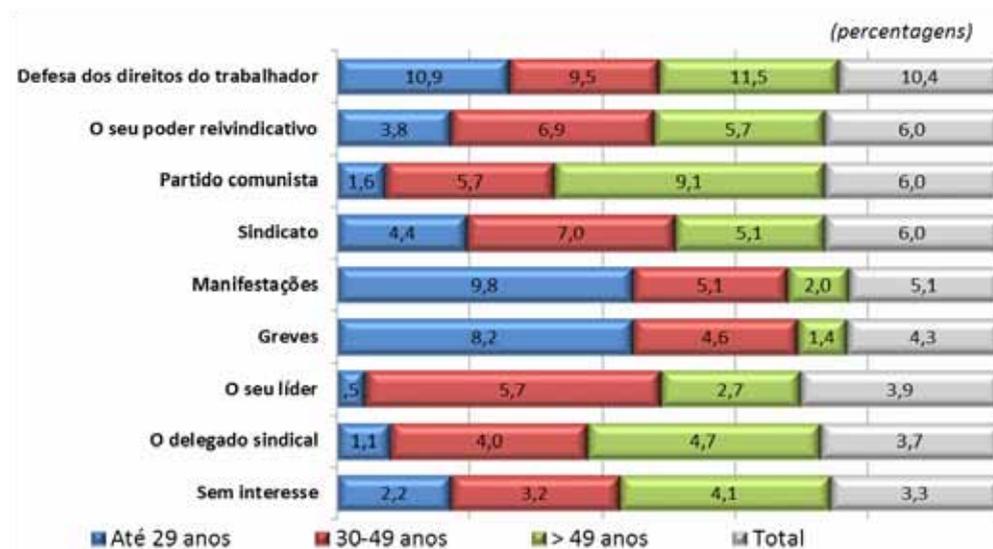
Em seguida, e a partir de uma lista de 28 imagens, perguntou-se qual delas lhes vinha de imediato à cabeça com a evocação da CGTP-IN. Por ordem decrescente, a confederação sindical surge associada a: «defesa dos direitos do trabalhador», «sindicato», «partido comunista», «poder reivindicativo», «manifestações», «greves», «o seu líder», «delegado sindical», «sem interesse», «sindicato pouco eficiente», «sindicato de esquerda».

Desagregando, por idades, graus de escolaridade e género, aparecem, contudo, escalas hierárquicas bem diferentes.

Para os inquiridos com menos de 29 anos de idade, a segunda associação mais frequente é «manifestações», seguida de «greves», «sindicato» e «poder reivindicativo». Praticamente irrelevante nos inquiridos mais jovens, onde é citada somente três vezes, a associação da CGTP-IN a «partido comunista» ganha importância no grupo dos inquiridos mais velhos, no qual figura em segundo lugar com 27 citações. Neste mesmo grupo dos mais velhos, sobressai, também, a associação com «delegado sindical» ao passo que «manifestações» e «greves» são relegadas para um plano secundário.

Gráfico XXXX

*A «primeira imagem que vem à cabeça»
(por faixas etárias)*

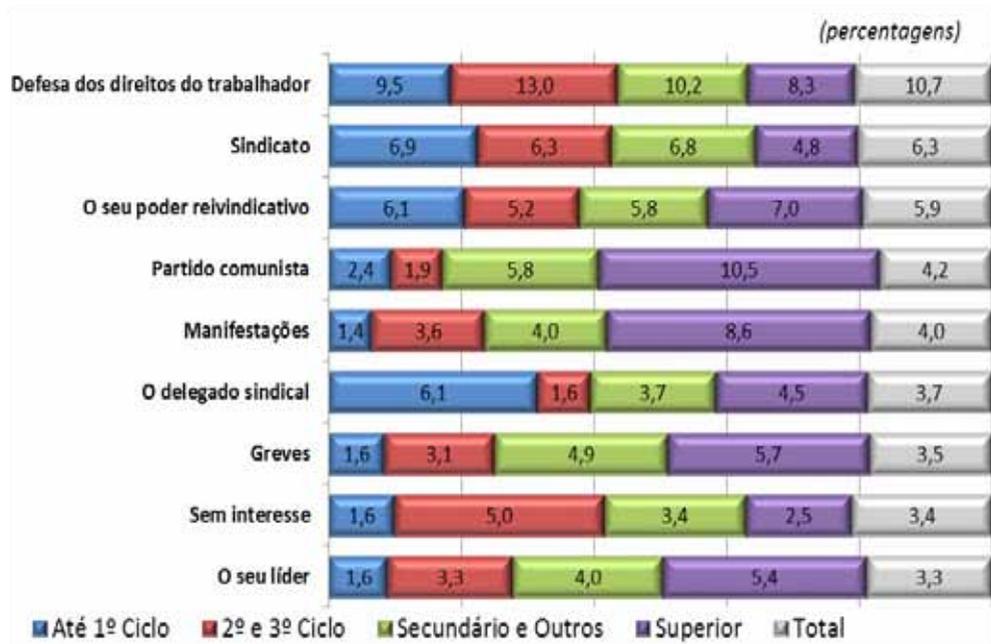


Fonte: Sondagem CGTP-IN/Marktest, Dezembro 2010

Para os que não ultrapassaram o 1o ciclo de estudos, as associações principais são feitas, após «defesa dos direitos do trabalhador», com «sindicato», «poder reivindicativo» e «delegado sindical». Em contrapartida, nos titulares de cursos superiores, a «defesa dos direitos do trabalhador» é citada em terceiro lugar enquanto a associação ao «partido comunista», primeiro, e a «manifestações», depois, figuram à frente de todas as outras.

Gráfico XXXXI

*A «primeira imagem que vem à cabeça»
(por graus de escolaridade)*



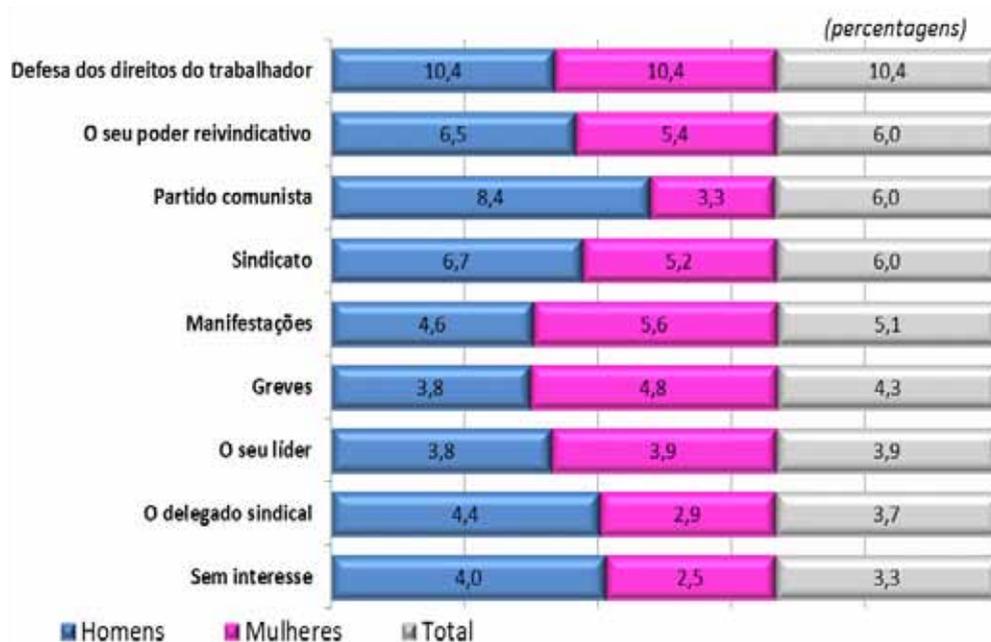
Fonte: Sondagem CGTP-IN/Marktest, Dezembro 2010

Homens e mulheres igualam-se na associação da CGTP-IN a «defesa dos direitos do trabalhador», com 10,4% de citações.

Já a segunda associação faz-se, nos homens, com «partido comunista» e, nas mulheres, com «manifestações». Note-se que, nas mulheres, a percentagem de não respostas («não sabe/não responde») é notoriamente mais elevada do que nos homens (40,2% contra 27,8%).

Gráfico XXXXII

*A «primeira imagem que vem à cabeça»
(por género)*

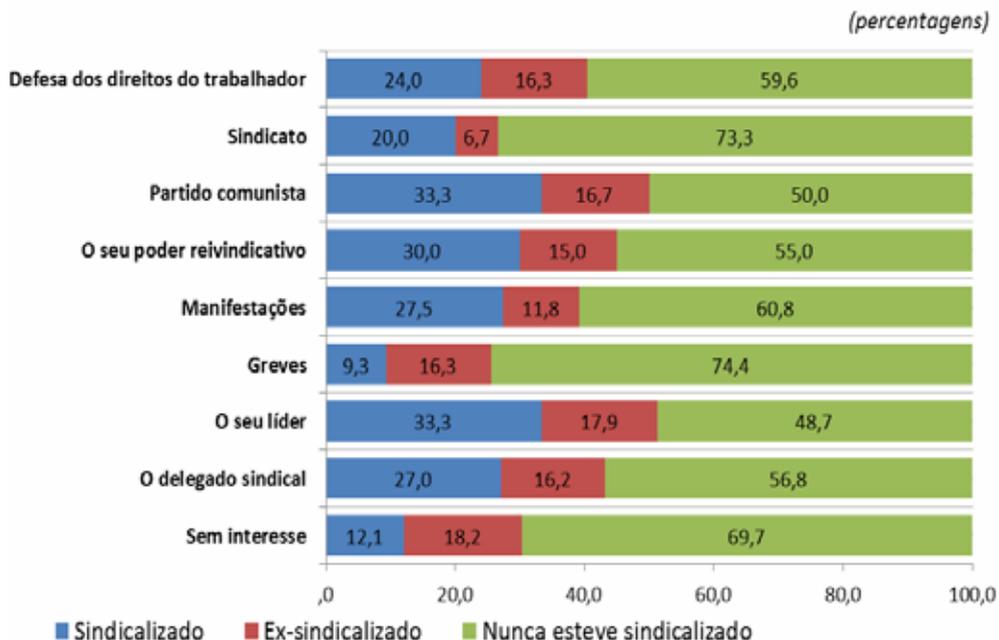


Fonte: Sondagem CGTP-IN/Marktest, Dezembro 2010

Comparando sindicalizados e não sindicalizados ressalta, nestes últimos, a associação da CGTP-IN a uma imagem aparentemente despida de conotações: «sindicato»... Já nos sindicalizados, prevalecem associações de cariz mais ideológico a «partido comunista», «o seu líder», «poder reivindicativo», e «manifestações». Isto, nos sindicalizados que aceitam responder, na medida em que se observa, neste grupo de inquiridos, a maior taxa de não-respostas («não sabe/ não responde»): 64,3%. Sublinhe-se a reduzida importância atribuída, tanto por sindicalizados como por dessindicalizados, à associação CGTP-IN/greves, só realçada por aqueles que nunca estiveram sindicalizados.

Gráfico XXXXIII

*A «primeira imagem que vem à cabeça»
(por sindicalizados, dessindicalizados e nunca sindicalizados)*



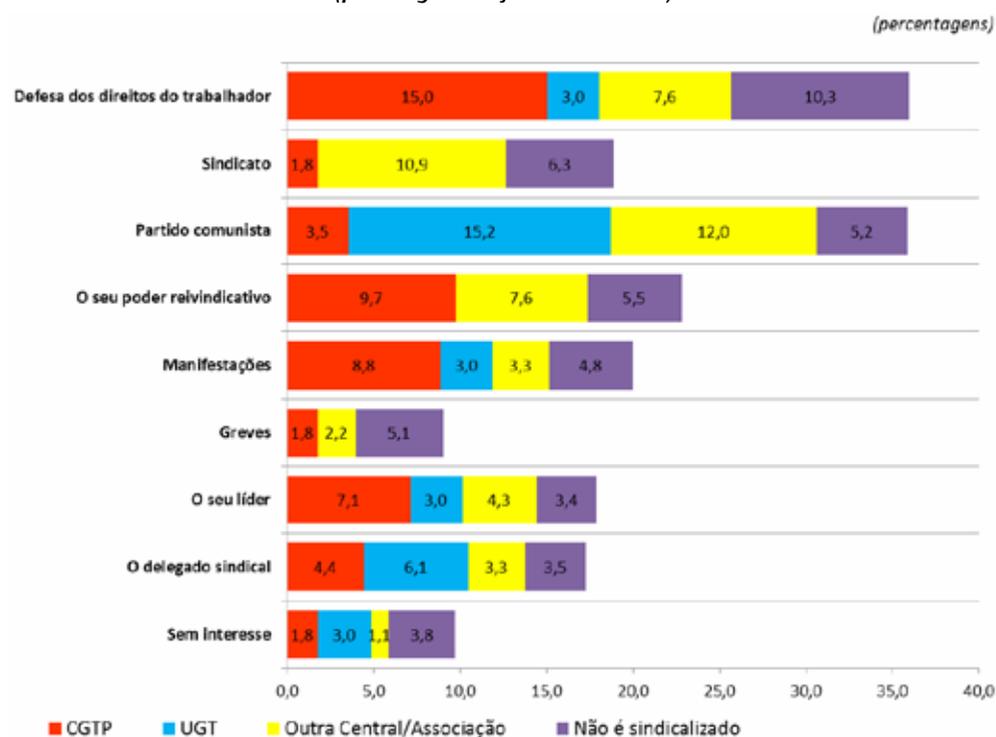
Fonte: Sondagem CGTP-IN/Marktest, Dezembro 2010

Resta comparar as associações operadas por filiados em sindicatos da CGTP-IN, da UGT e em sindicatos independentes ou reunidos noutras organizações sindicais. Pese embora a escassa representatividade dos interrogados afectos à UGT (N=33), digamos que:

1. Os sindicalizados da CGTP-IN associam, prioritariamente, a sua Confederação a «defesa dos direitos do trabalhador», «poder reivindicativo» e «manifestações»;
2. A associação a «partido comunista» surge, em primeiro lugar, nos sindicalizados da UGT assim como nos membros de sindicatos independentes ou integrados noutras organizações;
3. Só um dos sindicalizados da UGT associa a CGTP-IN a «defesa dos direitos do trabalhador» e nenhum a associa a «poder reivindicativo»
4. A associação ao líder só adquire algum significado junto dos sindicalizados da própria CGTP-IN (8 citações).

Gráfico XXXIV

*A «primeira imagem que vem à cabeça»
(por organizações sindicais)*



Fonte: Sondagem CGTP-IN/Marktest, Dezembro 2010

Em síntese, a CGTP-IN é mais associada a:

- «partido comunista» nos homens, com mais de 49 anos, de escolaridade superior, nunca sindicalizados ou, quando sindicalizados, em sindicatos da UGT, independentes ou integrados noutras organizações;
- «defesa dos direitos do trabalhador» nos homens e mulheres, com mais de 49 anos, de escolaridade intermédia (2o e 3o ciclos), não sindicalizados ou, quando sindicalizados, em sindicatos da CGTP-IN;
- «poder reivindicativo» nos homens, de 30 a 49 anos, com formação superior, não sindicalizados ou, quando sindicalizados, em sindicatos da CGTP-IN;
- «manifestações» nas mulheres, até 29 anos, de formação superior, nunca sindicalizadas⁵ ou, quando sindicalizadas, na CGTP-IN.

⁵ Dos 766 inquiridos não sindicalizados, 90 participaram em manifestações promovidas pela CGTP-IN.

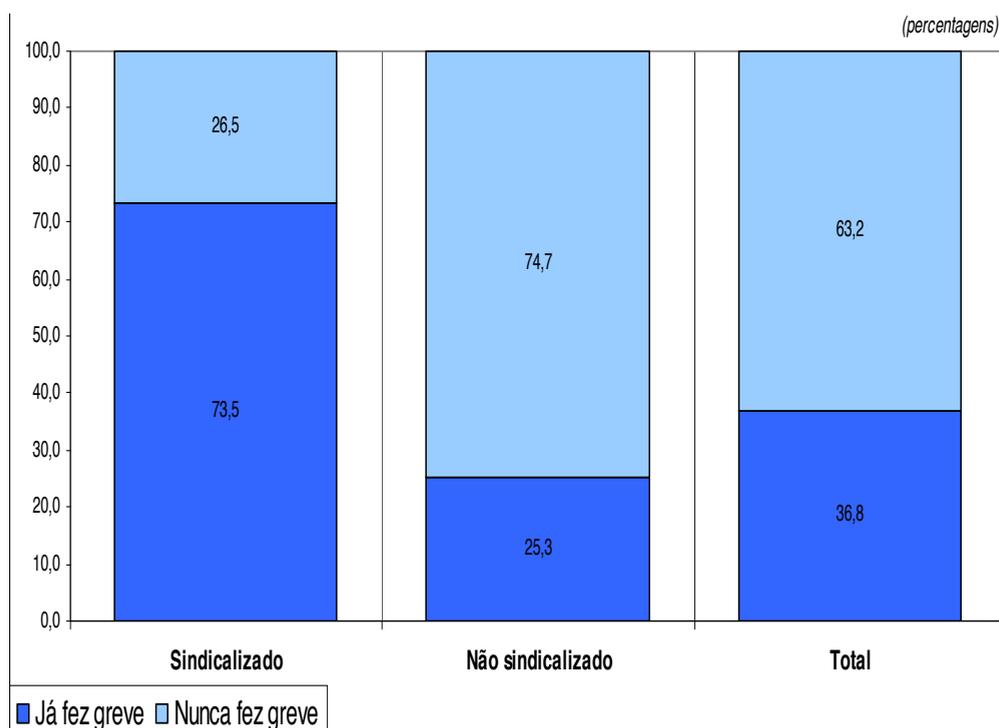
VIII As greves

Mais de um terço dos inquiridos (36,8%) já fez greve. Mais homens (56,9%) do que mulheres (43,1%). Predominantemente do litoral norte (26,3%) e da região da grande Lisboa (24,9%).

Repare-se, todavia, que nem a prática da greve se limita a sindicalizados tal como nem todos os sindicalizados participam neste movimento de protesto. Com efeito, um quarto dos não sindicalizados já fez greve e percentagem semelhante de sindicalizados nunca a fez.

Gráfico XXXXV

Participação em greves (sindicalizados e não sindicalizado)

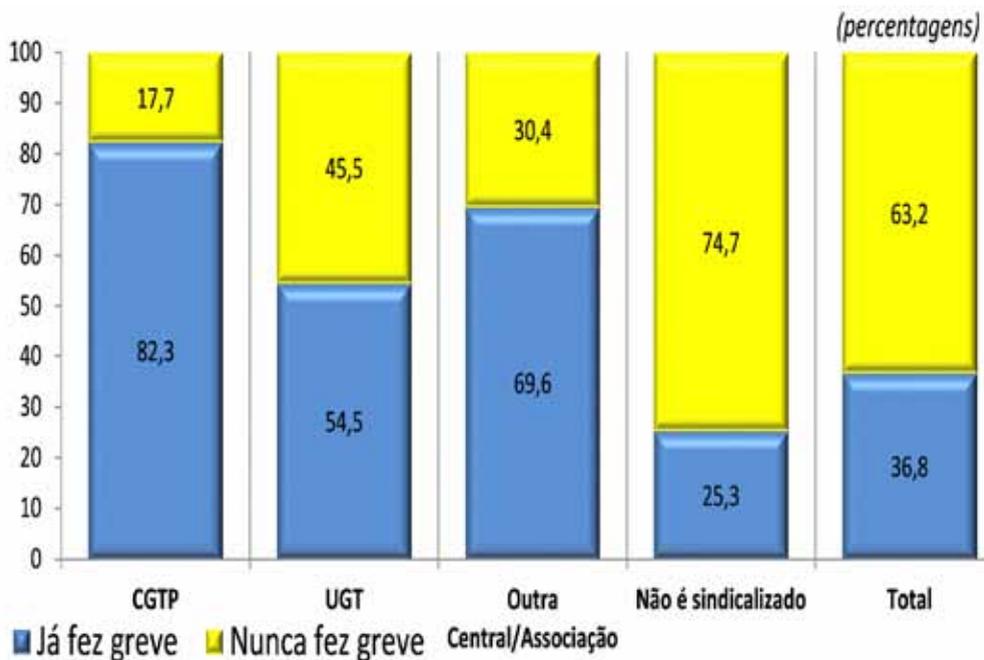


Fonte: Sondagem CGTP-IN/Marktest, Dezembro 2010

Para a percentagem relativamente elevada de sindicalizados que nunca fez greve contam, sobretudo, sindicalizados da UGT. É, de facto, no contexto desta associação sindical que tal situação adquire maiores proporções:

Gráfico XXXXVI

*Participação em greves
(por organização sindical)*



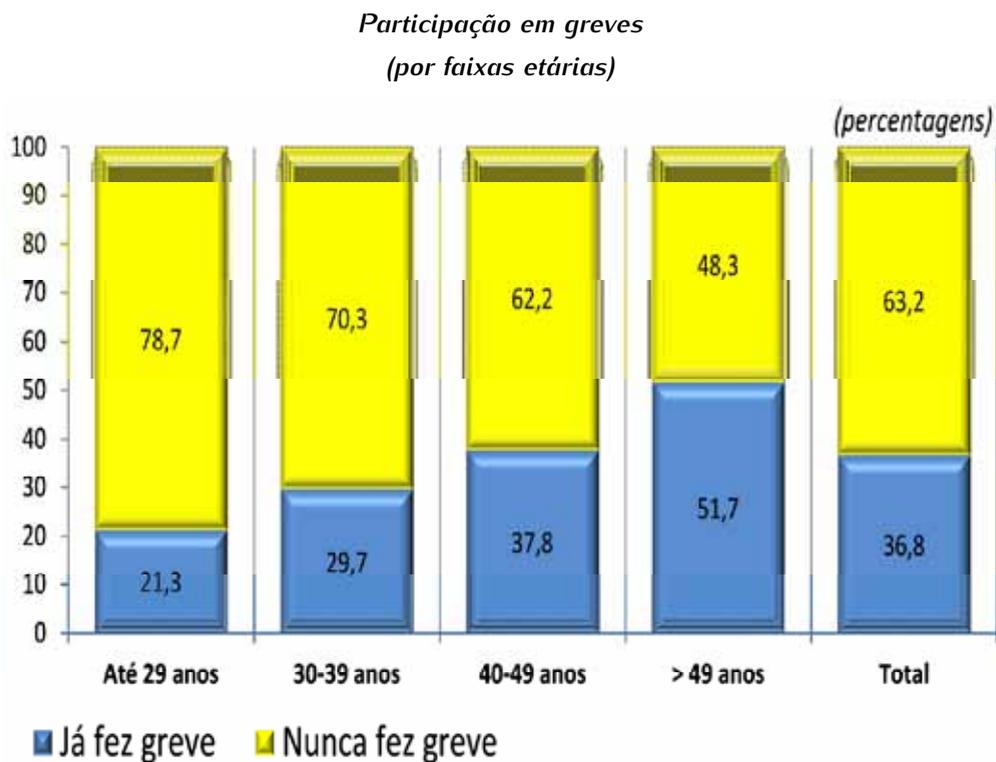
Fonte: Sondagem CGTP-IN/Marktest, Dezembro 2010

A participação em greves varia na razão directa da idade do inquirido, isto é, à medida que sobe a faixa etária, maior é o número dos que admitem ter já feito greve. Porém, tal constatação não significa, necessariamente, que a propensão para a greve aumente com a idade. Poderá significar, apenas, que, quanto mais anos de actividade profissional se acumular, mais numerosas serão as razões (ou as ocasiões) para manifestar, desta forma, um descontentamento. Daí que as percentagens mais elevadas dos 369 inquiridos que dizem já ter feito greve, se encontrem nas faixas etárias dos

50 aos 54 anos (16,5%) e dos 55 aos 59 (15,4%).

A partir dos 60 anos, a percentagem desce abruptamente (9,5%), para o que contará, também, o peso relativo dos que passam à reforma.

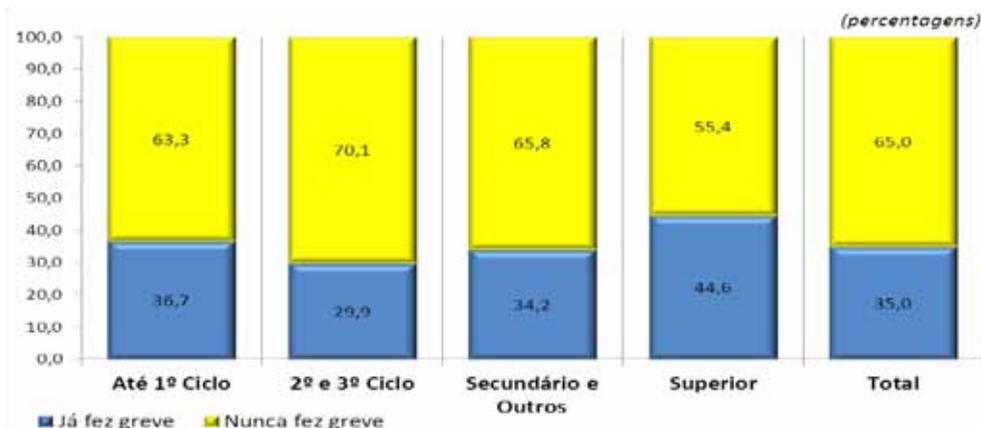
Gráfico XXXXVII



Fonte: Sondagem CGTP-IN/Marktest, Dezembro 2010

Por grau de escolaridade, interessa destacar as percentagens de participantes em greves com formação até ao 1o ciclo, por um lado, com estudos secundários e, principalmente, com estudos superiores, por outro. Ou seja, é nos patamares inferiores e superiores que se encontram as maiores percentagens de inquiridos que já fizeram greve enquanto que, nos patamares intermédios (2o e 3o ciclos), a taxa de participação é consideravelmente menor.

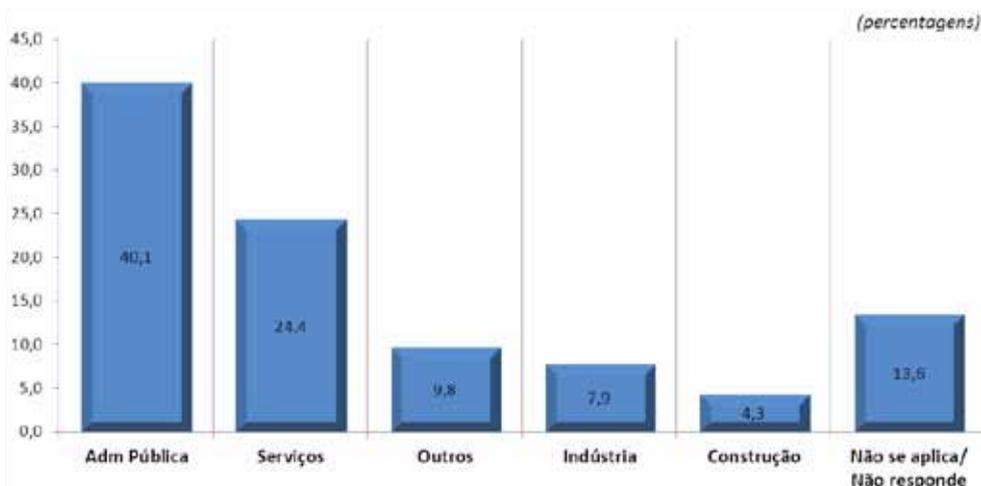
Gráfico XXXXVIII

Participação em greves (por graus de escolaridade)

Fonte: Sondagem CGTP-IN/Marktest, Dezembro 2010

Para além de aspectos de carácter ideológico e de poder reivindicativo que poderão estar na origem destas diferenças de participação será, também, de considerar, como factor explicativo, os sectores de actividade onde se inserem os inquiridos que já fizeram greve: uma grande maioria na administração pública (40,1%) e nos serviços (24,4%), sectores que implicam maiores qualificações académicas, a que se seguem os sectores da indústria (7,9%) e da construção civil (4,3%) onde prevalecem níveis de formação elementar.

Gráfico XXXXIX

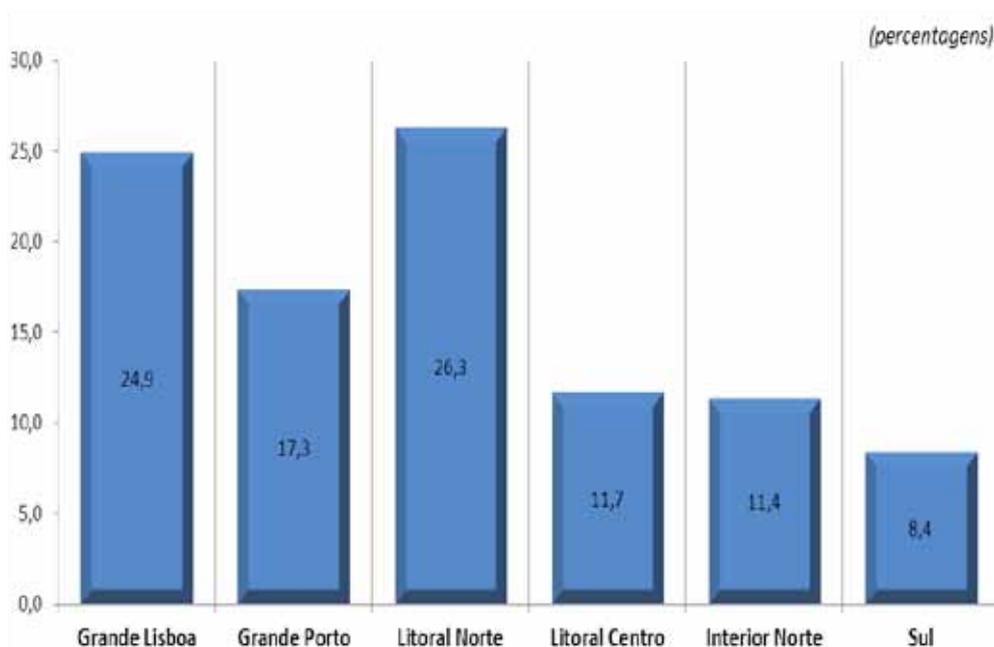
Participação em greves (por sectores de actividade)

Fonte: Sondagem CGTP-IN/Marktest, Dezembro 2010

Desagregando por regiões, a percentagem de participação em greves adquire dimensões particularmente importantes no litoral norte (26,3%) e na grande Lisboa (24,9%), enquanto que, no sul, ela obtém os valores mais baixos (8,4%). Uma vez mais, está em causa a estrutura do aparelho produtivo e o conseqüente impacto da crise nas diversas regiões do país, como fonte de conflitos laborais de maior intensidade numas regiões do que noutras.

Gráfico L

**Participação em greves
(por regiões)**

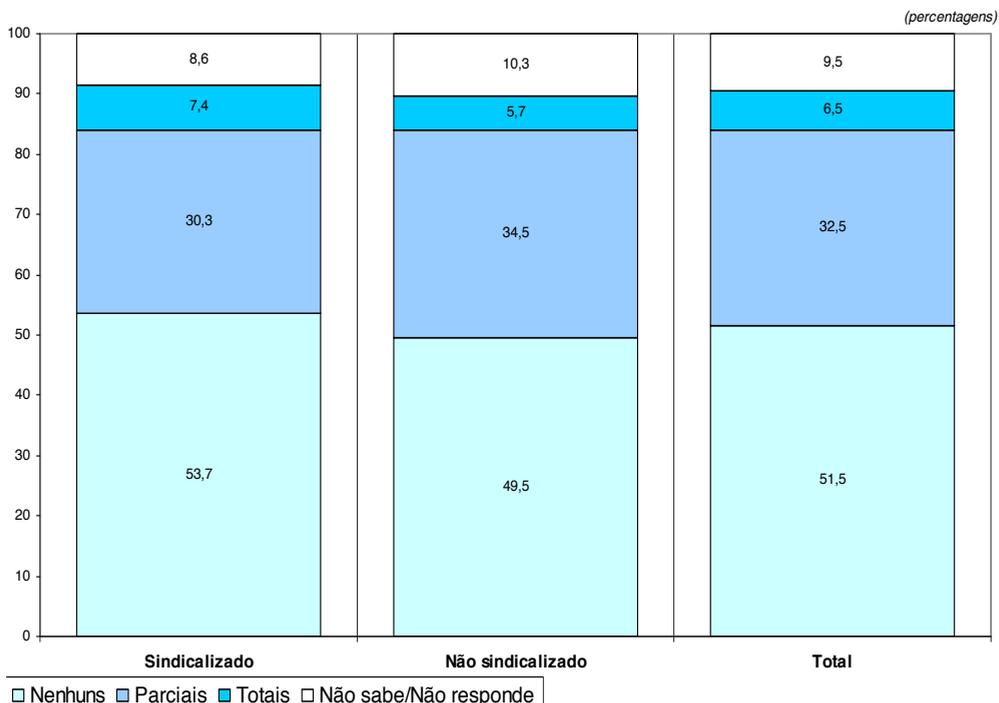


Fonte: Sondagem CGTP-IN/Marktest, Dezembro 2010

À pergunta sobre o resultado que obtiveram da última vez que fizeram greve, as respostas são algo inesperadas:

- 51,5% dos 369 inquiridos a resposta é « nenhuns »;
- 32,5% admitem ter alcançado resultados « parciais »;
- 6,5% declaram-se inteiramente satisfeitos visto terem conseguido resultados « totais ».

Gráfico LI

Resultados das greves

Fonte: Sondagem CGTP-IN/Marktest, Dezembro 2010

A avaliação negativa que não difere, substancialmente, consoante o inquirido esteja ou não sindicalizado já que, para os sindicalizados, é maior ainda o grau de insatisfação total (53,7%) e menor o grau de satisfação parcial (30,3%).

Eis-nos perante um pessimismo contraria as respostas dadas quanto à importância das iniciativas da CGTP-IN. Considerando o universo dos inquiridos (1004), 35% considerou a convocação e organização de greves como revestindo-se de «alguma importância» e 32,8% de «muita importância». Adicionando estes dois indicadores, a greve assumia-se, portanto, para 67,8% dos inquiridos, como uma iniciativa de alguma ou muita importância. Apenas 14,6% lhe negava qualquer importância e 13,5% aceitava-a relutantemente, avaliando-a como de «pouca importância». Desagregando em sindicalizados e não sindicalizados, mantiveram-se elevados níveis de avaliações positivas («alguma importância» e «muita importância») correspondentes a 74,8% das respostas para os primeiros e 65,5% para os segundos. O mesmo poderá dizer-se a propósito da reacção dos inquiridos quando, a dado passo do questionário,

rio, lhes foi pedido para comentarem a expressão seguinte: «A CGTP-IN faz greves inúteis». Dos inquiridos não sindicalizados, 35,9% concordaram com a expressão. Destes, 10,4% «concordaram muito». Discordaram totalmente 33,6% e concordaram pouco 22,8% o que representa uma taxa de discordância, total ou parcial de 56,4%. Dos inquiridos sindicalizados, a taxa de concordância com a expressão sugerida foi ainda menor – 32,4%. Logo, a taxa de discordância, total ou parcial, subiu para 64,7%. Como explicar a aparente contradição entre avaliações nitidamente positivas quanto à importância das greves e à pertinência da sua convocação, e balanços claramente negativos quanto aos seus efeitos?

A explicação poderá estar na descoincidência dos grupos interrogados: respondem à pergunta sobre a importância das greves e à pertinência da sua convocação todos os indivíduos sujeitos ao inquérito, sejam ou não sindicalizados;

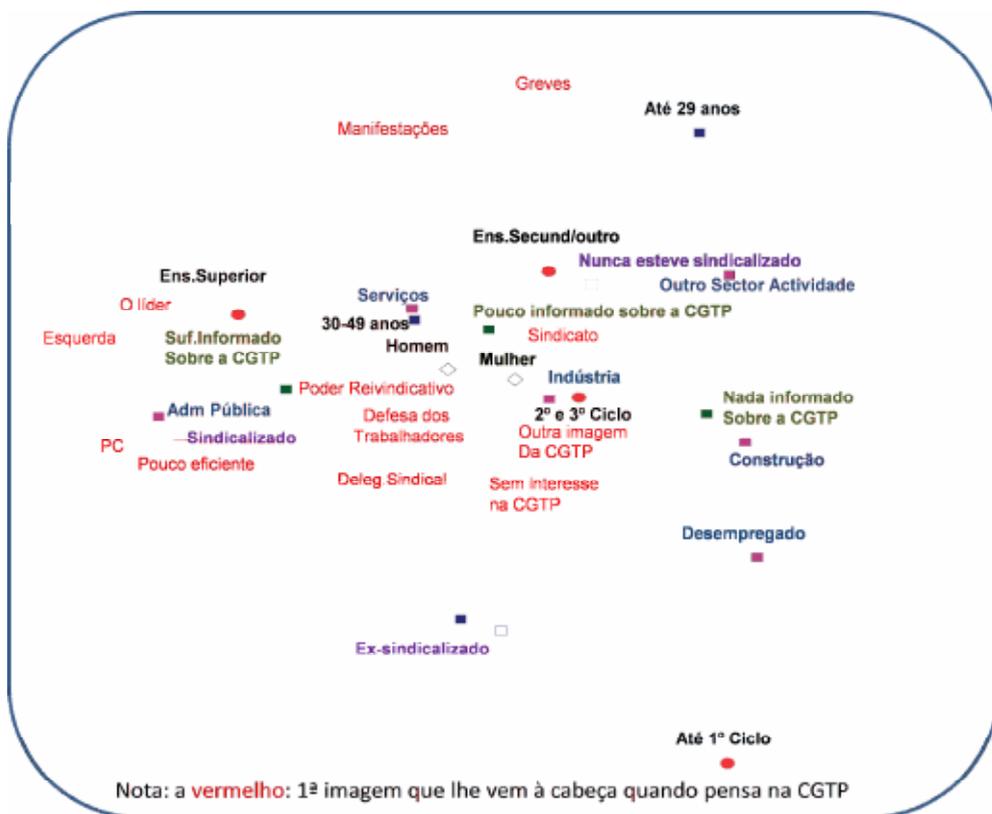
respondem aos efeitos das greves apenas aqueles que declaram já a ter feito. Poderíamos concluir, então, que a negatividade, relativamente à importância da greve, se acentua com o próprio acto de fazer greve. É ao fazer greve que uma parte significativa dos que a fazem se aperceberá da sua inutilidade. Uma inutilidade que tanto poderá recair sobre a greve (avaliação da greve em termos absolutos, do tipo «uma greve nunca serve para nada») como sobre as instâncias cujo comportamento justifica o desencadear do movimento de greve (avaliação da greve em termos relativos, do tipo «nem com a greve se conseguiu...»).

IX Conclusões: Perfis Sociais E Sindicais

Com base nos indicadores utilizados para este estudo - género, idade, escolaridade, sector de actividade profissional, situação sindical, grau de informação sobre as iniciativas da CGTP-IN, representações da CGTP-IN - procedeu-se a uma Análise de Correspondências Múltiplas que apresenta a seguinte configuração:

Gráfico LII

Perfis sociais e profissionais



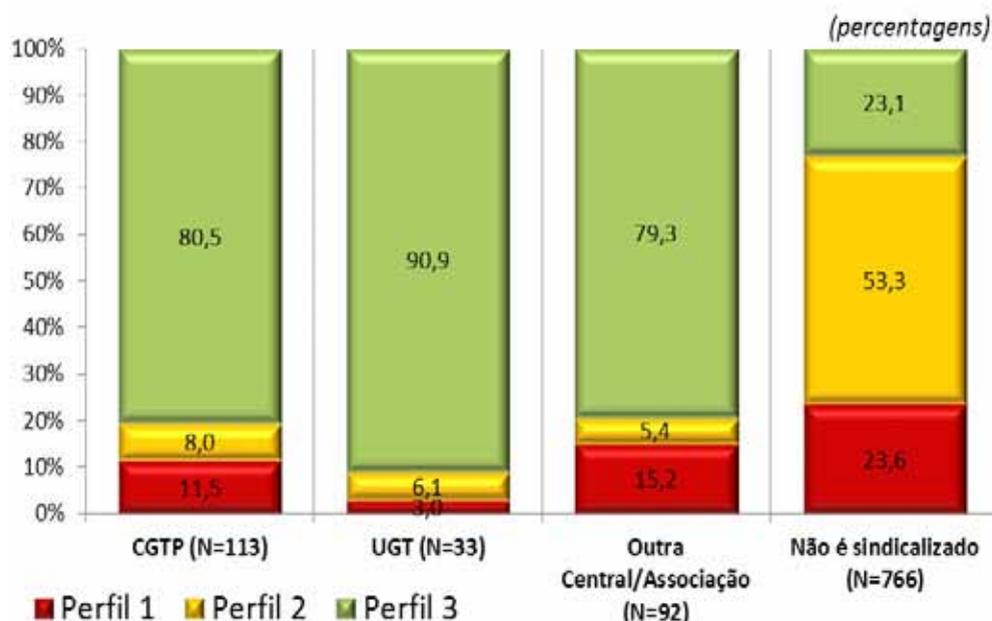
Fonte: Sondagem CGTP-IN/Marktest, Dezembro 2010

▸ O perfil 3 está mais associado aos inquiridos de maior escolaridade, com idades compreendidas entre os 30 e 49 anos, do sexo masculino, informados sobre a CGTP-IN, com ensino superior, sindicalizados e a trabalhar na Administração Pública e nos Serviços; as principais representações da CGTP-IN dividem-se entre «partido comunista», «esquerda», «líder», «pouco eficiente» e «poder reivindicativo».

O cruzamento destes perfis, por organização sindical, mostra que tanto o perfil 1 como o perfil 2 estão, percentualmente, mais representados entre os não sindicalizados ao passo que o perfil 3 predomina na UGT.

Gráfico LIV

Perfis sociais e sindicais por Central sindical



Fonte: Sondagem CGTP-IN/Marktest, Dezembro 2010

1. Perfil do sindicalizado na CGTP-IN

Com base na distribuição percentual mais elevada dos indicadores, o retrato-tipo do inquirido sindicalizado na CGTP (N=113) configura-se deste modo:

Homem (50%) ou mulher (50%), com mais de 49 anos (49%), escolaridade ao nível do 2o ou 3o ciclo (41%), professor do ensino secundário (19%) ou operário (12%). Assalariado (96%). Trabalha na Administração Pública (48%) ou nos Serviços (23%). Tem

um contrato de trabalho efectivo (79%) e reside no Litoral Norte (30%) ou na Grande Lisboa (24%).

Nunca exerceu um cargo sindical (89%), associa a CGTP-IN a «defesa dos direitos dos trabalhadores» (15%), nunca aderiu a uma manifestação de protesto da CGTP-IN (56%) mas já fez greve (82%) embora considere terem sido nulos os resultados da última greve em que participou.

Acha suficiente a informação que a CGTP-IN divulga sobre salários (53%), horários de trabalho (57%), condições de trabalho (54%), faltas/férias (46%), contratos de trabalho (56%), desemprego (59%), greves (68,9%), precariedade (57%), direitos dos trabalhadores (57%), impostos (44%), segurança social (46%), saúde (38%) e despedimentos (58%).

Merece-lhe credibilidade a informação divulgada sobre as actividades da CGTP-IN pela televisão (55%), rádio (47%), jornais (48%), representante sindical (51%) e Internet (36%). Atribui muita importância ao papel da CGTP-IN nas negociações salariais (64%), na contratação colectiva (51%), nas negociações com o Governo (58%), nas manifestações (52%) e nas greves (43%).

Considera que a CGTP-IN tem influência na política governamental (60%) e nas decisões do patronato (63%) relativas à defesa dos direitos dos trabalhadores. Contribui para consciencializar os trabalhadores dos seus direitos (81%) e tem assinado acordos que beneficiam os trabalhadores (65%).

Concorda em que os trabalhadores precisam de sindicatos fortes que os defendam (96%), que os sindicatos do sector não sabem o que se passa no local de trabalho (42%), que os trabalhadores podem influenciar as decisões do sindicato (75%), que os sindicatos podem influenciar as negociações salariais (81%) e que os sindicatos levam em conta a opinião dos trabalhadores nas suas decisões (68%).

Discorda de que os sindicatos estejam mais interessados em fazer política partidária do que em defender os trabalhadores, (56%), que a CGTP é sempre do contra (60%) ou que faz greves inúteis (66%).

2. Perfil do sindicalizado na UGT⁶

Homem (73%), com mais de 29 anos (91%), escolaridade acima do 1o ciclo (100%), bancário (18%) e profissional técnico diferenciado (27%). Assalariado (91%). Trabalha nos serviços (64%), tem um contrato de trabalho efectivo (79%) e reside no Sul (33%), Grande Lisboa (21%) ou Grande Porto (18%).

⁶ Recorda-se que o número de inquiridos filiados em sindicatos da UGT é, apenas, de 33 pelo que as conclusões referentes a este grupo têm que ser interpretadas com as devidas cautelas.

Nunca exerceu um cargo sindical (73%), a primeira imagem que associa à CGTP- IN é «partido comunista» (15%), nunca participou numa manifestação de protesto da CGTP-IN (67%) mas já fez greve (55%), embora considere terem sido nulos (21%) ou apenas parciais (18%) os resultados da última greve em que interveio.

6 Recorda-se que o número de inquiridos filiados em sindicatos da UGT é, apenas, de 33 pelo que as conclusões referentes a este grupo têm que ser interpretadas com as devidas cautelas.

Parece-lhe suficiente a informação que a CGTP-IN divulga sobre salários (49%), horários de trabalho (49%), condições de trabalho (49%), faltas/férias (46%), contratos de trabalho (46%), desemprego (52%), greves (72%), precariedade (49%), direitos dos trabalhadores (53%), impostos (42%), segurança social (46%), despedimentos (46%) e insuficiente a informação sobre saúde (40%)

Informa-se sobre as actividades da CGTP-IN através da televisão (69%) e dos jornais (56%).

Dá credibilidade à informação divulgada sobre as actividades da CGTP-IN pela televisão (67%), rádio (49%), jornais (64%), publicações sindicais (55%) representante sindical (61%) e Internet (55%).

Atribui muita importância ao papel da CGTP-IN nas negociações salariais (55%), na contratação colectiva (49%), nas negociações com o governo (55%) e na convocação e/ou organização de greves (49%).

Considera que a CGTP influencia a política governamental (52%) e as decisões patronais (49%) em matéria de defesa dos direitos dos trabalhadores e tem contribuído para consciencializar os trabalhadores acerca dos seus direitos (64%).

Concorda em que os trabalhadores precisam de sindicatos fortes que os defendam (94%), que os sindicatos do sector não sabem o que se passa no local de trabalho (52%), que os trabalhadores podem influenciar as decisões do sindicato (76%), que os sindicatos podem influenciar as negociações salariais (82%), que os sindicatos levam em conta a opinião dos trabalhadores (67%) e que os sindicatos estão mais interessados em fazer política partidária do que em defender os trabalhadores (67%). Discordam de que a CGTP seja sempre do contra (70%) ou faça greves inúteis (58%).

3. Perfil do filiado em sindicatos independentes ou em sindicatos integrados noutras organizações sindicais

Homem (51%) ou mulher (49%), com mais de 29 anos (96%), escolaridade ao nível do 2o e 3o ciclo (36%) e 1o ciclo (26%), empregado de escritório (17%). Assalariado (94%). Trabalha na Administração Pública (45%) ou Serviços (34%), tem um contrato de trabalho efectivo (82%) e reside na Grande Lisboa (35%).

Nunca exerceu um cargo sindical (81%), a primeira imagem a que associa a CGTP-IN é «partido comunista» (12%), nunca participou numa manifestação de protesto da CGTP-IN (60%) mas já fez greve (62%), embora considere terem sido nulos (35%) os resultados da última greve que interveio.

Acha suficiente a informação que a CGTP-IN divulga sobre salários (44%), horários de trabalho (39%), condições de trabalho (44%), faltas/férias (35%), contratos de trabalho (35%), desemprego (44%), greves (57%), precariedade (36%), direitos dos trabalhadores (43%) e despedimentos (39%) e insuficiente sobre impostos (36%), segurança social (35%) e saúde (44%).

Informa-se sobre as actividades da CGTP-IN através da televisão (46%) dos jornais (25%) e das publicações sindicais (23%).

Dá credibilidade à informação divulgada sobre as actividades da CGTP-IN pela televisão (45%), rádio (37%), jornais (36%), publicações sindicais (47%) representante sindical (42%) e Internet (27%).

Atribui muita importância ao papel da CGTP-IN nas negociações salariais (59%), na contratação colectiva (47%), nas negociações com o Governo (43%) e nas greves (33%). Considera que a CGTP-IN influencia a política governamental (59%) e as decisões patronais (59%) no que respeita à defesa dos direitos dos trabalhadores, tem contribuído para consciencializar os trabalhadores dos seus direitos (70%) e tem assinado acordos que beneficiam os trabalhadores (55%).

Concorda em que os trabalhadores precisam de sindicatos fortes que os defendam (93%), que os sindicatos do sector não sabem o que se passa no local de trabalho (54%), que os trabalhadores podem influenciar as decisões do sindicato (72%), que os sindicatos podem influenciar as negociações salariais (82%), que os sindicatos levam em conta a opinião dos trabalhadores (66%) e que os sindicatos estão mais interessados em fazer política partidária do que em defender os trabalhadores (50%). Discordam de que a CGTP-IN seja sempre do contra (54%) ou faça greves inúteis (63%).

4. Perfil dos dessindicalizados

Homem (52%) ou mulher (48%), com mais de 49 anos (53%), escolaridade ao nível do 1o ciclo (39%) ou do 2o e 3o ciclo (38%). Assalariado (64%). Trabalha nos Serviços (28%) ou na Administração Pública (22%), tem um contrato de trabalho efectivo (48%) e reside na Grande Lisboa (35%).

Nunca exerceu um cargo sindical (94%), nem participou em manifestações de protesto da CGTP-IN (72%) mas já fez greve (53%), embora considere terem sido nulos (24%) ou parciais (19%) os resultados da última greve em que interveio.

Acha suficiente a informação que a CGTP-IN divulga sobre salários (38%), horários

de trabalho (43%), condições de trabalho (40%), contratos de trabalho (37%), desemprego (40%), greves (52%), precariedade (39%), direitos dos trabalhadores (38%), impostos (33%), segurança social (34%), despedimentos (36%). Insuficiente a informação sobre saúde (33%).

Informa-se sobre as actividades da CGTP-IN através da televisão (70%) e dos jornais (34%).

Dá credibilidade à informação divulgada sobre as actividades da CGTP-IN pela televisão (47%), rádio (40%), jornais (43%), publicações sindicais (39%) representante sindical (37%) e Internet (25%).

Atribui muita importância ao papel da CGTP-IN nas negociações salariais (43%), na contratação colectiva (36%), nas negociações com o governo (45%) e nas greves (36%). Considera que a CGTP-IN influencia a política governamental (54%) e as decisões patronais (51%) no que respeita à defesa dos direitos dos trabalhadores, tem contribuído para consciencializar os trabalhadores dos seus direitos (64%) e tem assinado acordos que beneficiam os trabalhadores (52%).

Concorda em que os trabalhadores precisam de sindicatos fortes que os defendam (89%), que os sindicatos do sector não sabem o que se passa no local de trabalho (50%), que os trabalhadores podem influenciar as decisões do sindicato (59%), que os sindicatos podem influenciar as negociações salariais (82%), que os sindicatos levam em conta a opinião dos trabalhadores (69%) e que os sindicatos estão mais interessados em fazer política partidária do que em defender os trabalhadores (53%). Discordam de que a CGTP-IN seja sempre do contra (45%) ou faça greves inúteis (54%).

5. Nunca sindicalizados

Homem (52%) ou mulher (48%), com 30 a 49 anos (55%), escolaridade ao nível do 2o e 3o ciclo (37%). Assalariado (70%). Trabalha nos Serviços (33%) e tem um contrato de trabalho efectivo (44%). Não pensa sindicalizar-se num futuro próximo (83%).

Nunca participou em manifestações de protesto da CGTP-IN (92%) nem fez greve (81%).

Acha suficiente a informação que a CGTP-IN divulga sobre salários (37%), horários de trabalho (38%), condições de trabalho (37%), contratos de trabalho (32%), desemprego (41%), greves (51%), precariedade (37%), direitos dos trabalhadores (40%) e despedimentos (37%).

Informa-se sobre as actividades da CGTP-IN através da televisão (78%) e dos jornais (34%).

Dá credibilidade à informação divulgada sobre as actividades da CGTP-IN pela televisão (48%), rádio (40%), jornais (43%), publicações sindicais (38%), representante

sindical (40%) e Internet (28%).

Atribui muita importância ao papel da CGTP-IN nas negociações salariais (45%), nas negociações com o governo (44%) e alguma na contratação colectiva (35%), nas manifestações (39%) e nas greves (37%).

Considera que a CGTP-IN influencia a política governamental (55%) e as decisões patronais (52%) no que respeita à defesa dos direitos dos trabalhadores, tem contribuído para consciencializar os trabalhadores dos seus direitos (68%) e tem assinado acordos que beneficiam os trabalhadores (52%).

Concorda em que os trabalhadores precisam de sindicatos fortes que os defendam (86%), que os sindicatos do sector não sabem o que se passa no local de trabalho (48%), que os trabalhadores podem influenciar as decisões do sindicato (62%), que os sindicatos podem influenciar as negociações salariais (68%), que os sindicatos têm em conta a opinião dos trabalhadores (60%) e que os sindicatos estão mais interessados em fazer política partidária do que em defender os trabalhadores (52%). Discordam de que a CGTP-IN seja sempre do contra (45%) ou faça greves inúteis (57%).

Anexos

Tabela 1

Sindicalização por estatuto profissional (N=1004)

		Sindicalizado					
		Sim		Não		Total	
		N	%	N	%	N	%
Situação profissional	Patrão (com empregados)	1	2,6	37	97,4	38	100,0
	Independente (sem empregados)	5	5,7	82	94,3	87	100,0
	Assalariado	224	29,7	529	70,3	753	100,0
	Outra situação	8	6,3	118	93,7	126	100,0
	Total	238	23,7	766	76,3	1004	100,0

Fonte: Sondagem CGTP-IN/Marktest, Dezembro 2010

Tabela 2

Sindicalização por níveis de ocupação (N=1004)

		Sindicalizado					
		Sim		Não		Total	
		N	%	N	%	N	%
Situação perante o trabalho	Trabalhador por conta própria	7	4,8	139	95,2	146	100,0
	Trabalhador por conta de outrem	222	30,7	500	69,3	722	100,0
	Trabalhador Estudante	2	16,7	10	83,3	12	100,0
	Desempregado (com ocupação profissional anterior)	7	5,6	117	94,4	124	100,0
	Total	238	23,7	766	76,3	1004	100,0

Fonte: Sondagem CGTP-IN/Marktest, Dezembro 2010

Tabela 3

Sindicalização por níveis de ocupação (N=1004)

		N	%
Idade	Até 29 anos	16	6,7
	30-49 anos	122	51,3
	> 49 anos	100	42,0
	Total	238	100,0

Fonte: Sondagem CGTP-IN/Marktest, Dezembro 2010

Tabela 4

Sindicalização por faixas etárias (N=1004)

		Sindicalização					
		Sindicalizado		Não sindicalizado		Total	
		N	%	N	%	N	%
Grau de escolaridade	Até 1º Ciclo	44	16,4	225	83,6	269	100,0
	2º e 3º Ciclo	81	21,7	293	78,3	374	100,0
	Secundário e Outros	39	20,3	151	79,7	190	100,0
	Superior	53	31,2	118	68,8	171	100,0
	Total	217	21,6	787	78,4	1004	100,0

Fonte: Sondagem CGTP-IN/Marktest, Dezembro 2010

Tabela 5

Desagregação dos sindicalizados por graus de escolaridade (N=238)

Sindicalizados (N=238) Grau de escolaridade	Até 1º Ciclo	20,3
	2º e 3º Ciclo	37,4
	Secundário e Outros	17,8
	Superior	24,6
	Total	100,0

Fonte: Sondagem CGTP-IN/Marktest, Dezembro 2010

Tabela 6

Sindicalização por graus de escolaridade (N=1004)

		Sindicalização					
		Sindicalizado		Não sindicalizado		Total	
		N	%	N	%	N	%
Grau de escolaridade	Até 1º Ciclo	44	16,4	225	83,6	269	100,0
	2º e 3º Ciclo	81	21,7	293	78,3	374	100,0
	Secundário e Outros	39	20,3	151	79,7	190	100,0
	Superior	53	31,2	118	68,8	171	100,0
	Total	217	21,6	787	78,4	1004	100,0

Fonte: Sondagem CGTP-IN/Marktest, Dezembro 2010

Tabela 7

Sindicalização por regiões

		Sindicalizado					
		Sim		Não		Total	
		N	%	N	%	N	%
Região	Grande Lisboa	66	28,3	167	71,7	233	100,0
	Grande Porto	36	19,5	149	80,5	185	100,0
	Litoral Norte	56	21,6	203	78,4	259	100,0
	Litoral Centro	31	22,5	107	77,5	138	100,0
	Interior Norte	22	22,7	75	77,3	97	100,0
	Sul	27	29,3	65	70,7	92	100,0
	Total	238	23,7	766	76,3	1004	100,0

Fonte: Sondagem CGTP-IN|Marktest, Dezembro 2010

Tabela 8

Sindicalização por género

		Sindicalizado					
		Sim		Não		Total	
		N	%	N	%	N	%
Sexo	Masculino	127	24,4	394	75,6	521	100,0
	Feminino	111	23,0	372	77,0	483	100,0
	Total	238	23,7	766	76,3	1004	100,0

Fonte: Sondagem CGTP-IN|Marktest, Dezembro 2010

Tabela 9

**Exerce ou exerceu cargo sindical
na central/associação sindical a que pertence o sindicato de que é membro**

		Exerce ou exerceu um cargo sindical					
		Sim		Não		Total	
		N	%	N	%	N	%
Central Sindical/Associação a que pertence o sindicato de que é membro	CGTP	13	11,5	100	88,5	113	100,0
	UGT	9	27,3	24	72,7	33	100,0
	Outra Central/Associação	21	8,4	228	91,6	249	100,0
	Total	43	10,9	352	89,1	395	100,0

Fonte: Sondagem CGTP-IN|Marktest, Dezembro 2010

Tabela 10

Dessindicalização por faixas etárias

		N	%
Sexo	Masculino	76	48,4
	Feminino	81	51,6
	Total	157	100,0
Idade	25-29 anos	3	1,9
	30-34 anos	18	11,5
	35-39 anos	18	11,5
	40-44 anos	17	10,8
	45-49 anos	18	11,5
	50-54 anos	29	18,5
	55-59 anos	34	21,7
	> 59 anos	20	12,7
	Total	157	100,0

Fonte: Sondagem CGTP-IN/Marktest, Dezembro 2010

Tabela 11

Dessindicalização por graus de escolaridade

Grau de escolaridade	Até 1º Ciclo	38,9
	2º e 3º Ciclo	37,7
	Secundário e Outros	12,0
	Superior	11,5
	Total	100,0

Fonte: Sondagem CGTP-IN/Marktest, Dezembro 2010

Tabela 12

Pensa sindicalizar-se de novo

		N	%
Pensa sindicalizar-se num futuro próximo	Sim	14	8,9
	Não	129	82,2
	Não sabe/Não responde	14	8,9
	Total	157	100,0

Fonte: Sondagem CGTP-IN/Marktest, Dezembro 2010

Tabela 13

Motivos da dessindicalização

	N	%
Não tem interesse	31	19,7
Desempregado	29	18,5
Não estava satisfeito(a)	28	17,8
Mudou de emprego	27	17,2
As quotas eram muito altas	11	7,0
Trabalha por conta própria	7	4,5
Não gostou do trabalho do delegado ou dirigente sindical	4	2,5
Deixaram de lhe receber as quotas	3	1,9
Era prejudicado na carreira	3	1,9
Pré-reforma/Reformado	3	1,9
O sindicato envolvia-se demais na política	1	,6
Sentia-se obrigado a fazer greves	1	,6
Discordou de uma decisão sindical	1	,6
Outro motivo	3	1,9
Não sabe/Não responde	13	8,3
Total de inquiridos	157	100,0

Fonte: Sondagem CGTP-IN/Marktest, Dezembro 2010

Tabela 13a

Sindicato de que foi membro

	N	%
CESP (Sindicato dos Trabalhadores do Comércio, Escritórios e Serviços de Portugal)	10	6,4
Sindicato Têxtil	9	5,7
FENPROF (Federação Nacional dos Professores)	8	5,1
Sindicato dos Trabalhadores na Indústria Hoteleira	7	4,5
CGTP (Confederação Geral dos trabalhadores portugueses)	6	3,8
SAG (Sindicato de artes gráficas)	5	3,2
STAL (Sindicato nacional dos trabalhadores da administração local)	5	3,2
SPN (Sindicato dos professores do norte)	5	3,2
SITSESE (Sindicato dos trabalhadores e técnicos de serviços)	4	2,5
UGT (União geral de trabalhadores)	4	2,5
Sindicato função pública	3	1,9
Sindicato da Construção Civil	2	1,3
Sindicato dos médicos	2	1,3
SNE (Sindicato Nacional dos Engenheiros)	2	1,3
STMM (Sindicato Nacional dos Serviços de Administração da Marinha Mercante)	2	1,3
SIFAP (Sindicato Nacional dos Profissionais de Farmácia e Paramédicos)	2	1,3
SQTD (Sindicato dos Quadros e Técnicos de Desenho)	2	1,3
STE (Sindicato dos Quadros Técnicos do Estado)	2	1,3
SNM (Sindicato Nacional dos Motoristas)	2	1,3
SINORQUIFA (Sindicato dos Trabalhadores da Química, Farmacêutica, Petróleo e Gás do Norte)	2	1,3
FEQUIMETAL (Federação Intersindical da Metalurgia, Metalomecânica, Minas, Química, Farmacêutica, Petróleo e Gás)	2	1,3
SBSI (Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas)	2	1,3
STML (Sindicato dos Trabalhadores do Município de Lisboa)	1	,6
Sindicato dos trabalhadores dos Transportes Rodoviários	1	,6
Sindicato Vidreiro	1	,6
Sindicato das Cabeleiras	1	,6
SIES	1	,6
Sindicato dos Contabilistas	1	,6
Sindicato Vestuário	1	,6
STAD (Sindicato dos trabalhadores de Serviços de Portaria, Vigilância, Limpeza, Domésticas e Actividades Diversas)	1	,6
SINTAVE (Sindicato Nacional das Telecomunicações e do Audiovisual)	1	,6
Sindicato dos Electricistas	1	,6
SINAPSA (Sindicato Nacional dos Profissionais de Seguros e Afins)	1	,6
Sindicato do calçado	1	,6
SNICT (Sindicato Nacional dos Trabalhadores dos Correios e Telecomunicações)	1	,6
SNQTB (Sindicato Nacional dos Quadros e Técnicos Bancários)	1	,6
SBN (Sindicato dos Bancários do Norte)	1	,6
SPGL (Sindicato de professores da Grande Lisboa)	1	,6
SPLIU (Sindicato Nacional dos Professores Licenciados pelos Politécnicos e Universidades)	1	,6
SEP (Sindicato dos enfermeiros portugueses)	1	,6
Outro sindicato	13	8,3
Não sabe/Não responde	38	24,2
Total	157	100,0

Fonte: Sondagem CGTP-IN/Marktest, Dezembro 2010

Tabela 14

Nunca sindicalizados, por faixas etárias

		N	%
Idade	Até 29 anos	164	26,9
	30-49 anos	332	54,5
	> 49 anos	113	18,6
	Total	609	100,0

Fonte: Sondagem CGTP-IN/Marktest, Dezembro 2010

Tabela 15

Nunca sindicalizados, por graus de escolaridade

Grau de escolaridade	Até 1º Ciclo	25,3
	2º e 3º Ciclo	37,1
	Secundário e Outros	21,5
	Superior	16,1
	Total	100,0

Fonte: Sondagem CGTP-IN/Marktest, Dezembro 2010

Tabela 16

Pensa vir a sindicalizar-se

		N	%
Pensa sindicalizar-se num futuro próximo	Sim	35	5,7
	Não	506	83,1
	Não sabe/Não responde	68	11,2
	Total	609	100,0

Fonte: Sondagem CGTP-IN/Marktest, Dezembro 2010

Tabela 17a

***Nunca sindicalizados (por situação profissional,
sector de actividade, situação contratual e perante o trabalho)***

Actualmente:		N	%	
Situação profissional	Patrão (com empregados)	30	4,9	
	Independente (sem empregados)	67	11,0	
	Assalariado	428	70,3	
	Outra situação	84	13,8	
	Total	609	100,0	
Sector actividade	Indústria	76	12,5	
	Construção	36	5,9	
	Comércio Grossista	9	1,5	
	Comércio Retailista	54	8,9	
	Horeca	25	4,1	
	Serviços	202	33,2	
	Administração Pública	75	12,3	
	Agricultura	10	1,6	
	Telecomunicações	8	1,3	
	Outros	5	,8	
	Não se aplica	84	13,8	
	Não responde	25	4,1	
		Total	609	100,0
	Situação contrat.	Efectivo	270	44,3
Com avença		1	,2	
Trabalho temporário		6	1,0	
A prazo		88	14,4	
Recibos verdes		32	5,3	
Conta Própria		48	7,9	
Outros		20	3,3	
Patrão		30	4,9	
Não aplica		84	13,8	
Não responde		30	4,9	
		Total	609	100,0
Situação perante o trabalho	Trabalhador por conta própria	115	18,9	
	Trabalhador por conta de outrem	401	65,8	
	Trabalhador Estudante	10	1,6	
	Desempregado (com ocupação profissional anterior)	83	13,6	
		Total	609	100,0

Fonte: Sondagem CGTP-IN/Marktest, Dezembro 2010

Tabela 17b

***Sindicalizados e nunca sindicalizados
(comparação por sector de actividade e por situação contratual)***

		Sindicalizados (238=100%)		Nunca sindicalizados (609=100%)	
		N	%	N	%
Sector de Actividade	Indústria	23	9,7	76	12,5
	Construção	4	1,7	36	5,9
	Comércio Retailista	5	2,1	54	8,9
	Serviços	80	33,6	202	33,2
	Administração Pública	98	41,2	75	12,3
Situação Contratual	A prazo	22	9,2	88	14,4
	Recibos verdes	3	1,3	32	5,3

Fonte: Sondagem CGTP-IN/Marktest, Dezembro 2010

Tabela 18

Informação sobre iniciativas da CGTP-IN por faixas etárias

Informação difundida pela CGTP IN sobre os seguintes aspectos:		Idade							
		Até 29 anos		30-49 anos		> 49 anos		Total	
		N	%	N	%	N	%	N	%
Salários	Suficiente	65	35,5	230	43,8	109	36,8	404	40,2
	Insuficiente	42	23,0	117	22,3	68	23,0	227	22,6
	Não sabe	76	41,5	178	33,9	119	40,2	373	37,2
	Total	183	100,0	525	100,0	296	100,0	1004	100,0
Horários de trabalho	Suficiente	60	32,8	238	45,3	117	39,5	415	41,3
	Insuficiente	42	23,0	102	19,4	53	17,9	197	19,6
	Não sabe	81	44,3	185	35,2	126	42,6	392	39,0
	Total	183	100,0	525	100,0	296	100,0	1004	100,0
Condições de Trabalho	Suficiente	66	36,1	230	43,8	115	38,9	411	40,9
	Insuficiente	40	21,9	120	22,9	60	20,3	220	21,9
	Não sabe	77	42,1	175	33,3	121	40,9	373	37,2
	Total	183	100,0	525	100,0	296	100,0	1004	100,0
Faltas/Férias	Suficiente	59	32,2	186	35,4	90	30,4	335	33,4
	Insuficiente	40	21,9	143	27,2	67	22,6	250	24,9
	Não sabe	84	45,9	196	37,3	139	47,0	419	41,7
	Total	183	100,0	525	100,0	296	100,0	1004	100,0
Contratos de Trabalho	Suficiente	58	31,7	200	38,1	109	36,8	367	36,6
	Insuficiente	46	25,1	146	27,8	66	22,3	258	25,7
	Não sabe	79	43,2	179	34,1	121	40,9	379	37,7
	Total	183	100,0	525	100,0	296	100,0	1004	100,0
Desemprego	Suficiente	69	37,7	249	47,4	126	42,6	444	44,2
	Insuficiente	38	20,8	104	19,8	54	18,2	196	19,5
	Não sabe	76	41,5	172	32,8	116	39,2	364	36,3
	Total	183	100,0	525	100,0	296	100,0	1004	100,0
Greves	Suficiente	93	50,8	306	58,3	155	52,4	554	55,2
	Insuficiente	19	10,4	56	10,7	31	10,5	106	10,6
	Não sabe	71	38,8	163	31,0	110	37,2	344	34,3
	Total	183	100,0	525	100,0	296	100,0	1004	100,0
Precariedade	Suficiente	64	35,0	220	41,9	118	39,9	402	40,0
	Insuficiente	39	21,3	125	23,8	60	20,3	224	22,3
	Não sabe	80	43,7	180	34,3	118	39,9	378	37,6
	Total	183	100,0	525	100,0	296	100,0	1004	100,0
Direito dos trabalhadores	Suficiente	75	41,0	233	44,4	124	41,9	432	43,0
	Insuficiente	35	19,1	119	22,7	58	19,6	212	21,1
	Não sabe	73	39,9	173	33,0	114	38,5	360	35,9
	Total	183	100,0	525	100,0	296	100,0	1004	100,0
Impostos	Suficiente	54	29,5	182	34,7	86	29,1	322	32,1
	Insuficiente	50	27,3	156	29,7	81	27,4	287	28,6
	Não sabe	79	43,2	187	35,6	129	43,6	395	39,3
	Total	183	100,0	525	100,0	296	100,0	1004	100,0
Segurança Social	Suficiente	56	30,6	202	38,5	99	33,4	357	35,6
	Insuficiente	46	25,1	144	27,4	84	28,4	274	27,3
	Não sabe	81	44,3	179	34,1	113	38,2	373	37,2
	Total	183	100,0	525	100,0	296	100,0	1004	100,0
Saúde	Suficiente	48	26,2	154	29,3	69	23,3	271	27,0
	Insuficiente	50	27,3	178	33,9	91	30,7	319	31,8
	Não sabe	85	46,4	193	36,8	136	45,9	414	41,2
	Total	183	100,0	525	100,0	296	100,0	1004	100,0
Despedimentos	Suficiente	65	35,5	233	44,4	104	35,1	402	40,0
	Insuficiente	43	23,5	123	23,4	67	22,6	233	23,2
	Não sabe	75	41,0	169	32,2	125	42,2	369	36,8
	Total	183	100,0	525	100,0	296	100,0	1004	100,0

Fonte: Sondagem CGTP-IN/Marktest, Dezembro 2010

Tabela 19

Informação sobre iniciativas da CGTP-IN, por graus de escolaridade

		Grau de escolaridade									
		Até 1º Ciclo		2º e 3º Ciclo		Secundário e Outros		Superior		Total	
		N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Salários	Suficiente	80	29,6	142	37,8	77	40,3	77	44,9	375	37,3
	Insuficiente	48	18,0	80	21,5	46	24,0	39	22,9	214	21,3
	Não sabe	141	52,4	152	40,6	68	35,7	55	32,2	416	41,4
	Total	269	100,0	374	100,0	190	100,0	171	100,0	1004	100,0
Horários de trabalho	Suficiente	90	33,4	160	42,7	82	43,1	69	40,4	401	39,9
	Insuficiente	19	7,1	58	15,4	37	19,4	46	27,1	160	15,9
	Não sabe	160	59,5	157	41,9	71	37,5	56	32,5	444	44,2
	Total	269	100,0	374	100,0	190	100,0	171	100,0	1004	100,0
Condições de Trabalho	Suficiente	73	27,2	143	38,2	78	41,2	81	47,1	375	37,4
	Insuficiente	33	12,4	84	22,4	44	23,1	40	23,2	201	20,0
	Não sabe	162	60,3	147	39,4	68	35,7	51	29,6	428	42,6
	Total	269	100,0	374	100,0	190	100,0	171	100,0	1004	100,0
Faltas/Férias	Suficiente	70	26,0	138	36,8	65	34,5	53	31,2	326	32,5
	Insuficiente	29	10,9	77	20,5	49	25,5	55	32,2	209	20,9
	Não sabe	170	63,1	160	42,7	76	40,0	63	36,6	468	46,6
	Total	269	100,0	374	100,0	190	100,0	171	100,0	1004	100,0
Contratos de Trabalho	Suficiente	72	26,6	118	31,6	74	39,1	69	40,4	333	33,2
	Insuficiente	32	11,8	102	27,2	49	25,5	50	29,0	232	23,1
	Não sabe	166	61,6	154	41,2	67	35,4	52	30,6	439	43,7
	Total	269	100,0	374	100,0	190	100,0	171	100,0	1004	100,0
Desemprego	Suficiente	88	32,8	148	39,6	85	44,9	86	50,3	408	40,6
	Insuficiente	32	11,8	71	18,9	40	21,2	34	20,1	177	17,6
	Não sabe	149	55,4	155	41,5	64	33,8	51	29,6	419	41,8
	Total	269	100,0	374	100,0	190	100,0	171	100,0	1004	100,0
Greves	Suficiente	97	35,9	186	49,6	106	55,7	111	65,0	499	49,7
	Insuficiente	17	6,3	45	12,1	20	10,5	18	10,5	100	10,0
	Não sabe	155	57,8	143	38,2	64	33,8	42	24,5	405	40,3
	Total	269	100,0	374	100,0	190	100,0	171	100,0	1004	100,0
Precariedade	Suficiente	80	29,8	140	37,5	74	38,8	78	45,9	372	37,1
	Insuficiente	25	9,5	86	22,9	45	23,7	42	24,5	198	19,7
	Não sabe	163	60,8	148	39,6	71	37,5	51	29,6	434	43,2
	Total	269	100,0	374	100,0	190	100,0	171	100,0	1004	100,0
Direito dos trabalhadores	Suficiente	78	28,8	154	41,1	83	43,7	83	48,4	397	39,6
	Insuficiente	36	13,2	80	21,3	42	22,2	38	22,0	195	19,4
	Não sabe	156	57,9	140	37,5	65	34,2	51	29,6	412	41,0
	Total	269	100,0	374	100,0	190	100,0	171	100,0	1004	100,0
Impostos	Suficiente	65	24,1	112	30,0	68	36,0	56	32,5	301	30,0
	Insuficiente	47	17,3	106	28,3	50	26,5	57	33,4	260	25,9
	Não sabe	158	58,6	156	41,7	71	37,5	58	34,1	443	44,1
	Total	269	100,0	374	100,0	190	100,0	171	100,0	1004	100,0
Segurança Social	Suficiente	78	29,0	123	32,8	66	34,8	69	40,4	336	33,5
	Insuficiente	39	14,6	101	26,9	55	28,9	51	29,6	246	24,5
	Não sabe	152	56,4	151	40,3	69	36,3	51	29,9	423	42,1
	Total	269	100,0	374	100,0	190	100,0	171	100,0	1004	100,0
Saúde	Suficiente	63	23,3	106	28,3	52	27,4	46	27,1	267	26,6
	Insuficiente	50	18,7	111	29,7	62	32,6	62	36,3	285	28,4
	Não sabe	156	57,9	157	42,0	76	40,0	63	36,6	452	45,0
	Total	269	100,0	374	100,0	190	100,0	171	100,0	1004	100,0
Despedimentos	Suficiente	64	23,6	128	34,2	78	40,9	83	48,7	353	35,1
	Insuficiente	52	19,2	91	24,3	47	24,6	38	22,0	227	22,6
	Não sabe	154	57,2	155	41,5	65	34,5	50	29,3	425	42,3
	Total	269	100,0	374	100,0	190	100,0	171	100,0	1004	100,0

Fonte: Sondagem CGTP-IN/Marktest, Dezembro 2010

Tabela 20

**Grau de informação sobre iniciativas da CGTP-IN
(sindicalizados e não sindicalizados)**

		Sindicalizado					
		Sim		Não		Total	
		N	%	N	%	N	%
Grau de informação sobre as iniciativas que a CGTP promove	Nada informado	32	13,4	230	30,0	262	26,1
	Pouco informado	90	37,8	278	36,3	368	36,7
	Suficientemente informado	87	36,6	207	27,0	294	29,3
	Muito informado	24	10,1	32	4,2	56	5,6
	Não responde	5	2,1	19	2,5	24	2,4
	Total	238	100,0	766	100,0	1004	100,0

Fonte: Sondagem CGTP-IN/Marktest, Dezembro 2010

Tabela 21

**Grau de informação sobre iniciativas da CGTP-IN
(por organização sindical)**

Central Sindical/ Associação a que pertence o sindicalizado que é membro	Grau de informação sobre as iniciativas que a CGTP promove											
	Nada informado		Pouco informado		Suficientemente informado		Muito informado		Não sabe/Não responde		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
CGTP	15	13,3	42	37,2	42	37,2	13	11,5	1	,9	113	100,0
UGT	2	6,1	13	39,4	14	42,4	3	9,1	1	3,0	33	100,0
Outra Central/Associação	15	16,3	35	38,0	31	33,7	8	8,7	3	3,3	92	100,0
Total	32	13,4	90	37,8	87	36,6	24	10,1	5	2,1	238	100,0

Fonte: Sondagem CGTP-IN/Marktest, Dezembro 2010

Tabela 22

*Grau de informação sobre actividades da CGTP-IN por temas
(sindicalizados e não sindicalizados)*

		Sindicalizado					
		Sim		Não		Total	
		N	%	N	%	N	%
Salários	Suficiente	118	29,2	286	70,8	404	100,0
	Insuficiente	58	25,6	169	74,4	227	100,0
	Não sabe/Não responde	62	16,6	311	83,4	373	100,0
	Total	238	23,7	766	76,3	1004	100,0
Horários de trabalho	Suficiente	118	28,4	297	71,6	415	100,0
	Insuficiente	58	29,4	139	70,6	197	100,0
	Não sabe/Não responde	62	15,8	330	84,2	392	100,0
	Total	238	23,7	766	76,3	1004	100,0
Condições de Trabalho	Suficiente	120	29,2	291	70,8	411	100,0
	Insuficiente	60	27,3	160	72,7	220	100,0
	Não sabe/Não responde	58	15,5	315	84,5	373	100,0
	Total	238	23,7	766	76,3	1004	100,0
Faltas/Férias	Suficiente	98	29,3	237	70,7	335	100,0
	Insuficiente	66	26,4	184	73,6	250	100,0
	Não sabe/Não responde	74	17,7	345	82,3	419	100,0
	Total	238	23,7	766	76,3	1004	100,0
Contratos de Trabalho	Suficiente	113	30,8	254	69,2	367	100,0
	Insuficiente	68	26,4	190	73,6	258	100,0
	Não sabe/Não responde	57	15,0	322	85,0	379	100,0
	Total	238	23,7	766	76,3	1004	100,0
Desemprego	Suficiente	129	29,1	315	70,9	444	100,0
	Insuficiente	52	26,5	144	73,5	196	100,0
	Não sabe/Não responde	57	15,7	307	84,3	364	100,0
	Total	238	23,7	766	76,3	1004	100,0
Greves	Suficiente	159	28,7	395	71,3	554	100,0
	Insuficiente	28	26,4	78	73,6	106	100,0
	Não sabe/Não responde	51	14,8	293	85,2	344	100,0
	Total	238	23,7	766	76,3	1004	100,0
Precariedade	Suficiente	118	29,4	284	70,6	402	100,0
	Insuficiente	62	27,7	162	72,3	224	100,0
	Não sabe/Não responde	58	15,3	320	84,7	378	100,0
	Total	238	23,7	766	76,3	1004	100,0
Direito dos trabalhadores	Suficiente	125	28,9	307	71,1	432	100,0
	Insuficiente	56	26,4	156	73,6	212	100,0
	Não sabe/Não responde	57	15,8	303	84,2	360	100,0
	Total	238	23,7	766	76,3	1004	100,0
Impostos	Suficiente	91	28,3	231	71,7	322	100,0
	Insuficiente	79	27,5	208	72,5	287	100,0
	Não sabe/Não responde	68	17,2	327	82,8	395	100,0
	Total	238	23,7	766	76,3	1004	100,0
Segurança Social	Suficiente	102	28,6	255	71,4	357	100,0
	Insuficiente	76	27,7	198	72,3	274	100,0
	Não sabe/Não responde	60	16,1	313	83,9	373	100,0
	Total	238	23,7	766	76,3	1004	100,0
Saúde	Suficiente	73	26,9	198	73,1	271	100,0
	Insuficiente	94	29,5	225	70,5	319	100,0
	Não sabe/Não responde	71	17,1	343	82,9	414	100,0
	Total	238	23,7	766	76,3	1004	100,0
Despedimentos	Suficiente	120	29,9	282	70,1	402	100,0
	Insuficiente	56	24,0	177	76,0	233	100,0
	Não sabe/Não responde	62	16,8	307	83,2	369	100,0
	Total	238	23,7	766	76,3	1004	100,0

Fonte: Sondagem CGTP-IN/Marktest, Dezembro 2010

Tabela 23

**Consideram suficiente a informação difundida pela CGTP,
por temas e por organização sindical**

		Central Sindical/Associação a que pertence o sindicato de que é membro									
		CGTP		UGT		Outra Central/Associação		Total			
		N	%	N	%	N	%	N	%		
Salários	Suficiente	60	53,1	16	48,5	42	45,7	118	49,6		
	Insuficiente	30	26,5	7	21,2	21	22,8	58	24,4		
	Não sabe	23	20,4	10	30,3	29	31,5	62	26,1		
	Total	113	100,0	33	100,0	92	100,0	238	100,0		
Horários de trabalho	Suficiente	64	56,6	16	48,5	38	41,3	118	49,6		
	Insuficiente	22	19,5	9	27,3	27	29,3	58	24,4		
	Não sabe	27	23,9	8	24,2	27	29,3	62	26,1		
	Total	113	100,0	33	100,0	92	100,0	238	100,0		
Condições de Trabalho	Suficiente	61	54,0	16	48,5	43	46,7	120	50,4		
	Insuficiente	27	23,9	8	24,2	25	27,2	60	25,2		
	Não sabe	25	22,1	9	27,3	24	26,1	58	24,4		
	Total	113	100,0	33	100,0	92	100,0	238	100,0		
Faltas/Férias	Suficiente	52	46,0	15	45,5	31	33,7	98	41,2		
	Insuficiente	30	26,5	7	21,2	29	31,5	66	27,7		
	Não sabe	31	27,4	11	33,3	32	34,8	74	31,1		
	Total	113	100,0	33	100,0	92	100,0	238	100,0		
Contratos de Trabalho	Suficiente	63	55,8	15	45,5	35	38,0	113	47,5		
	Insuficiente	26	23,0	9	27,3	33	35,9	68	28,6		
	Não sabe	24	21,2	9	27,3	24	26,1	57	23,9		
	Total	113	100,0	33	100,0	92	100,0	238	100,0		
Desemprego	Suficiente	67	59,3	17	51,5	45	48,9	129	54,2		
	Insuficiente	22	19,5	9	27,3	21	22,8	52	21,8		
	Não sabe	24	21,2	7	21,2	26	28,3	57	23,9		
	Total	113	100,0	33	100,0	92	100,0	238	100,0		
Greves	Suficiente	77	68,1	24	72,7	58	63,0	159	66,8		
	Insuficiente	14	12,4	4	12,1	10	10,9	28	11,8		
	Não sabe	22	19,5	5	15,2	24	26,1	51	21,4		
	Total	113	100,0	33	100,0	92	100,0	238	100,0		
Precariedade	Suficiente	64	56,6	16	48,5	38	41,3	118	49,6		
	Insuficiente	26	23,0	9	27,3	27	29,3	62	26,1		
	Não sabe	23	20,4	8	24,2	27	29,3	58	24,4		
	Total	113	100,0	33	100,0	92	100,0	238	100,0		
Direito dos trabalhadores	Suficiente	64	56,6	18	54,5	43	46,7	125	52,5		
	Insuficiente	27	23,9	6	18,2	23	25,0	56	23,5		
	Não sabe	22	19,5	9	27,3	26	28,3	57	23,9		
	Total	113	100,0	33	100,0	92	100,0	238	100,0		
Impostos	Suficiente	50	44,2	14	42,4	27	29,3	91	38,2		
	Insuficiente	34	30,1	8	24,2	37	40,2	79	33,2		
	Não sabe	29	25,7	11	33,3	28	30,4	68	28,6		
	Total	113	100,0	33	100,0	92	100,0	238	100,0		
Segurança Social	Suficiente	52	46,0	15	45,5	35	38,0	102	42,9		
	Insuficiente	33	29,2	10	30,3	33	35,9	76	31,9		
	Não sabe	28	24,8	8	24,2	24	26,1	60	25,2		
	Total	113	100,0	33	100,0	92	100,0	238	100,0		
Saúde	Suficiente	43	38,1	7	21,2	23	25,0	73	30,7		
	Insuficiente	42	37,2	13	39,4	39	42,4	94	39,5		
	Não sabe	28	24,8	13	39,4	30	32,6	71	29,8		
	Total	113	100,0	33	100,0	92	100,0	238	100,0		
Despedimentos	Suficiente	65	57,5	15	45,5	40	43,5	120	50,4		
	Insuficiente	24	21,2	7	21,2	25	27,2	56	23,5		
	Não sabe	24	21,2	11	33,3	27	29,3	62	26,1		
	Total	113	100,0	33	100,0	92	100,0	238	100,0		

Fonte: Sondagem CGTP-IN/Markttest, Dezembro 2010

Tabela 24

*Grau de informação sobre iniciativas da CGTP-IN,
para nunca sindicalizados e dessindicalizados*

		Suficiente	Insuficiente	Não sabe
Sindicalizado	Salários	49,6%	24,4%	26,1%
	Horários de trabalho	49,6%	24,4%	26,1%
	Condições de Trabalho	50,4%	25,2%	24,4%
	Faltas/Férias	41,2%	27,7%	31,1%
	Contratos de Trabalho	47,5%	28,6%	23,9%
	Desemprego	54,2%	21,8%	23,9%
	Greves	66,8%	11,8%	21,4%
	Precariedade	49,6%	26,1%	24,4%
	Direito dos trabalhadores	52,5%	23,5%	23,9%
	Impostos	38,2%	33,2%	28,6%
	Segurança Social	42,9%	31,9%	25,2%
	Saúde	30,7%	39,5%	29,8%
Despedimentos	50,4%	23,5%	26,1%	
Ex-sindicalizado	Salários	37,6%	24,2%	38,2%
	Horários de trabalho	42,7%	17,8%	39,5%
	Condições de Trabalho	40,1%	22,3%	37,6%
	Faltas/Férias	29,9%	25,5%	44,6%
	Contratos de Trabalho	36,9%	25,5%	37,6%
	Desemprego	40,1%	21,7%	38,2%
	Greves	52,2%	12,1%	35,7%
	Precariedade	38,9%	22,3%	38,9%
	Direito dos trabalhadores	38,2%	24,8%	36,9%
	Impostos	32,5%	29,3%	38,2%
	Segurança Social	33,8%	28,0%	38,2%
	Saúde	26,1%	32,5%	41,4%
Despedimentos	35,7%	23,6%	40,8%	
Nunca esteve sindicalizado	Salários	37,3%	21,5%	41,2%
	Horários de trabalho	37,8%	18,2%	44,0%
	Condições de Trabalho	37,4%	20,5%	42,0%
	Faltas/Férias	31,2%	23,6%	45,2%
	Contratos de Trabalho	32,2%	24,6%	43,2%
	Desemprego	41,4%	18,1%	40,6%
	Greves	51,4%	9,7%	38,9%
	Precariedade	36,6%	20,9%	42,5%
	Direito dos trabalhadores	40,6%	19,2%	40,2%
	Impostos	29,6%	26,6%	43,8%
	Segurança Social	33,2%	25,3%	41,5%
	Saúde	25,8%	28,6%	45,6%
Despedimentos	37,1%	23,0%	39,9%	

Fonte: Sondagem CGTP-IN/Marktest, Dezembro 2010

Tabela 25

**Fontes de informação sobre iniciativas da CGTP-IN
(respostas múltiplas)**

Apenas os que têm algum grau de informação (N=742) Nota: Resposta espontânea, múltipla		Sindicalizado					
		Sim		Não		Total	
		N	%	N	%	N	%
Através de que meios se informa sobre as iniciativas que a CGTP promove:	Jornais	77	33,0	189	34,1	266	33,8
	TV	132	56,7	420	75,8	552	70,1
	Rádio	33	14,2	87	15,7	120	15,2
	Publicações Sindicais	53	22,7	19	3,4	72	9,1
	Internet	33	14,2	76	13,7	109	13,9
	Manifestações	1	,4	1	,2	2	,3
	Conversa com amigos/colegas	2	,9	10	1,8	12	1,5
	Delegado sindical	6	2,6	3	,5	9	1,1
	Publicações CGTP	2	,9	1	,2	3	,4
	Folhetos	4	1,7	13	2,3	17	2,2
	Correio	4	1,7	0	,0	4	,5
	Outdoors	1	,4	6	1,1	7	,9
	Local de trabalho	3	1,3	4	,7	7	,9
	Através do sindicato	7	3,0	1	,2	8	1,0
	Revistas	0	,0	2	,4	2	,3
	Reuniões	1	,4	1	,2	2	,3
	Mail's	0	,0	1	,2	1	,1
	Não sabe/Não responde	43	18,5	60	10,8	103	13,1
	Total	233	100,0	554	100,0	787	100,0

Fonte: Sondagem CGTP-IN|Marktest, Dezembro 2010

Tabela 26

**Fontes de informação sobre iniciativas da CGTP-IN,
por organização sindical**

Através de que meios se informa sobre as iniciativas que a CGTP promove:	Central Sindical/Associação a que pertence o sindicato de que é membro							
	CGTP		UGT		Outra Central/Associação		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%
TV	61	62,9	22	73,3	49	66,2	132	65,7
Jornais	31	32,0	18	60,0	28	37,8	77	38,3
Rádio	16	16,5	5	16,7	12	16,2	33	16,4
Internet	20	20,6	7	23,3	6	8,1	33	16,4
Publicações Sindicais	29	29,9	5	16,7	19	25,7	53	26,4
Folhetos	4	4,1					4	2,0
Conversa com amigos/colegas	1	1,0	1	3,3			2	1,0
Delegado sindical	6	6,2					6	3,0
Através do sindicato	3	3,1			4	5,4	7	3,5
Outdoors	1	1,0					1	,5
Local de trabalho	3	3,1					3	1,5
Correio	3	3,1			1	1,4	4	2,0
Publicações CGTP	2	2,1					2	1,0
Manifestações	1	1,0					1	,5
Revistas								
Reuniões					1	1,4	1	,5
Mail's								
Não sabe/Não responde	3	3,1	3	10,0	5	6,8	11	5,5

Fonte: Sondagem CGTP-IN|Marktest, Dezembro 2010

Tabela 27

Sindicalizados e não sindicalizados que consultam o site da CGTP-IN

		Sindicalizado					
		Sim		Não		Total	
		N	%	N	%	N	%
Já alguma vez consultou o site da CGTP	Sim	68	46,9	77	53,1	145	100,0
	Não	170	19,8	689	80,2	859	100,0
	Total	238	23,7	766	76,3	1004	100,0

Fonte: Sondagem CGTP-IN/Marktest, Dezembro 2010

Tabela 28

Credibilidade dos meios de comunicação social (para sindicalizados e para a população em geral)

		Não acredita	Acredita em parte	Acredita
Estudo CGTP	Jornais	3,2	25,2	71,6
	Televisão	3,2	22,2	74,6
	Rádio	2,8	22,5	74,7
Estudo Nacional	Jornais	,1	21,7	78,1
	Televisão	1,2	20,5	78,3
	Rádio	1,8	30,7	67,5

Fonte: Sondagem CGTP-IN/Marktest, Dezembro 2010

Tabela 29a

*Por que meios se informa das iniciativas promovidas pela CGTP-IN
(resposta múltipla)*

	N	%
TV	263	75,8
Jornais	158	45,5
Internet	70	20,2
Rádio	67	19,3
Publicações Sindicais	57	16,4
Folhetos	12	3,5
Conversa com amigos/colegas	9	2,6
Delegado sindical	8	2,3
Local de trabalho	6	1,7
Através do sindicato	6	1,7
Publicações CGTP	2	,6
Correio	2	,6
Outdoors	2	,6
Reuniões	2	,6
Revistas	1	,3
Mail's	1	,3
Manifestações	1	,3
Total	347	100,0

Fonte: Sondagem CGTP-IN|Marktest, Dezembro 2010

Tabela 29b

Informação versus credibilidade

Informa-se através de:	Credibilidade de:	Grau de credibilidade (%)				
		Nada credível	Pouco credível	Credível	Muito credível	Não sabe
TV	TV	2,3	17,9	66,5	9,5	3,8
Jornais	Jornais	3,2	18,4	67,7	5,1	5,7
Internet	Internet	2,9	14,3	70,0	7,1	5,7
Rádio	Rádio	1,5	16,4	68,7	3,0	10,4
Publicações sindicais	Publicações sindicais	1,8	8,8	57,9	22,8	8,8

Fonte: Sondagem CGTP-IN|Marktest, Dezembro 2010

Tabela 30a

Credibilidade da informação sindical transmitida por meios de comunicação

		Sindicalizado		Ex-sindicalizado		Nunca esteve sindicalizado		Total	
		N	%	N	%	N	%	N	%
Jornais	Nada credível	8	3,4	2	1,3	10	1,6	20	2,0
	Pouco credível	51	21,4	19	12,1	87	14,3	157	15,6
	Credível	108	45,4	63	40,1	247	40,6	418	41,6
	Muito credível	7	2,9	5	3,2	16	2,6	28	2,8
	Não sabe/Não responde	64	26,9	68	43,3	249	40,9	381	37,9
	Total	238	100,0	157	100,0	609	100,0	1004	100,0
TV	Nada credível	8	3,4	5	3,2	9	1,5	22	2,2
	Pouco credível	45	18,9	24	15,3	81	13,3	150	14,9
	Credível	121	50,8	67	42,7	260	42,7	448	44,6
	Muito credível	13	5,5	7	4,5	37	6,1	57	5,7
	Não sabe/Não responde	51	21,4	54	34,4	222	36,5	327	32,6
	Total	238	100,0	157	100,0	609	100,0	1004	100,0
Rádio	Nada credível	6	2,5	3	1,9	7	1,1	16	1,6
	Pouco credível	35	14,7	17	10,8	75	12,3	127	12,6
	Credível	105	44,1	60	38,2	234	38,4	399	39,7
	Muito credível	8	3,4	3	1,9	12	2,0	23	2,3
	Não sabe/Não responde	84	35,3	74	47,1	281	46,1	439	43,7
	Total	238	100,0	157	100,0	609	100,0	1004	100,0
Publicações da CGTP/Sindicatos	Nada credível	2	,8	3	1,9	13	2,1	18	1,8
	Pouco credível	29	12,2	22	14,0	63	10,3	114	11,4
	Credível	115	48,3	51	32,5	206	33,8	372	37,1
	Muito credível	28	11,8	10	6,4	27	4,4	65	6,5
	Não sabe/Não responde	64	26,9	71	45,2	300	49,3	435	43,3
	Total	238	100,0	157	100,0	609	100,0	1004	100,0
Representante sindical	Nada credível	4	1,7	6	3,8	13	2,1	23	2,3
	Pouco credível	43	18,1	26	16,6	80	13,1	149	14,8
	Credível	108	45,4	49	31,2	216	35,5	373	37,2
	Muito credível	26	10,9	9	5,7	30	4,9	65	6,5
	Não sabe/Não responde	57	23,9	67	42,7	270	44,3	394	39,2
	Total	238	100,0	157	100,0	609	100,0	1004	100,0
Internet	Nada credível	3	1,3	3	1,9	16	2,6	22	2,2
	Pouco credível	27	11,3	12	7,6	60	9,9	99	9,9
	Credível	83	34,9	37	23,6	157	25,8	277	27,6
	Muito credível	13	5,5	2	1,3	13	2,1	28	2,8
	Não sabe/Não responde	112	47,1	103	65,6	363	59,6	578	57,6
	Total	238	100,0	157	100,0	609	100,0	1004	100,0

Fonte: Sondagem CGTP-IN|Marktest, Dezembro 2010

Tabela 30b

Credibilidade da informação por faixas etárias

Idade		Nada credível	Pouco credível	Credível	Muito credível	Não sabe/ Não responde
Até 29 anos	Jornais	1,6	12,6	42,6	1,6	41,5
	TV		13,1	38,3	8,7	39,9
	Rádio	1,1	8,7	39,3	2,2	48,6
	Publicações da CGTP/Sindicatos	2,2	7,7	36,1	6,0	48,1
	Representante sindical	3,8	10,9	34,4	6,6	44,3
	Internet	1,1	14,2	30,6	1,1	53,0
30-39 anos	Jornais	1,9	16,7	43,7	3,8	33,8
	TV	2,3	14,1	50,2	5,7	27,8
	Rádio	1,5	14,4	44,1	2,3	37,6
	Publicações da CGTP/Sindicatos	1,1	10,6	41,1	7,2	39,9
	Representante sindical	1,5	14,8	39,2	6,8	37,6
	Internet	3,4	9,1	33,5	3,4	50,6
40-49 anos	Jornais	1,5	13,4	46,2	2,3	36,6
	TV	2,7	11,8	52,7	5,3	27,5
	Rádio	2,3	9,2	44,7	2,7	41,2
	Publicações da CGTP/Sindicatos	2,3	10,7	40,8	4,6	41,6
	Representante sindical	2,3	14,9	42,4	6,5	34,0
	Internet	2,3	7,6	29,4	3,1	57,6
> 49 anos	Jornais	2,7	18,6	35,1	3,0	40,5
	TV	3,0	19,6	36,5	4,1	36,8
	Rádio	1,4	16,6	31,8	2,0	48,3
	Publicações da CGTP/Sindicatos	1,7	14,9	30,7	7,8	44,9
	Representante sindical	2,0	17,2	32,4	6,1	42,2
	Internet	1,7	9,8	18,9	3,0	66,6

Fonte: Sondagem CGTP-IN/Marktest, Dezembro 2010

Tabela 31

**Credibilidade da informação sobre iniciativas da CGTP-IN
(por graus de escolaridade)**

Grau de escolaridade		Nada credível	Pouco credível	Credível	Muito credível	Não sabe/ Não responde
Nenhum	Jornais			20,0		80,0
	TV			20,0		80,0
	Rádio			20,0		80,0
	Publicações da CGTP/Sindicatos			10,0		90,0
	Representante sindical			20,0		80,0
	Internet					100,0
1º Ciclo	Jornais	1,8	11,0	25,7	,9	60,6
	TV	,9	11,9	31,2	2,8	53,2
	Rádio	,9	8,3	28,4	,9	61,5
	Publicações da CGTP/Sindicatos	,9	8,3	25,7	4,6	60,6
	Representante sindical	,9	11,9	23,9	6,4	56,9
	Internet	,9	,9	13,8	,9	83,5
2º Ciclo	Jornais	2,4	16,7	31,0	2,4	47,6
	TV	4,8	6,0	39,3	7,1	42,9
	Rádio	3,6	7,1	31,0	3,6	54,8
	Publicações da CGTP/Sindicatos	1,2	11,9	28,6	4,8	53,6
	Representante sindical	2,4	9,5	28,6	4,8	54,8
	Internet	4,8	3,6	17,9	2,4	71,4
3º Ciclo	Jornais	1,9	17,9	42,6	3,1	34,6
	TV	4,9	16,7	43,2	8,0	27,2
	Rádio	1,2	20,4	38,3	3,7	36,4
	Publicações da CGTP/Sindicatos	1,9	14,8	42,0	7,4	34,0
	Representante sindical	1,9	18,5	37,7	6,8	35,2
	Internet	3,1	8,6	31,5	3,1	53,7
Secundário e Outros	Jornais	2,5	15,4	42,5	2,8	36,9
	TV	1,2	14,8	46,8	5,8	31,4
	Rádio	1,8	11,4	40,3	1,2	45,2
	Publicações da CGTP/Sindicatos	2,2	13,2	39,1	4,6	40,9
	Representante sindical	3,1	13,5	40,0	5,2	38,2
	Internet	2,8	10,5	27,4	2,5	56,9
Superior	Jornais	1,6	16,6	49,4	3,5	29,0
	TV	1,6	18,2	50,0	5,1	25,2
	Rádio	1,3	13,4	46,8	2,9	35,7
	Publicações da CGTP/Sindicatos	1,9	8,9	39,5	9,2	40,4
	Representante sindical	2,2	17,2	41,4	8,3	30,9
	Internet	1,0	15,0	34,1	3,8	46,2

Fonte: Sondagem CGTP-IN/Marktest, Dezembro 2010

Tabela 32

Credibilidade da informação sindical
(nunca sindicalizados, dessindicalizados e sindicalizados)

		Nada credível	Pouco credível	Credível	Muito credível	Não sabe/ Não responde	Total
Sindicalizado	Jornais	3,4	21,4	45,4	2,9	26,9	100,0
	TV	3,4	18,9	50,8	5,5	21,4	100,0
	Rádio	2,5	14,7	44,1	3,4	35,3	100,0
	Publicações da CGTP/Sindicatos	,8	12,2	48,3	11,8	26,9	100,0
	Representante sindical	1,7	18,1	45,4	10,9	23,9	100,0
	Internet	1,3	11,3	34,9	5,5	47,1	100,0
Ex-sindicalizado	Jornais	1,3	12,1	40,1	3,2	43,3	100,0
	TV	3,2	15,3	42,7	4,5	34,4	100,0
	Rádio	1,9	10,8	38,2	1,9	47,1	100,0
	Publicações da CGTP/Sindicatos	1,9	14,0	32,5	6,4	45,2	100,0
	Representante sindical	3,8	16,6	31,2	5,7	42,7	100,0
	Internet	1,9	7,6	23,6	1,3	65,6	100,0
Nunca esteve sindicalizado	Jornais	1,6	14,3	40,6	2,6	40,9	100,0
	TV	1,5	13,3	42,7	6,1	36,5	100,0
	Rádio	1,1	12,3	38,4	2,0	46,1	100,0
	Publicações da CGTP/Sindicatos	2,1	10,3	33,8	4,4	49,3	100,0
	Representante sindical	2,1	13,1	35,5	4,9	44,3	100,0
	Internet	2,6	9,9	25,8	2,1	59,6	100,0

Fonte: Sondagem CGTP-IN|Marktest, Dezembro 2010

Tabela 33

*Credibilidade da informação sobre iniciativas da CGTP-IN,
por filiação sindical (excluíram-se os «nada informados»*

		Central Sindical/Associação a que pertence o sindicato de que é membro							
		CGTP		UGT		Outra Central/Associação		Total	
		N	%	N	%	N	%	N	%
Jornais	Nada credível	3	3,1	1	3,2	4	5,2	8	3,9
	Pouco credível	25	25,5	5	16,1	21	27,3	51	24,8
	Credível	54	55,1	20	64,5	34	44,2	108	52,4
	Muito credível	4	4,1	1	3,2	2	2,6	7	3,4
	Não sabe	12	12,2	4	12,9	16	20,8	32	15,5
	Total	98	100,0	31	100,0	77	100,0	206	100,0
TV	Nada credível	5	5,1			3	3,9	8	3,9
	Pouco credível	20	20,4	6	19,4	19	24,7	45	21,8
	Credível	62	63,3	19	61,3	40	51,9	121	58,7
	Muito credível	7	7,1	3	9,7	3	3,9	13	6,3
	Não sabe	4	4,1	3	9,7	12	15,6	19	9,2
	Total	98	100,0	31	100,0	77	100,0	206	100,0
Rádio	Nada credível	1	1,0			5	6,5	6	2,9
	Pouco credível	16	16,3	6	19,4	13	16,9	35	17,0
	Credível	53	54,1	14	45,2	38	49,4	105	51,0
	Muito credível	3	3,1	2	6,5	3	3,9	8	3,9
	Não sabe	25	25,5	9	29,0	18	23,4	52	25,2
	Total	98	100,0	31	100,0	77	100,0	206	100,0
Publicações da CGTP/Sindicatos	Nada credível					2	2,6	2	1,0
	Pouco credível	12	12,2	6	19,4	11	14,3	29	14,1
	Credível	63	64,3	16	51,6	36	46,8	115	55,8
	Muito credível	17	17,3	2	6,5	9	11,7	28	13,6
	Não sabe	6	6,1	7	22,6	19	24,7	32	15,5
	Total	98	100,0	31	100,0	77	100,0	206	100,0
Representante sindical	Nada credível	1	1,0			3	3,9	4	1,9
	Pouco credível	18	18,4	7	22,6	18	23,4	43	20,9
	Credível	58	59,2	18	58,1	32	41,6	108	52,4
	Muito credível	14	14,3	2	6,5	10	13,0	26	12,6
	Não sabe	7	7,1	4	12,9	14	18,2	25	12,1
	Total	98	100,0	31	100,0	77	100,0	206	100,0
Internet	Nada credível					3	3,9	3	1,5
	Pouco credível	14	14,3	5	16,1	8	10,4	27	13,1
	Credível	41	41,8	17	54,8	25	32,5	83	40,3
	Muito credível	7	7,1	1	3,2	5	6,5	13	6,3
	Não sabe	36	36,7	8	25,8	36	46,8	80	38,8
	Total	98	100,0	31	100,0	77	100,0	206	100,0

Fonte: Sondagem CGTP-IN/Marktest, Dezembro 2010

Tabela 34

**Importância das iniciativas da CGTP-IN
(por sindicalizados e não sindicalizados)**

Importância que atribui às seguintes iniciativas/actividades da CGTP e seus sindicatos:		Sindicalizado					
		Sim		Não		Total	
		N	%	N	%	N	%
Negociações salariais	Nenhuma Importância	9	3,8	72	9,4	81	8,1
	Pouca Importância	25	10,5	95	12,4	120	12,0
	Alguma Importância	50	21,0	228	29,8	278	27,7
	Muita importância	147	61,8	340	44,4	487	48,5
	Não sabe/Não responde	7	2,9	31	4,0	38	3,8
	Total	238	100,0	766	100,0	1004	100,0
Contratação Colectiva	Nenhuma Importância	9	3,8	77	10,1	86	8,6
	Pouca Importância	23	9,7	93	12,1	116	11,6
	Alguma Importância	65	27,3	251	32,8	316	31,5
	Muita importância	123	51,7	253	33,0	376	37,5
	Não sabe/Não responde	18	7,6	92	12,0	110	11,0
	Total	238	100,0	766	100,0	1004	100,0
Negociações com o governo	Nenhuma Importância	15	6,3	82	10,7	97	9,7
	Pouca Importância	29	12,2	96	12,5	125	12,5
	Alguma Importância	58	24,4	220	28,7	278	27,7
	Muita importância	126	52,9	336	43,9	462	46,0
	Não sabe/Não responde	10	4,2	32	4,2	42	4,2
	Total	238	100,0	766	100,0	1004	100,0
Manifestações	Nenhuma Importância	15	6,3	105	13,7	120	12,0
	Pouca Importância	26	10,9	98	12,8	124	12,4
	Alguma Importância	82	34,5	287	37,5	369	36,8
	Muita importância	104	43,7	255	33,3	359	35,8
	Não sabe/Não responde	11	4,6	21	2,7	32	3,2
	Total	238	100,0	766	100,0	1004	100,0
Greves	Nenhuma Importância	18	7,6	129	16,8	147	14,6
	Pouca Importância	28	11,8	108	14,1	136	13,5
	Alguma Importância	78	32,8	273	35,6	351	35,0
	Muita importância	100	42,0	229	29,9	329	32,8
	Não sabe/Não responde	14	5,9	27	3,5	41	4,1
	Total	238	100,0	766	100,0	1004	100,0
Distribuição de folhetos informativos	Nenhuma Importância	21	8,8	123	16,1	144	14,3
	Pouca Importância	30	12,6	127	16,6	157	15,6
	Alguma Importância	86	36,1	271	35,4	357	35,6
	Muita importância	85	35,7	187	24,4	272	27,1
	Não sabe/Não responde	16	6,7	58	7,6	74	7,4
	Total	238	100,0	766	100,0	1004	100,0

Fonte: Sondagem CGTP-IN/Marktest, Dezembro 2010

Tabela 35

Influência da CGTP-IN

Considera que a CGTP		Sindicalizado					
		Sim		Não		Total	
		N	%	N	%	N	%
Tem influência na política governamental na defesa dos direitos dos trabalhadores	Nada	31	13,0	94	12,3	125	12,5
	Pouco	60	25,2	203	26,5	263	26,2
	Algo	81	34,0	267	34,9	348	34,7
	Muito	57	23,9	151	19,7	208	20,7
	Não sabe	9	3,8	51	6,7	60	6,0
	Total	238	100,0	766	100,0	1004	100,0
Tem influenciado o patronato para a defesa dos direitos dos trabalhadores	Nada	23	9,7	90	11,7	113	11,3
	Pouco	67	28,2	202	26,4	269	26,8
	Algo	83	34,9	254	33,2	337	33,6
	Muito	55	23,1	141	18,4	196	19,5
	Não sabe	10	4,2	79	10,3	89	8,9
	Total	238	100,0	766	100,0	1004	100,0
Tem contribuído para consciencializar os trabalhadores dos seus direitos	Nada	8	3,4	42	5,5	50	5,0
	Pouco	36	15,1	137	17,9	173	17,2
	Algo	87	36,6	251	32,8	338	33,7
	Muito	92	38,7	265	34,6	357	35,6
	Não sabe	15	6,3	71	9,3	86	8,6
	Total	238	100,0	766	100,0	1004	100,0
Tem assinado acordos que prejudicam os trabalhadores	Nada	114	47,9	293	38,3	407	40,5
	Pouco	44	18,5	169	22,1	213	21,2
	Algo	41	17,2	109	14,2	150	14,9
	Muito	15	6,3	47	6,1	62	6,2
	Não sabe	24	10,1	148	19,3	172	17,1
	Total	238	100,0	766	100,0	1004	100,0
Tem assinado acordos que beneficiam os trabalhadores	Nada	24	10,1	64	8,4	88	8,8
	Pouco	49	20,6	178	23,2	227	22,6
	Algo	90	37,8	252	32,9	342	34,1
	Muito	49	20,6	146	19,1	195	19,4
	Não sabe	26	10,9	126	16,4	152	15,1
	Total	238	100,0	766	100,0	1004	100,0

Fonte: Sondagem CGTP-IN|Marktest, Dezembro 2010

Tabela 34

**Importância das iniciativas da CGTP-IN
(por faixas etárias)**

Escalão etário		Nenhuma Importância	Pouca Importância	Alguma Importância	Muita importância	Não sabe
Até 29 anos	Negociações salariais	7,7	12,6	30,1	45,9	3,8
	Contratação Colectiva	8,7	11,5	36,1	32,8	10,9
	Negociações com o governo	8,7	12,0	28,4	46,4	4,4
	Manifestações	9,3	10,4	48,6	30,1	1,6
	Greves	12,0	16,9	38,3	29,5	3,3
	Distribuição de folhetos informativos	10,4	16,9	39,9	26,8	6,0
30-39 anos	Negociações salariais	8,4	12,2	30,4	47,9	1,1
	Contratação Colectiva	6,8	12,2	39,2	35,4	6,5
	Negociações com o governo	9,5	9,9	31,6	47,5	1,5
	Manifestações	9,5	13,3	39,5	36,9	,8
	Greves	12,5	12,5	36,9	37,3	,8
	Distribuição de folhetos informativos	13,3	15,6	40,7	25,9	4,6
40-49 anos	Negociações salariais	8,0	9,2	26,0	54,2	2,7
	Contratação Colectiva	6,5	11,8	29,8	41,2	10,7
	Negociações com o governo	8,8	10,7	28,2	48,5	3,8
	Manifestações	13,0	12,6	34,4	37,4	2,7
	Greves	13,7	14,9	35,1	32,4	3,8
	Distribuição de folhetos informativos	15,3	16,0	34,7	27,5	6,5
> 49 anos	Negociações salariais	8,1	13,9	25,3	45,6	7,1
	Contratação Colectiva	11,8	10,8	23,3	38,9	15,2
	Negociações com o governo	11,1	16,6	23,3	42,2	6,8
	Manifestações	14,9	12,5	29,1	36,8	6,8
	Greves	18,9	11,1	31,1	31,1	7,8
	Distribuição de folhetos informativos	16,9	14,5	29,1	28,0	11,5

Fonte: Sondagem CGTP-IN/Marktest, Dezembro 2010

Tabela 37

**Importância das iniciativas da CGTP-IN
(por níveis de escolaridade)**

		Nenhuma Importância	Pouca Importância	Alguma Importância	Muita importância	Não sabe	Total
Até 1º Ciclo	Negociações salariais	10,7	7,9	25,0	42,8	13,5	100,0
	Contratação Colectiva	17,0	8,7	25,7	27,2	21,4	100,0
	Negociações com o governo	17,2	10,9	22,5	38,1	11,3	100,0
	Manifestações	23,1	11,8	26,6	31,8	6,6	100,0
	Greves	24,1	6,9	32,0	23,5	13,5	100,0
	Distribuição de folhetos informativos	16,5	12,4	32,8	26,9	11,3	100,0
2º e 3º Ciclo	Negociações salariais	9,7	10,8	27,1	49,8	2,6	100,0
	Contratação Colectiva	10,4	11,1	28,3	35,4	14,8	100,0
	Negociações com o governo	12,5	13,2	28,1	42,5	3,6	100,0
	Manifestações	13,0	13,7	32,6	38,9	1,7	100,0
	Greves	19,1	14,1	33,7	30,0	3,1	100,0
	Distribuição de folhetos informativos	14,1	15,4	34,5	30,4	5,6	100,0
Secundário e Outros	Negociações salariais	7,1	12,9	29,2	47,1	3,7	100,0
	Contratação Colectiva	6,8	11,7	34,5	37,5	9,5	100,0
	Negociações com o governo	8,0	10,8	28,0	49,2	4,0	100,0
	Manifestações	10,5	8,9	42,2	34,8	3,7	100,0
	Greves	12,9	12,9	35,7	35,1	3,4	100,0
	Distribuição de folhetos informativos	12,3	15,4	36,9	27,7	7,7	100,0
Superior	Negociações salariais	7,3	13,1	27,4	50,3	1,9	100,0
	Contratação Colectiva	6,7	12,4	32,8	41,7	6,4	100,0
	Negociações com o governo	6,7	14,3	29,0	47,5	2,5	100,0
	Manifestações	8,9	14,6	37,6	36,0	2,9	100,0
	Greves	9,9	15,9	36,3	35,4	2,5	100,0
	Distribuição de folhetos informativos	15,9	16,6	35,7	24,2	7,6	100,0

Fonte: Sondagem CGTP-IN|Marktest, Dezembro 2010

Tabela 38

**Importância das iniciativas da CGTP-IN
(por filiação sindical)**

		Central Sindical/Associação a que pertence o sindicato de que é membro							
		CGTP		UGT		Outra Central/Associação		Total	
		N	%	N	%	N	%	N	%
Negociações salariais	Nenhuma Importância	1	1,0	2	6,5	1	1,3	4	1,9
	Pouca Importância	11	11,2	4	12,9	6	7,8	21	10,2
	Alguma Importância	19	19,4	6	19,4	18	23,4	43	20,9
	Muita importância	65	66,3	17	54,8	50	64,9	132	64,1
	Não sabe	2	2,0	2	6,5	2	2,6	6	2,9
	Total	98	100,0	31	100,0	77	100,0	206	100,0
Contratação Colectiva	Nenhuma Importância	3	3,1	2	6,5	4	5,2	9	4,4
	Pouca Importância	10	10,2	4	12,9	5	6,5	19	9,2
	Alguma Importância	28	28,6	8	25,8	18	23,4	54	26,2
	Muita importância	55	56,1	15	48,4	44	57,1	114	55,3
	Não sabe	2	2,0	2	6,5	6	7,8	10	4,9
	Total	98	100,0	31	100,0	77	100,0	206	100,0
Negociações com o governo	Nenhuma Importância	2	2,0	2	6,5	5	6,5	9	4,4
	Pouca Importância	13	13,3	3	9,7	10	13,0	26	12,6
	Alguma Importância	21	21,4	7	22,6	22	28,6	50	24,3
	Muita importância	60	61,2	17	54,8	37	48,1	114	55,3
	Não sabe	2	2,0	2	6,5	3	3,9	7	3,4
	Total	98	100,0	31	100,0	77	100,0	206	100,0
Manifestações	Nenhuma Importância	2	2,0	2	6,5	6	7,8	10	4,9
	Pouca Importância	11	11,2	5	16,1	5	6,5	21	10,2
	Alguma Importância	30	30,6	12	38,7	29	37,7	71	34,5
	Muita importância	53	54,1	9	29,0	32	41,6	94	45,6
	Não sabe	2	2,0	3	9,7	5	6,5	10	4,9
	Total	98	100,0	31	100,0	77	100,0	206	100,0
Greves	Nenhuma Importância	3	3,1	3	9,7	6	7,8	12	5,8
	Pouca Importância	14	14,3	2	6,5	8	10,4	24	11,7
	Alguma Importância	33	33,7	9	29,0	27	35,1	69	33,5
	Muita importância	43	43,9	15	48,4	31	40,3	89	43,2
	Não sabe	5	5,1	2	6,5	5	6,5	12	5,8
	Total	98	100,0	31	100,0	77	100,0	206	100,0
Distribuição de folhetos informativos	Nenhuma Importância	3	3,1	2	6,5	10	13,0	15	7,3
	Pouca Importância	10	10,2	5	16,1	10	13,0	25	12,1
	Alguma Importância	41	41,8	11	35,5	25	32,5	77	37,4
	Muita importância	40	40,8	10	32,3	29	37,7	79	38,3
	Não sabe	4	4,1	3	9,7	3	3,9	10	4,9
	Total	98	100,0	31	100,0	77	100,0	206	100,0

Fonte: Sondagem CGTP-IN/Marktest, Dezembro 2010

Tabela 39

Representações da actividade sindical

		Sindicalizado					
		Sim		Não		Total	
		N	%	N	%	N	%
Os trabalhadores precisam de sindicatos fortes	Não concorda nada	3	1,3	36	4,7	39	3,9
	Concorda pouco	2	,8	44	5,7	46	4,6
	Concorda	57	23,9	303	39,6	360	35,9
	Concorda Muito	169	71,0	363	47,4	532	53,0
	Não responde	7	2,9	20	2,6	27	2,7
	Total	238	100,0	766	100,0	1004	100,0
Os sindicatos do meu sector não sabem o que se passa no meu local de trabalho	Não concorda nada	71	29,8	108	14,1	179	17,8
	Concorda pouco	50	21,0	134	17,5	184	18,3
	Concorda	66	27,7	239	31,2	305	30,4
	Concorda Muito	44	18,5	132	17,2	176	17,5
	Não responde	7	2,9	153	20,0	160	15,9
	Total	238	100,0	766	100,0	1004	100,0
Os trabalhadores podem influenciar as decisões dos sindicatos	Não concorda nada	21	8,8	85	11,1	106	10,6
	Concorda pouco	39	16,4	151	19,7	190	18,9
	Concorda	125	52,5	368	48,0	493	49,1
	Concorda Muito	48	20,2	101	13,2	149	14,8
	Não responde	5	2,1	61	8,0	66	6,6
	Total	238	100,0	766	100,0	1004	100,0
Os sindicatos podem influenciar as negociações salariais	Não concorda nada	13	5,5	52	6,8	65	6,5
	Concorda pouco	37	15,5	169	22,1	206	20,5
	Concorda	115	48,3	403	52,6	518	51,6
	Concorda Muito	67	28,2	116	15,1	183	18,2
	Não responde	6	2,5	26	3,4	32	3,2
	Total	238	100,0	766	100,0	1004	100,0
Os sindicatos têm em conta a opinião dos trabalhadores nas suas decisões	Não concorda nada	15	6,3	94	12,3	109	10,9
	Concorda pouco	60	25,2	179	23,4	239	23,8
	Concorda	126	52,9	392	51,2	518	51,6
	Concorda Muito	29	12,2	55	7,2	84	8,4
	Não responde	8	3,4	46	6,0	54	5,4

	Total	238	100,0	766	100,0	1004	100,0
Os sindicatos estão mais interessados em fazerem política partidária do que na defesa dos trabalhadores	Não concorda nada	60	25,2	153	20,0	213	21,2
	Concorda pouco	54	22,7	166	21,7	220	21,9
	Concorda	75	31,5	255	33,3	330	32,9
	Concorda Muito	39	16,4	150	19,6	189	18,8
	Não responde	10	4,2	42	5,5	52	5,2
	Total	238	100,0	766	100,0	1004	100,0
A CGTP é sempre do contra	Não concorda nada	87	36,6	185	24,2	272	27,1
	Concorda pouco	58	24,4	203	26,5	261	26,0
	Concorda	56	23,5	217	28,3	273	27,2
	Concorda Muito	28	11,8	85	11,1	113	11,3
	Não responde	9	3,8	76	9,9	85	8,5
	Total	238	100,0	766	100,0	1004	100,0
A CGTP faz greves inúteis	Não concorda nada	102	42,9	257	33,6	359	35,8
	Concorda pouco	52	21,8	175	22,8	227	22,6
	Concorda	59	24,8	195	25,5	254	25,3
	Concorda Muito	18	7,6	80	10,4	98	9,8
	Não responde	7	2,9	59	7,7	66	6,6
	Total	238	100,0	766	100,0	1004	100,0

Fonte: Sondagem CGTP-IN|Marktest, Dezembro 2010

Tabela 40

**A «primeira imagem que vem à cabeça»
(por faixas etárias)**

	Idade							
	Até 29 anos		30-49 anos		> 49 anos		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Defesa dos direitos do trabalhador	20	10,9	50	9,5	34	11,5	104	10,4
Sindicato	8	4,4	37	7,0	15	5,1	60	6,0
Partido comunista	3	1,6	30	5,7	27	9,1	60	6,0
O seu poder reivindicativo	7	3,8	36	6,9	17	5,7	60	6,0
Manifestações	18	9,8	27	5,1	6	2,0	51	5,1
Greves	15	8,2	24	4,6	4	1,4	43	4,3
O seu líder	1	,5	30	5,7	8	2,7	39	3,9
O delegado sindical	2	1,1	21	4,0	14	4,7	37	3,7
Sem interesse	4	2,2	17	3,2	12	4,1	33	3,3
Sindicato pouco eficiente	0	,0	12	2,3	10	3,4	22	2,2
Sindicato esquerda	3	1,6	8	1,5	8	2,7	19	1,9
Central Sindical	0	,0	5	1,0	8	2,7	13	1,3
Trabalhadores	4	2,2	7	1,3	2	,7	13	1,3
Sindicato dos Trabalhadores	1	,5	6	1,1	3	1,0	10	1,0
Política	3	1,6	4	,8	3	1,0	10	1,0
Grande Sindicato	2	1,1	5	1,0	2	,7	9	,9
Luta	1	,5	3	,6	3	1,0	7	,7
O seu emblema	0	,0	5	1,0	2	,7	7	,7
A sua capacidade de mobilização	1	,5	4	,8	2	,7	7	,7
Revolução	1	,5	5	1,0	0	,0	6	,6
Partido Político	1	,5	4	,8	1	,3	6	,6
Antiquada	0	,0	3	,6	2	,7	5	,5
Trabalho	0	,0	1	,2	2	,7	3	,3
Positiva	0	,0	2	,4	1	,3	3	,3
Imagem vermelha	0	,0	2	,4	0	,0	2	,2
Oposição	1	,5	1	,2	0	,0	2	,2
Aumento de salários	0	,0	0	,0	0	,0	0	,0
25 de Abril	0	,0	0	,0	0	,0	0	,0
Outras	4	2,2	5	1,0	8	2,7	17	1,7
Nenhuma	2	1,1	6	1,1	9	3,0	17	1,7
Não sabe/Não responde	81	44,3	165	31,4	93	31,4	339	33,8
Total	183	100,0	525	100,0	296	100,0	1004	100,0

Fonte: Sondagem CGTP-IN/Marktest, Dezembro 2010

Tabela 41

**A «primeira imagem que vem à cabeça»
(por graus de escolaridade)**

	Grau de escolaridade									
	Até 1º Ciclo		2º e 3º Ciclo		Secundário e Outros		Superior		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Defesa dos direitos do trabalhador	25	9,5	49	13,0	19	10,2	14	8,3	108	10,7
Sindicato	19	6,9	23	6,3	13	6,8	8	4,8	63	6,3
O seu poder reivindicativo	17	6,1	19	5,2	11	5,8	12	7,0	59	5,9
Partido comunista	6	2,4	7	1,9	11	5,8	18	10,5	43	4,2
Manifestações	4	1,4	14	3,6	8	4,0	15	8,6	40	4,0
O delegado sindical	17	6,1	6	1,6	7	3,7	8	4,5	37	3,7
Greves	4	1,6	12	3,1	9	4,9	10	5,7	35	3,5
Sem interesse	4	1,6	19	5,0	6	3,4	4	2,5	34	3,4
O seu líder	4	1,6	12	3,3	8	4,0	9	5,4	33	3,3
Sindicato pouco eficiente	6	2,4	12	3,1	5	2,8	1	,6	24	2,4
Sindicato esquerda	2	,8	1	,3	3	1,5	7	3,8	13	1,3
Sindicato dos Trabalhadores	4	1,6	3	,9	2	1,2	1	,6	11	1,1
Central Sindical	2	,8	1	,3	4	2,2	2	1,3	10	1,0
Trabalhadores	2	,8	1	,3	1	,6	5	2,9	9	,9
Política	2	,8	3	,7	2	1,2	2	1,0	9	,9
Luta	0	,0	6	1,6	1	,3	1	,6	8	,7
Grande Sindicato	0	,0	3	,9	2	1,2	2	1,0	7	,7
A sua capacidade de mobilização	2	,8	3	,7	1	,6	1	,6	7	,7
Partido Político	0	,0	2	,5	1	,6	2	1,0	5	,5
Antiquada	0	,0	3	,7	0	,0	2	1,0	4	,4
Revolução	0	,0	1	,3	2	,9	1	,6	4	,4
O seu emblema	0	,0	0	,0	2	,9	2	1,3	4	,4
Positiva	0	,0	2	,5	1	,3	1	,3	3	,3
Trabalho	0	,0	1	,3	0	,0	1	,6	2	,2
Oposição	0	,0	1	,3	0	,0	1	,3	2	,2
Imagem vermelha	0	,0	0	,0	1	,3	1	,3	1	,1
Aumento de salários	0	,0	0	,0	0	,0	0	,0	0	,0
25 de Abril	0	,0	0	,0	0	,0	0	,0	0	,0
Outras	2	,8	2	,5	5	2,8	3	1,9	13	1,3
Nenhuma	11	3,9	5	1,4	4	1,8	1	,6	20	2,0
Não sabe/Não responde	135	50,2	162	43,4	61	32,0	38	22,3	396	39,5
Total	269	100,0	374	100,0	190	100,0	171	100,0	1004	100,0

Fonte: Sondagem CGTP-IN/Marktest, Dezembro 2010

Tabela 42

**A «primeira imagem que vem à cabeça»
(por género)**

	Sexo					
	Masculino		Feminino		Total	
	N	%	N	%	N	%
Defesa dos direitos do trabalhador	54	10,4	50	10,4	104	10,4
Sindicato	35	6,7	25	5,2	60	6,0
Partido comunista	44	8,4	16	3,3	60	6,0
O seu poder reivindicativo	34	6,5	26	5,4	60	6,0
Manifestações	24	4,6	27	5,6	51	5,1
Greves	20	3,8	23	4,8	43	4,3
O seu líder	20	3,8	19	3,9	39	3,9
O delegado sindical	23	4,4	14	2,9	37	3,7
Sem interesse	21	4,0	12	2,5	33	3,3
Sindicato pouco eficiente	13	2,5	9	1,9	22	2,2
Sindicato esquerda	12	2,3	7	1,4	19	1,9
Central Sindical	10	1,9	3	,6	13	1,3
Trabalhadores	7	1,3	6	1,2	13	1,3
Sindicato dos Trabalhadores	8	1,5	2	,4	10	1,0
Política	5	1,0	5	1,0	10	1,0
Grande Sindicato	5	1,0	4	,8	9	,9
Luta	3	,6	4	,8	7	,7
O seu emblema	3	,6	4	,8	7	,7
A sua capacidade de mobilização	4	,8	3	,6	7	,7
Revolução	2	,4	4	,8	6	,6
Partido Político	2	,4	4	,8	6	,6
Antiquada	4	,8	1	,2	5	,5
Trabalho	1	,2	2	,4	3	,3
Positiva	1	,2	2	,4	3	,3
Imagem vermelha	0	,0	2	,4	2	,2
Oposição	2	,4	0	,0	2	,2
Aumento de salários	0	,0	0	,0	0	,0
25 de Abril	0	,0	0	,0	0	,0
Outras	11	2,1	6	1,2	17	1,7
Nenhuma	8	1,5	9	1,9	17	1,7
Não sabe/Não responde	145	27,8	194	40,2	339	33,8
Total	521	100,0	483	100,0	1004	100,0

Fonte: Sondagem CGTP-IN/Marktest, Dezembro 2010

Tabela 43

**A «primeira imagem que vem à cabeça»
(por sindicalizados, dessindicalizados e nunca sindicalizados)**

	Sindicalizado		Ex-sindicalizado		Nunca esteve sindicalizado		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Defesa dos direitos do trabalhador	25	24,0	17	16,3	62	59,6	104	100,0
Sindicato	12	20,0	4	6,7	44	73,3	60	100,0
Partido comunista	20	33,3	10	16,7	30	50,0	60	100,0
O seu poder reivindicativo	18	30,0	9	15,0	33	55,0	60	100,0
Manifestações	14	27,5	6	11,8	31	60,8	51	100,0
Greves	4	9,3	7	16,3	32	74,4	43	100,0
O seu líder	13	33,3	7	17,9	19	48,7	39	100,0
O delegado sindical	10	27,0	6	16,2	21	56,8	37	100,0
Sem interesse	4	12,1	6	18,2	23	69,7	33	100,0
Sindicato pouco eficiente	9	40,9	2	9,1	11	50,0	22	100,0
Sindicato esquerda	6	31,6	3	15,8	10	52,6	19	100,0
Central Sindical	7	53,8	1	7,7	5	38,5	13	100,0
Trabalhadores	5	38,5			8	61,5	13	100,0
Sindicato dos Trabalhadores			3	30,0	7	70,0	10	100,0
Política	1	10,0	2	20,0	7	70,0	10	100,0
Grande Sindicato	6	66,7	1	11,1	2	22,2	9	100,0
Luta	2	28,6	3	42,9	2	28,6	7	100,0
O seu emblema	1	14,3			6	85,7	7	100,0
A sua capacidade de mobilização	5	71,4			2	28,6	7	100,0
Revolução	1	16,7	2	33,3	3	50,0	6	100,0
Partido Político	1	16,7	2	33,3	3	50,0	6	100,0
Antiquada			2	40,0	3	60,0	5	100,0
Trabalho	2	66,7			1	33,3	3	100,0
Positiva	1	33,3			2	66,7	3	100,0
Imagem vermelha	1	50,0			1	50,0	2	100,0
Oposição					2	100,0	2	100,0
Outras	3	17,6	3	17,6	11	64,7	17	100,0
Nenhuma	3	17,6	4	23,5	10	58,8	17	100,0
Não sabe/Não responde	64	18,9	57	16,8	218	64,3	339	100,0
Total	238	23,7	157	15,6	609	60,7	1004	100,0

Fonte: Sondagem CGTP-IN|Marktest, Dezembro 2010

Tabela 44

**A «primeira imagem que vem à cabeça»
(por organizações sindicais)**

		Central Sindical/Associação a que pertence o sindicato de que é membro									
		CGTP		UGT		Outra Central/Associação		Não é sindicalizado		Total	
		N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Quando pensa na CGTP, qual é a primeira imagem que lhe vem à cabeça:	Defesa dos direitos do trabalhador	17	15,0	1	3,0	7	7,8	79	10,3	104	10,4
	Sindicato	2	1,8			10	10,9	48	6,3	60	6,0
	Partido comunista	4	3,5	5	15,2	11	12,0	40	5,2	60	6,0
	O seu poder reivindicativo	11	9,7			7	7,6	42	5,5	60	6,0
	Manifestações	10	8,8	1	3,0	3	3,3	37	4,8	51	5,1
	Greves	2	1,8			2	2,2	39	5,1	43	4,3
	O seu líder	8	7,1	1	3,0	4	4,3	26	3,4	39	3,9
	O delegado sindical	5	4,4	2	6,1	3	3,3	27	3,5	37	3,7
	Sem interesse	2	1,8	1	3,0	1	1,1	29	3,8	33	3,3
	Sindicato pouco eficiente	4	3,5	1	3,0	4	4,3	13	1,7	22	2,2
	Sindicato esquerda	2	1,8			4	4,3	13	1,7	19	1,9
	Central Sindical	3	2,7	2	6,1	2	2,2	6	,8	13	1,3
	Trabalhadores	2	1,8	3	9,1			8	1,0	13	1,3
	Sindicato dos Trabalhadores							10	1,3	10	1,0
	Política			1	3,0			9	1,2	10	1,0
	Grande Sindicato	3	2,7			3	3,3	3	,4	9	,9
	Luta	2	1,8					5	,7	7	,7
	O seu emblema					1	1,1	6	,8	7	,7
	A sua capacidade de mobilização	2	1,8	2	6,1	1	1,1	2	,3	7	,7
	Revolução					1	1,1	5	,7	6	,6
	Partido Político					1	1,1	5	,7	6	,6
	Antiquada							5	,7	5	,5
	Trabalho	2	1,8					1	,1	3	,3
	Positiva			1	3,0			2	,3	3	,3
	Imagem vermelha	1	,9					1	,1	2	,2
	Oposição							2	,3	2	,2
	Outra imagem	2	1,8			1	1,1	14	1,8	17	1,7
	Nenhuma	1	,9	1	3,0	1	1,1	14	1,8	17	1,7
Não sabe/Não responde	28	24,8	11	33,3	25	27,2	275	35,9	339	33,8	
Total	113	100,0	33	100,0	92	100,0	766	100,0	1004	100,0	

Fonte: Sondagem CGTP-IN/Marktest, Dezembro 2010

Tabela 45

**Participação em greves
(sindicalizados e não sindicalizado)**

	Já fez greve		Nunca fez greve		Total	
Sindicalizado	175	73,5	63	26,5	238	100,0
Não sindicalizado	194	25,3	572	74,7	766	100,0
Total	369	36,8	635	63,2	1004	100,0

Fonte: Sondagem CGTP-IN/Marktest, Dezembro 2010

Tabela 46

**Participação em greves
(por organização sindical)**

		Já fez greve		Nunca fez greve		Total	
		N	%	N	%	N	%
Central Sindical/ Associação a que pertence o sindicato de que é membro	CGTP	93	82,3	20	17,7	113	100,0
	UGT	18	54,5	15	45,5	33	100,0
	Outra Central/Associação	64	69,6	28	30,4	92	100,0
	Não é sindicalizado	194	25,3	572	74,7	766	100,0
Total		369	36,8	635	63,2	1004	100,0

Fonte: Sondagem CGTP-IN/Marktest, Dezembro 2010

Tabela 47

**Participação em greves
(por faixas etárias)**

	Já fez greve		Nunca fez greve		Total	
	N	%	N	%	N	%
Até 29 anos	39	21,3	144	78,7	183	100,0
30-39 anos	78	29,7	185	70,3	263	100,0
40-49 anos	99	37,8	163	62,2	262	100,0
> 49 anos	153	51,7	143	48,3	296	100,0
Total	369	36,8	635	63,2	1004	100,0

Fonte: Sondagem CGTP-IN/Marktest, Dezembro 2010

Tabela 48

**Participação em greves
(por graus de escolaridade)**

		Já fez greve	Nunca fez greve	Total
Grau de escolaridade	Até 1º Ciclo	36,7	63,3	100,0
	2º e 3º Ciclo	29,9	70,1	100,0
	Secundário e Outros	34,2	65,8	100,0
	Superior	44,6	55,4	100,0
	Total	35,0	65,0	100,0

Fonte: Sondagem CGTP-IN/Marktest, Dezembro 2010

Tabela 49

**Participação em greves
(por sectores de actividade)**

		N	%
Sector Actividade	Administração Pública	148	40,1
	Serviços	90	24,4
	Indústria	29	7,9
	Construção	16	4,3
	Outros	36	9,8
	Não se aplica/Não responde	50	13,6
	Total	369	100,0

Fonte: Sondagem CGTP-IN/Marktest, Dezembro 2010

Tabela 50

**Participação em greves
(por regiões)**

		N	%
Região	Grande Lisboa	92	24,9
	Grande Porto	64	17,3
	Litoral Norte	97	26,3
	Litoral Centro	43	11,7
	Interior Norte	42	11,4
	Sul	31	8,4
	Total	369	100,0

Fonte: Sondagem CGTP-IN/Marktest, Dezembro 2010

Tabela 51

Resultados das greves

	Quais foram os resultados da última vez que fez greve?									
	Nenhuns		Parciais		Totais		Não sabe/Não responde		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Sindicalizado	94	53,7	53	30,3	13	7,4	15	8,6	175	100,0
Não sindicalizado	96	49,5	67	34,5	11	5,7	20	10,3	194	100,0
Total	190	51,5	120	32,5	24	6,5	35	9,5	369	100,0

Fonte: Sondagem CGTP-IN/Marktest, Dezembro 2010

Questionário

	Questionário	Quest nº _ _ _ _	1
--	--------------	--------------------------	---

INTRODUÇÃO

F1. Antes de mais, gostava de saber se o/a Sr.(a), ou algum dos seus familiares próximos, trabalham numa empresa de Estudos de Mercado ou Agência de Publicidade?

Sim 1 [Não realizar entrevista]
 Não 2

F2. Pode dizer-me a sua idade?

| _ | _ | anos [Se tiver menos de 16 anos não realizar entrevista]

P1. O Sr(a) é membro de um sindicato, isto é sindicalizado?

Sim 1 **P1a.** Qual o sindicato? _____ (PASSAR À P.5)
 Não 2 (CONTINUAR)

P2. Já foi membro de algum sindicato no passado?

Sim 1 **P2a.** Qual o sindicato? _____ (CONTINUAR)
 Não 2 (PASSAR À P.4)

P3. Porque motivos não é actualmente sindicalizado? [resposta espontânea, múltipla]

Mudou de emprego 1
 Não gostou do trabalho do delegado ou dirigente sindical 2
 O sindicato envolvia-se demais na política 3
 As quotas eram muito altas 4
 Sentia-se obrigado a fazer greves 5
 Discordou de uma decisão sindical 6
 Deixaram de lhe receber as quotas 7
 Deixou de haver delegado sindical 8
 Era prejudicado na carreira 9
 Outra (qual? _____) 10

P4. Está a pensar num futuro próximo vir a ser sindicalizado?

Sim 1 **P4a.** Em qual sindicato? _____
 Não 2

P5. [SÓ SE P2=1 OU P1=1] Exerce ou exerceu algum cargo sindical?

Sim 1
 Não 2

Vamos agora falar sobre a CGTP

P6. Qual o seu grau de informação sobre as iniciativas que a CGTP promove? [LER ESCALA]

Nada informado 1 (PASSAR À P.10)
 Pouco informado 2
 Suficientemente informado 3
 Muito informado 4

P7. Através de que meios se informa sobre as iniciativas que a CGTP promove? [resposta espontânea, múltipla]

Jornais 1
 TV 2
 Rádio 3
 Publicações Sindicais 4 P7a: Quais? _____
 Internet 5 P7a: PC ou Telemóvel
 _____ Se sim, já consultou o site da CGTP-IN?

	Questionário	Quest nº <u> </u> <u> </u> <u> </u> <u> </u> <u> </u> <u> </u>	2
--	--------------	--	---

P8 Como avalia a informação que a CGTP/Sindicatos publica e divulga sobre os seguintes aspectos (acha insuficiente ou suficiente?):

[resposta única por aspecto – rotacionar aspectos]

		Insuficiente 1	Suficiente 2	Não sei 3
a	Salários			
b	Horários de trabalho			
c	Condições de trabalho			
d	Faltas / Férias			
e	Contratos de trabalho			
f	Desemprego			
g	Greves			
h	Precariedade			
i	Direitos dos Trabalhadores			
j	Impostos			
k	Segurança social / pensões			
l	Saúde			
m	Despedimentos			

P9 Que outros temas considera que a CGTP/Sindicatos deveria abordar ?

Pergunta aberta _____

P10. Em que medida considera credível a informação que é difundida sobre a CGTP e as iniciativas que promove pelos seguintes meios: [LER ESCALA] [resposta única por meio – rotacionar meios]

		Nada credível 1	Pouco credível 2	Credível 3	Muito credível 4	Não sei 5
a	Jornais					
b	TV					
c	Rádio					
d	Publicações da CGTP/Sindicatos					
e	Representante sindical					
f	Internet					

	Questionário	Quest n° _ _ _	3
--	--------------	----------------------	---

P11. Recorda-se de alguma iniciativa da CGTP ?

Sim 1
 Não 2 PASSAR À P.12

P11A. Qual(is) a(s) iniciativas da CGTP que se recorda recentemente?

P12. Qual a importância que atribui às seguintes iniciativas/actividades da CGTP e seus sindicatos? **[LER ESCALA]**
[resposta única por iniciativa – rotacionar iniciativas]

	Nenhuma 1	Pouca 2	Alguma 3	Muita 4	Não sei 5
a					
b					
c					
d					
e					
f					

P13. Considera que a CGTP: **[LER ESCALA]** **[resposta única por aspecto – rotacionar aspectos]**

	Nada 1	Pouco 2	Alguma coisa 3	Muito 4	Não sei 5
a					
b					
c					
d					
e					
f					

	Questionário	Quest n° _ _ _ _	4
--	--------------	--------------------------	---

P14. Em que medida concorda com as seguintes afirmações: [LER ESCALA] [resposta única por aspecto – rotacionar aspectos]

	Não concorda nada 1	Concorda Pouca 2	Concorda 3	Concorda muito 4
a	Os trabalhadores precisam de sindicatos fortes			
b	Os sindicatos do meu sector não sabem o que se passa no meu local de trabalho			
c	Os trabalhadores podem influenciar as decisões dos sindicatos			
d	Os sindicatos podem influenciar as negociações salariais			
e	Os sindicatos têm em conta a opinião dos trabalhadores nas suas decisões			
f	Os sindicatos estão mais interessados em fazerem política partidária do que na defesa dos trabalhadores			
g	A CGTP é sempre do contra			
h	A CGTP faz greves a mais			

P15. Quando pensa na CGTP, qual é a **primeira** imagem que lhe vem à cabeça: [resposta espontânea, simples]

- O seu poder reivindicativo 1
 A sua capacidade de mobilização 2
 O delegado sindical 3
 Manifestações 4

P16 Já participou em alguma manifestação de protesto da CGTP-IN?

- Sim 1
 Não 2

P17. Já fez greve alguma vez?

- Sim 1
 Não 2 (PASSAR À P.19)

P17a. Quantas vezes fez greve? (| _ | _ |)

P18. Quais foram os resultados da última vez que fez greve?

- Nenhuns 1
 Parciais 2
 Totais 3

(PASSAR AO BLOCO DADOS DE CLASSIFICAÇÃO)

P19. Porque motivos nunca fez greve? [resposta espontânea, múltipla]

- Não tem concordado com os motivos apresentados pelo sindicato 1
 Não saber quando é que ela foi convocada 2
 Não prejudicar a empresa 3
 Recear represálias por parte da entidade patronal 4

	Questionário	Quest nº	5
--	--------------	----------	---

DADOS CLASSIFICAÇÃO

Para terminarmos tenho mais algumas perguntas para lhe fazer, apenas para fins de dados de caracterização.

C1. SEXO [NÃO PERGUNTAR]

Masculino 1
Feminino 2

C2. Qual a sua instrução escolar completa? (Resposta espontânea)

Não sabe ler nem escrever/Analfabeto 1
Primária incompleta/Sabe ler sem ter completado a primária 2
Primária completa 3
Ciclo Preparatório (completo) 4
9º Ano (antigo 5º ano (completo)) 5
11º / 12º / antigo 7º ano (completo) 6
Curso profissional / artístico 7
Curso médio / frequência universitária 8
Licenciaturas 9
Novas licenciaturas 10
Mestrados/ Pós-graduações 11
Doutoramento 12

C3. Qual é a sua ocupação/profissão? [Indicar ocupação/profissão o mais detalhado possível. Por exemplo funcionário público ou bancário, indicar a função que exerce; SE FOR PROFESSOR INDICAR O ANO; SE FOR MILITAR INDICAR A PATENTE, etc ... Se for reformado(a) ou desempregado(a), indicar também a Ocupação anterior]

C4. Qual a sua situação profissional?

Patrão 1
Independente 2
Assalariado 3

C5. Qual o sector de actividade da empresa onde o(a) Sr.(a) trabalha? (resposta espontânea)

Indústria 1
Construção 2
Comércio Grossista 3
Comércio Retailista 4
HORECA 5
Serviços 6
Adm. Pública 7
Agricultura 8
Telecomunicações 9
Outro: _____

C7. Qual a sua situação contratual com a empresa onde trabalha?

Efectivo 1
Com avença 2
Trabalho temporário 3
A prazo 4
Recibos Verdes 5

Para efeitos de supervisão do trabalho pode dar-me o seu nome e nº de telefone se faz favor?

Nome do entrevistado: _____

Telefone: | | | | | | | | | | | | | | | |

Concelho de Recolha: _____

Data: ____ / ____ / ____ Hora: ____ : ____

Nome do Entrevistador: _____

Código Entrevistador: | | | | | |